

Futebol no Feminino: O Papel do Género em Querer Jogar à Bola

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Ana Rita Morgado Silva

**Dissertação de Mestrado em Sociologia
Comunidades e Dinâmicas Sociais**

Agosto 2019

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Sociologia, com a especialização Comunidades e Dinâmicas Sociais, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Manuel Gaspar da Silva Lisboa

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento impõe-se à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas enquanto instituição, e a todo o corpo docente com quem contactei ao longo do meu percurso universitário. Mais do que um sítio de formação académica, estarei sempre grata pelo crescimento pessoal e o espírito crítico que as ciências sociais me ofereceram.

Agradeço ao Professor Manuel Lisboa, pela orientação no desenvolvimento desta etapa. Agradeço os conselhos académicos ao longo do projeto, as palavras experientes relativamente ao passo seguinte, e agradeço a constante motivação e incentivo demonstrado às ideias soltas que resultaram neste trabalho.

Deixo também o meu agradecimento às entrevistadas pelo contributo e disponibilidade demonstrada ao longo da conversa, e pela amigabilidade em responder às mais diversas inquietações.

A todas as pessoas que trocaram ideias comigo. Desde as discussões teóricas em contexto universitário, à discussão trivial de café sobre o que nos rodeia. Das mais diversas formas, foram vários os momentos de diálogo ao acaso que deixaram o seu contributo no meu exercício pessoal e teórico de pensar o mundo. Dos mais constantes aos passageiros. Dos que ouviram uma vez a expressão “construção social” aos que passaram a utilizá-la. Dos que aprenderam o significado ao mesmo tempo que eu.

Por último, mas não menos importante, deixo o meu sincero obrigada às pessoas que de uma maneira ou de outra, contribuíram e possibilitaram a minha ingressão, progresso e investimento na minha formação académica.

Futebol no Feminino: O Papel do Género em Querer Jogar à Bola

Rita Morgado

RESUMO

Abordando o género como uma noção socialmente construída e reconhecendo a importância da socialização nesse processo de construção, este trabalho pretende compreender a dinâmica com a qual uma rapariga é confrontada ao escolher jogar futebol. Através de entrevistas semiestruturadas às quais se aplicou a análise de conteúdo e estabelecendo que o futebol é principalmente caracterizado como uma atividade masculina, entrevistaram-se três atletas federadas. Analisa-se a experiência no crescimento em relação ao futebol no contexto familiar e na escola; explora-se a perceção das entrevistadas sobre como as equipas femininas são tratadas pelos seus clubes em comparação com as equipas masculinas; e analisa-se a experiência de praticar um desporto socialmente associado aos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Género, Construção Social, Futebol, Desigualdades, Socialização.

ABSTRACT

Acknowledging gender as a social constructed notion and recognizing the importance of socialization in that constructing process, this work pretends to understand the dynamic that a girl is confronted with while choosing to play football. Using semi structured interviews to which content analysis is applied and establishing that football is mostly characterized as a male activity, three federate athletes were interviewed. The growing up experience is analysed in relation to football in a family context and at school; the interviewees' perception of how women's teams are dealt with by their clubs in comparison with men's teams is explored; and their experience in practicing a sport that is socially associated with men is analysed.

KEYWORDS: Gender, Social Construction, Football, Inequalities, Socialization.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo 1 - Género: construção teórica..... | 7 |
| 1. Problematização do conceito de género..... | 7 |
| 2. Desigualdades e género: feminismo e patriarcado..... | 10 |
| Capítulo 2 – Desporto no feminino: o futebol como agente social..... | 15 |
| 1. As raízes do desporto e a variável género..... | 15 |
| 2. O futebol enquanto objeto sociológico..... | 20 |
| 3. Futebol feminino: caracterização do fenómeno..... | 25 |
| Capítulo 3 - Estratégia de investigação, método e amostra..... | 31 |
| 1. Caracterização do objeto de estudo..... | 31 |
| 2. Metas de investigação e escolha do método..... | 33 |
| 3. Caracterização da amostra..... | 39 |
| Capítulo 4 – Socialização: o futebol como característica no género..... | 40 |
| 1. Introdução ao futebol e contexto familiar..... | 40 |
| 2. “Maria-rapaz”: ser rapariga e jogar à bola..... | 44 |
| Capítulo 5 – Contexto competitivo: a estrutura e a experiência..... | 46 |
| 1. A oportunidade de competir..... | 46 |
| 2. Entraves estruturais à prática..... | 49 |
| 3. Presença feminina na estrutura..... | 53 |
| Capítulo 6 – A experiência, o futebol e o género..... | 55 |
| 1. Estereótipo: as raparigas num jogo masculino..... | 55 |
| 2. Futebol sem género..... | 58 |
| 3. A (re)construção do futebol: práticas e clubes..... | 60 |
| 4. Motivações para continuar a praticar..... | 64 |

| | |
|------------------------------|----|
| Conclusão | 65 |
| Bibliografia citada | 73 |
| Documentos consultados | 77 |
| Índice de figuras..... | 78 |
| Anexos | 79 |
| Anexo 1 | 79 |
| Anexo 2 | 83 |
| Anexo 3 | 84 |
| Anexo 4 | 85 |

LISTA DE ABREVIATURAS

FPF – Federação Portuguesa de Futebol

FIFA – Fédération International de Football Association

INTRODUÇÃO

Futebol e género. Género e futebol. Enquanto desporto e espetáculo, o futebol prima a sua existência por ser um desporto maioritariamente associado aos papéis sociais designados para homens e à representação cultural do género masculino. A virilidade, a agressividade, o contacto entre atletas dentro de campo, constituem parte das características associadas ao desporto dito masculino e até desaconselhadas para a prática por parte das mulheres. Optar por cruzar os conceitos de futebol e género reflete o interesse em compreender a possível influência da noção de género na prática e vivência de um desporto que é tendencialmente considerado característico do género masculino.

É atribuindo importância ao fenómeno desportivo no geral e à influência que este tem no quotidiano da realidade social que cresce a relevância em relacionar o papel do género no contexto do desporto. Nos dias de hoje, a atividade desportiva está cada vez mais presente e implementada nas sociedades. Para além da utilização do desporto como meio de competição e, também, da utilização as suas propriedades de lazer, o desporto é fundamental para um estilo de vida saudável e importante para o estado de saúde das pessoas (Mendes et al., 2011).

Constituindo o desporto um fenómeno com efeitos e utilidades tão plurais, e sendo uma atividade presente na realidade social, a esfera desportiva parece um objeto de estudo que poderá permitir tirar diversas conclusões sobre o contexto em que está enquadrada. Constituindo uma esfera do social, o desporto terá práticas sociais associadas e terá mecanismos impressos na forma como este se manifesta. A análise das práticas e compreender os mecanismos e estruturas por trás das mesmas, remete para o papel e relevância que a análise do desporto pode ter em termos sociológicos, principalmente se se encarar o desporto como um fenómeno sócio histórico e que, desta forma, está sujeito às alterações temporais.

É assim natural que a análise de estruturas e mecanismos de uma sociedade possa ser feita através dos desportos presentes em cada uma delas e de como esta os encara. Desta forma o estudo do desporto na análise do social permite tirar conclusões sobre a integração dos indivíduos em sociedade, tirar conclusões sobre a ação no

desporto que permite globalmente conhecer melhor os indivíduos enquanto atores sociais (Costa, 1992).

Considerando-se o futebol como, muito provavelmente, o desporto número um em Portugal, o desporto número um na Europa e, até mesmo, o provável desporto número um à volta do globo, cruzar este fenómeno com a importante luta das desigualdades de género parece apelativo. Primeiro, porque o futebol possui uma relevância social, cultural e económica inqualificáveis, revelando-se como um fenómeno imperativo do quotidiano português. Segundo, porque o crescimento de mulheres a praticar futebol por todo o mundo, nomeadamente em Portugal, alberga novos holofotes relativamente à questão de o futebol poder ser cada vez mais um desporto de pessoas e não de géneros.

Para construir uma linha de raciocínio entre género e futebol, relaciona-se a noção de desigualdade. A temática das desigualdades sociais no âmbito da Sociologia é fulcral. O estudo relativo às desigualdades presente nas sociedades, quer enquanto indivíduos, quer enquanto um todo, é um dos problemas de investigação mais enraizados e interessantes na produção de conhecimento sociológico. Desde desigualdades de foro económico até às desigualdades de foro racial, passando por desigualdades simbólicas, as desigualdades são objeto de estudo fundamental na Sociologia. Entenda-se, assim, que as desigualdades presentes no indivíduo são-lhe inerentes e existem para além de qualquer mérito que este consiga ter perante determinado recurso – tem sempre a desigualdade à priori associada – e a tendência é que esta se mantenha e reproduza através dos mais diversos sistemas do social (Almeida, 2013: 25-50).

Nos dias de hoje, as desigualdades de género são, no estudo do social, um dos pontos de interesse e atenção mais relevantes; combater as mesmas revela-se como um dos motes principais na agenda atual do combate às desigualdades. Assim, as desigualdades de género constituem foco ao longo deste trabalho, nomeadamente como estas podem ou não manifestar-se na prática do futebol. Contextualizando a nível nacional no que toca às desigualdades de género, analisa-se o Gender Equality Index. Apresentado no ano de 2017, este concluiu que, segundo os critérios analisados, Portugal é o 7º país com maior índice de desigualdade de género numa análise em que entram os 28 Estados-membro da União Europeia. Entre 2005 e 2015 foram recolhidos

dados relativamente aos seis domínios em análise (trabalho, dinheiro, conhecimento, tempo, poder e saúde).¹ A posição de Portugal permite interpretar uma sociedade portuguesa onde a desigualdade de género é bastante acentuada, segundo estes critérios e enquadramento do estudo.

Historicamente em desigualdade desde a casa de partida, o género feminino é apresentado às várias esferas da vida social como o género subordinado, condicionado e segregado em favorecimento do género masculino. Na mesma linha de raciocínio, a esfera desportiva, em particular o futebol, sempre se distinguiu como uma modalidade tendencialmente de homens e para homens. A crescente inserção da mulher em domínios que outrora apenas existiam para os homens (como por exemplo, a esfera laboral) remete para um reajustamento da realidade social e para um reajustamento das perceções de atividades definidas para o género masculino e de atividades definidas para o género feminino. A inserção da mulher no desporto, representa um exemplo disso mesmo.

A análise da interação entre indivíduos no contexto desportivo, as relações de força e de poder no campo do desporto, o simbolismo de praticar desporto x ao invés de desporto y, os mecanismos mediáticos envolventes, fazem com que o desporto e, neste caso, o futebol, sejam alvos interessantes de um ponto de vista sociológico a nível global, particularmente em Portugal devido ao seu enraizamento e preponderância na cultura portuguesa.

Atingindo o futebol federado os maiores números em termos estatísticos de mulheres a praticar futebol e ao verificar-se um crescente novo mediatismo da modalidade (embora ainda muito mínimo em comparação com o masculino) impulsionado pelos resultados positivos da seleção A, tal como a recente afirmação e profissionalização de estruturas já historicamente estabelecidas no futebol, como o Sporting Clube de Portugal e o Sporting Clube de Braga, encontra-se uma nova motivação para estudar o fenómeno futebolístico no feminino. Para além disso, surge também, o papel impulsionador da Federação Portuguesa de Futebol para que se fale

¹Informação retirada do site <http://blog.cei.iscte-iul.pt/21o-lugar-para-portugal-no-ranking-da-ue-28-sobre-igualdade-de-genero/>, consultado no dia 8 de Junho de 2018.

mais de mulheres a praticarem futebol, nomeadamente com campanhas como as já conhecidas Responde em Campo ou a Festa do Futebol Feminino. Todas estas nuances revelam-se como pontos que levantam todo um grupo de questões e interesse sobre o futebol feminino no geral, e as dinâmicas de género no mesmo em particular.

Deste modo, pretende-se compreender na perspetiva de uma praticante de futebol feminino a experiência e os possíveis condicionantes. No fundo, pretende-se perceber a vivência de ser uma rapariga a praticar um desporto socialmente aceite como masculino e compreender se durante ou devido a essa prática sentiu algum tipo de alteração na associação entre futebol e género em virtude da contínua prática e presença do futebol feminino.

Enumeram-se as inquietações orientadoras que originaram do questionamento pessoal sobre o tema e as quais se pretendem compreender:

1) De que forma se inicia o contacto entre o futebol e uma rapariga? E de que forma está a modalidade presente no crescimento? Sendo uma modalidade historicamente de afirmação do género masculino, perceber o papel do futebol na vida da rapariga é motivo de curiosidade sociológica, assim, como a abordagem por parte do contexto envolvente relativamente a ser uma rapariga num desporto principalmente associado aos rapazes.

2) Na perspetiva de uma atleta, como estão as estruturas preparadas para o futebol feminino e quais as diferenças de tratamento entre plantel feminino e masculino? Não podendo o desenvolvimento do futebol feminino ainda ser comparado com o masculino, pretende-se perceber como se sentem as atletas em relação aos pares masculinos (dentro dos clubes) e como estas percecionam a presença feminina (equipa técnica, árbitros) na modalidade.

3) O futebol ainda é percecionado como uma modalidade masculina? Na perspetiva das atletas, aponta-se perceber na primeira pessoa se estas sentem discriminação enquanto raparigas no futebol, se enfrentam maiores dificuldades de afirmação devido ao género. Ou seja, no fundo, se o futebol ainda é um desporto “genderizado”.

Apresenta-se agora a forma como este projeto de investigação foi organizado em virtude de se responder às questões anteriormente descritas. Primeiramente, construiu-se uma linha teórica que permitiu analisar, não só conceptualmente a noção de género,

como existiu um esforço para compreender como esta é construída. Compreender, assim, a construção social do género e das dinâmicas envolventes. Este pilar na abordagem teórica remete para a proposta do estudo do futebol no feminino, implicando compreender as condições de masculino e feminino, para uma melhor análise do papel do género dentro do futebol.

O segundo pilar teórico deste trabalho propôs-se a conhecer melhor as propriedades do futebol enquanto fenómeno social e estatístico de forma a que se compreenda melhor a modalidade, permitindo uma análise do género dentro da esfera apresentada. Assim, um dos objetivos é perceber a construção do género no desporto, e analisar a variável género utilizando o futebol como contexto.

Em termos metodológicos, apesar de se reconhecer a importância da análise estatística (e de se referir que a mesma constituiu ferramenta para finalizar este projeto), a substância do mesmo é sustentada na análise qualitativa. Com o interesse em compreender e desconstruir as experiências e vivências da amostra enquanto atletas de futebol, a opção metodológica recaiu sobre um método de carácter qualitativo, através de entrevistas semiestruturadas e da sua análise de conteúdo. A investigação guiou-se por dois princípios maiores: por um lado, compreender a socialização e o papel do futebol numa fase de crescimento e em contexto familiar; compreender se experienciaram diferenças estruturais e de tratamento para os planteis masculinos em contexto de competição e, por outro lado, perceber a perceção na primeira pessoa relativamente à prática de uma modalidade estereotipada por género.

De um ponto de vista pessoal, a motivação de juntar a variável género e o fenómeno do futebol reflete o interesse nas questões de género e motiva-se adicionalmente, pela ligação pessoal à modalidade. Enquanto rapariga e, desde muito cedo, “futebolista” em contexto de lazer (e, mais tarde, em contexto escolar e universitário), desde idade precoce fui confrontada com a dinâmica associada às raparigas no futebol, um universo apresentado como masculino. Para além deste facto, enquadro-me, a meu ver, como adepta de futebol em todas as suas vertentes. Quer se fale em futebol como desporto, como espetáculo ou como fenómeno que promove a convivência à sua volta, possui um interesse plural no fenómeno e em tudo o que este inclui. Por estes motivos, a minha curiosidade sociológica em volta dos estudos de género e do futebol originou a seguinte proposta de trabalho. Esta oportunidade

constitui, assim, a primeira abordagem pessoal no que toca à Sociologia do Desporto, culminando a vontade de conhecer e teorizar sobre uma área que não me foi possível investigar no (já realizado) percurso académico.

Espera-se que no balanço final, não só seja possível analisar e investigar os pontos propostos nesta introdução, mas, ainda, retirar conclusões com relevância sociológica para as questões de género. A título individual, espero conseguir corresponder ao objetivo proposto de tornar o pensamento e curiosidade pessoal sobre a premissa de desconstruir o género no futebol em material que me permita, no fundo, fazer Sociologia.

CAPÍTULO 1 - GÉNERO: CONSTRUÇÃO TEÓRICA

1. Problematização do conceito de género

Para analisar um fenómeno como o futebol que continua na sua grande maioria a fazer parte do universo masculino, inclusive em Portugal, abordar conceptualmente o termo género é da mais extrema relevância para se compreender como este foi construído. Mobiliza-se igualmente a construção do conceito de sexo, pois revela-se implícito compreender o mesmo para analisar o conceito de género

As questões e abordagens ao conceito de género, sexo e igualdade de género têm vindo a sofrer alterações ao longo dos anos de acordo com o contexto temporal e sócio histórico. A identidade de género e os condicionantes associados à mesma variam e podem traduzir-se num caminho totalmente diferente entre rapazes e raparigas (Torres et al., 2018: 19-30). O conceito de género consiste nas diferenças sociais existentes que são reconhecidas entre o género masculino e o género feminino, sendo que, “por norma”, o género é associado ao sexo correspondente do indivíduo. *“Gender refers to those social, cultural, and psychological traits linked to males and females through particular social contexts. Sex makes us male or female; gender makes us masculine or feminine. Sex is an ascribed status because a person is born with it, but gender is an achieved status because it must be learned.”* (Lindsey, 2016: 4), ou seja, sexo e género são conceitos independentes entre si. Segundo a autora, o sexo é uma característica intrínseca ao indivíduo, enquanto que o género constitui uma característica aprendida ao longo do tempo pelos indivíduos.

Ao diferenciar os conceitos de género e de sexo é possível perceber que as relações de género podem ser independentes do sexo biológico da pessoa, estabelecendo que a noção de género e as respetivas relações são socialmente produzidas. O género constitui a representação cultural do sexo do indivíduo, representação esta socialmente construída sobre as características biológicas, categorizando-se um e outro em função dos papéis culturais atribuídos (Butler, 1990: 1-34). Explicando, género e sexo são noções construídas em simultâneo (isto é, nenhuma delas é pré-existente à outra) e a atribuição do género a uma pessoa não é determinada

pelo sexo, mas, sim, pela conceptualização de homem = género masculino e de mulher = género feminino. Para Butler, a construção do género sobre as noções de macho e fêmea, e a conceptualização binária de sexo não fazem sentido, podendo, no limite, existir vários sexos e vários géneros. Desmistifica-se, assim, a dicotomia biologia/social, que implica sexo A = género A. Desta forma, a conceptualização binária de sexo e da heterossexualidade também é historicamente e socialmente construída, baseando-se na falácia de homem do género masculino e mulher do género feminino de orientação sexual hétero (Butler, 1988).

Focando a noção de género, esta ao ser socialmente construída, reflete dinâmicas e mecanismos previamente existentes na sociedade; o social enquanto contexto sob o qual o conceito se molda (Giddens, 2010: 106-119), assim, sendo, o género é construído mediante comportamentos e práticas que estão associados a um papel masculino ou feminino (Amâncio, 1994; Giddens, 2010: 106-119). O género ao ser construído socialmente significa que, na realidade social objetiva, existem papéis e comportamentos associados a um género específico que são posteriormente interiorizados. Historicamente, vários papéis sociais se estabeleceram como papéis adequados e exclusivos a serem materializados pelas mulheres e outros tantos definidos para serem materializados por homens, existindo uma separação entre atividades consideradas mais indicadas para o género feminino e atividades consideradas mais indicadas para o género masculino.

A socialização (Berger e Luckmann, 1999) consiste no processo segundo o qual um indivíduo se torna membro da sociedade, isto é, consiste na interiorização do mundo que o rodeia: consiste na apreensão da realidade objetiva no social. A socialização primária enquanto conceito remete para a primeira socialização do ser social nomeadamente através da experiência na infância, a primeira vez que o indivíduo está exposto à sociedade e aos seus processos. A socialização primária dá-se por norma em contexto familiar, mas o contexto pode variar de acordo com a experiência de cada pessoa. Por socialização secundária entende-se como a socialização do indivíduo sempre que este entra em contacto com novas esferas do mundo social, após já ter experienciado a socialização primária.

O conceito de socialização é importante na vivência das pessoas e na abordagem qualitativa para se perceber a influência, quer dos primeiros momentos de socialização

na vida das entrevistadas (nomeadamente o futebol e o contexto familiar), quer para perceber a socialização secundária em esferas como, por exemplo, a escola ou o clube, especialmente depois de se estabelecer que as características de género são construídas no mundo social (estando a socialização refém dos pré concebidos papéis de género).

A realidade social está em constante construção, seguindo a dinâmica do ator social interiorizar a realidade objetiva que presencia, mas podendo o ator “criar” ou “recriar” a realidade ao exteriorizar comportamentos e práticas que se tornam depois objetivas e possíveis então de interiorização aos restantes atores sociais (Berger and Luckman in Corcuff, 1995: 66-72).

Os papéis sociais de género podem, assim, sofrer alterações gradualmente, sendo totalmente mutáveis: *“Shared and defined by the larger society, these cultural norms offer general guidelines for role behavior that are selectively chosen and acted on in various social settings. Social constructionism is also consistent with the end point fallacy because the definitions are never completely rigid; they are always in a state of flux. Workplace definitions of gender appropriateness, for example, are modified when men and women replace one another in jobs that earlier would have been defined as “gender inappropriate.”*” (Lindsey, 2016, 11). Desta forma, introduz a capacidade da agência do indivíduo, a ação, em alterar parâmetros previamente definidos. Questiona-se, assim, a importância da socialização e do contacto no crescimento com o futebol do ponto de vista do género feminino.

2. Desigualdades e gênero: feminismo e patriarcado

As diversas abordagens ao conceito de gênero e à construção das desigualdades que derivam do conceito são assunto de discussão na Sociologia contemporânea, discutindo-se neste trabalho sumariamente um enquadramento das teorias feministas. Antes de se introduzir a noção de feminismo, apesar da desconstrução dos conceitos de gênero e sexo previamente realizada neste trabalho – à qual se atribui a maior pertinência de um ponto de vista de pensamento do social – para se enquadrar este trabalho numa lógica de desigualdade de gênero, utilizar-se-á a conceptualização binária de masculino e feminino. Tendo o futebol feminino como foco deste trabalho, metodologicamente, a lógica binária revela-se como imperativa em termos de estrutura, objetivo e tempo de pesquisa para este estudo. Não obstante, a desconstrução da lógica binária de sexo e gênero feita sobre a alçada de Butler consiste num ponto deste trabalho que apresenta relevância sociológica.

Para as teorias feministas, as relações de gênero constroem-se com base na oposição: os homens enquanto o gênero que oprime e domina utilizando os vários mecanismos e estruturas para o fazer e, por outro lado, as mulheres são remetidas para o papel que é dominado e submisso (Marivoet, 2002). Entende-se, assim, a noção de igualdade de gênero como o igual direito no acesso a recursos e poderes entre homens e mulheres, independentemente da identidade de gênero ou orientação sexual (Torres et al., 2018: 19-30). Desta forma, a desigualdade de gênero revela-se como as desvantagens no acesso a um recurso que pode ser material (acesso ao mercado de trabalho e a determinados postos) ou simbólico (acesso a posições de decisão na esfera social) em função de se ser homem ou mulher, sendo que já se estabeleceu a lógica das desigualdades sobre as mulheres. Define-se, assim, feminismo como o conceito que procura a igualdade de gênero.

De forma resumida, o feminismo enquanto movimento divide-se em três fases, também conhecidas como vagas. Temporalmente, pode localizar-se a primeira vaga entre o século XIX e inícios do século XX, a segunda nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX e a terceira vaga localiza-se a partir dos anos 90 (Teixeira, 2016). A primeira vaga caracterizou-se pela luta dos direitos das mulheres, sendo o direito ao voto a maior vitória da primeira fase. A segunda vaga para além do foco dos direitos legislativos, foca-

se igualmente nas desigualdades ditas culturais entre o papel do homem e da mulher na sociedade. Por sua vez, a terceira vaga destaca-se pela abordagem mais ampla e diversa ao feminismo de segunda vaga, quer em termos de discurso ou de prática (Teixeira, 2016).

Além do feminismo enquanto movimento social, o conceito é também uma ferramenta teórica na análise do conceito de gênero e das desigualdades. O feminismo liberal e o feminismo radical (talvez as duas formas de feminismo mais aplicadas na discussão do conceito de gênero) refletem perspectivas diferentes de como analisar o gênero feminino perante a sociedade atual.

O feminismo liberal baseia-se no simples princípio da igualdade entre todas as pessoas, isto é, baseia-se no princípio da igualdade de oportunidades e da igualdade de estatuto para todos. Omite, porém, que a socialização do indivíduo é construída muitas vezes em função do gênero que lhe é reconhecido, e como tal as experiências e percepções variam entre homens e mulheres, dificultando no limite serem seres totalmente igualitários (Birrell, 2000).

Por outro lado, o feminismo radical defende que o princípio de “apenas” se lutar pela igualdade de gênero é insuficiente. Para esta corrente teórica, idealizar a igualdade de gênero num sistema que por si só favorece o gênero masculino, não é solução. Esta corrente feminista apresenta como solução que para o papel das mulheres mudar na sociedade, é preciso que esta por si só mude juntamente com todos os seus mecanismos e pilares sobre os quais esta se sustenta. Defende, no limite, uma revolução que vise implementar estruturas que impulsionem a igualdade de gênero (Birrell, 2000). Ambas as teorizações apresentam apenas a variável gênero, não tendo em conta variáveis como classe social, raça ou orientação sexual. Pode identificar-se traços na teoria liberal da supremacia da ação e da importância da mesma na luta pela igualdade de gênero, enquanto que na teoria radical pode analisar-se a ideia de supremacia das estruturas sociais em relação à ação humana.

“Social science must have concepts which allow for both the abstraction of institutional formations, which are beyond and above any individual action, as well as recognising the reflexivity of human actors. We need concepts which mean that we do not have to choose

between an account led by either structure or agency, but one in which they are seen as mutually compatible, co-existing and complementary.” (Walby, 1996: 3)

Enquadra-se teoricamente este trabalho no seguimento da citação de Sylvia Walby. O género será tratado enquanto um produto do social, construído ao longo do tempo, tanto pela ação individual, como pela estrutura. Seleciona-se, desta forma, uma abordagem que desconstrói uma das velhas questões sociológicas sobre a dicotomia entre agência (abordagem interacionista com foco na ação) e estrutura (abordagem estruturalista com foco nas estruturais sociais). Opta-se, assim, por uma abordagem construtivista que junta ambas as noções, abordagem esta já desenvolvida previamente. Para explicar de que forma as desigualdades de género estão presentes no dia-a-dia, remete-se para a mesma autora.

A sociedade patriarcal apresentada por Walby (1990) caracteriza-se por ser um sistema de estruturas que origina relações sociais, estruturas as quais reproduzem a subordinação das mulheres ao papel masculino, precisamente por essas estruturas beneficiarem os homens. À partida, a presente ideia identifica-se com os princípios do feminismo radical: as desigualdades de género estão tão intrinsecamente presentes na sociedade contemporânea, que só a reforma de todas as estruturas e esferas sociais que de origem favorecem o género masculino se apresenta como solução.

Definem-se duas formas de manifestação do sistema patriarcal: a forma pública e a forma privada. O sistema patriarcal privado, predominante no século XIX, manifesta-se no seio familiar e doméstico, sendo esta a estrutura que reproduz a exploração da mulher por parte do homem, exploração feita de forma individual (Walby, 1990). O sistema patriarcal público caracteriza-se por se manifestar através do mercado de trabalho e do Estado durante o século XX, altura em que acontece a entrada das mulheres na esfera pública, manifestando-se a reprodução das desigualdades de género através da segregação de certas estruturas (no foro público) em relação às mulheres. O domínio masculino caracteriza-se por ser imposto de forma coletiva, através das estruturas (Walby, 1990). A mudança de paradigma entre sistema patriarcal privado e sistema patriarcal público, o agora dominante, não implica ultrapassar o sistema privado por completo, implica, apenas, uma nova forma e esfera da sociedade patriarcal.

É possível relacionar as duas correntes feministas apresentadas anteriormente com o sistema patriarcal público. O princípio da teoria liberal que todos somos iguais, não só se enquadra na esfera pública, como a igualdade de oportunidades defendida por esta corrente incentiva à inserção das mulheres nos mais variados domínios públicos, como o desporto, nomeadamente o futebol. A corrente feminista radical, ao defender a alteração das estruturas que perpetuam as desigualdades, enquadra-se na segregação que existe sobre as mulheres em relação aos homens no domínio público, e pode levantar a questão relativamente às estruturas desportivas, de que se estas realmente funcionam na lógica da segregação entre homens e mulheres.

A explicação acima descrita funciona como meio para compreender o diálogo entre ação e estrutura na construção das desigualdades de género. O nascimento do sistema patriarcal público como forma de reprodução das desigualdades entre homens e mulheres dá-se precisamente por existirem movimentos quer a nível da ação, quer a nível da estrutura (Walby, 1996). A nível estrutural observam-se mudanças derivadas da economia capitalista, nomeadamente o seu crescimento e conseqüentemente o aumento de postos de trabalho, em contraste com o papel da mulher no sistema patriarcal privado, com trabalho exclusivamente do foro doméstico. As alterações a nível de agência, observa-se os movimentos políticos feministas, que permitem através da ação coletiva criar novas estruturas para as relações de género (Walby, 1990, 1996).

Desta forma, a criação e desenvolvimento do sistema patriarcal público facilita a discussão pública das questões de género e das estruturas envolventes: da mesma forma que este sistema permite a inserção da mulher em várias esferas públicas, cria também outros níveis e estruturas que podem reproduzir desigualdades.

De acordo com as palavras de Walby (1996) analisadas anteriormente, agência e estrutura são conceitos que devem ser entendidos como dependentes mutuamente e só a análise conjunta permite perceber a influência que têm um sobre o outro, assim, como a formação da ação e da estrutura. Entende-se por ação a prática do futebol e por estrutura os clubes e todos os envolvidos em volta da modalidade, tal como a equipa técnica ou a equipa de arbitragem, ou seja, o contexto. O sistema patriarcal público pode manifestar-se na forma como o futebol feminino existe na esfera pública, tornando-se relevante perceber se existe uma dinâmica patriarcal associada. Já a noção de sistema patriarcal privado (que acontece em contexto doméstico) pode manifestar-se

na ideia de como a prática do futebol feminino pode entrar em conflito com os princípios do sistema patriarcal privado.

CAPÍTULO 2 – DESPORTO NO FEMININO: O FUTEBOL COMO AGENTE SOCIAL

1. As raízes do desporto e a variável género

Compreender o desporto na atualidade, implica compreender o desporto como um fenómeno social com diversas esferas de análise e com uma importância relevante no estudo do social. Através do estudo da prática desportiva é possível tirar interpretações e conclusões sobre uma sociedade, o seu funcionamento, os seus constrangimentos e a sua extensão enquanto campo sob o qual os seres sociais agem (Elias e Dunning, 1992; Costa, 1992; Marivoet, 2002). A aplicação da Sociologia ao estudo do desporto permite compreender os atores como seres sociais inseridos no contexto desportivo e as suas ações, interações e dinâmicas que são pautadas pelos mecanismos sociais já existentes (Marivoet, 2002). Interligar o desenvolvimento do desporto contemporâneo com o conceito de género origina uma perspetiva mais abrangente ao conceito de género em relação ao tema deste trabalho.

No continente europeu, nomeadamente em Portugal no final do século XIX, a atividade física surge como uma atividade de preponderância social, que visa o exercício do corpo, de forma a que exista um desenvolvimento positivo da sociedade portuguesa de um ponto de vista físico. Surge, assim, a integração, ainda que inicial e de forma lenta em termos práticos, da ginástica no ensino oficial, revelando novas preocupações com o corpo e a saúde (Serrado, 2014).

Apesar de existir uma noção geral do que significa o desporto e praticar desporto, este está sempre suscetível às perceções de quem o pratica, podendo esta atividade estar associada a um sentimento positivo ou negativo (Laker, 2002). O desporto está tendencialmente associado à atividade física e ao exercício corporal, no entanto, atividades como o xadrez também são consideradas desporto, as quais por si só, não possuem a finalidade do exercício físico (Serrado, 2014).

A implementação dos desportos modernos dá-se através da adaptação do conceito de jogo: a transição de atividade física de passatempo para atividade física enquanto desporto (Elias e Dunning, 1992). A regulamentação de jogos tradicionais por

parte das escolas inglesas (entenda-se, definir um objetivo de caráter físico e definir objetivos concretos de um ponto de vista do jogo) origina o desporto moderno como este se conhece (Serrado, 2014). O desporto moderno expressa um mote de competição e de alto rendimento, que nasce na cultura europeia e que se expande num fenómeno globalizado. Deixa assim de ser uma atividade associada exclusivamente às classes mais altas e de prestígio, perdendo força atividades como a caça (Serrado e Serra, 2010).

Este desenvolvimento revela-se fundamental para perceber o desporto nas sociedades modernas. Atividade que outrora apenas era praticada por um certo grupo de indivíduos que tinham o desporto como símbolo de classe e de distinção, passa agora a ser praticada por qualquer indivíduo independentemente do seu estatuto social. O desporto também perde o seu mote de servir puramente para efeitos de lazer, e torna-se possível ter como profissão a prática desportiva.

É apenas após a Revolução Industrial que o desporto se instala na cultura europeia como um fenómeno social com importância simbólica. Sendo produto da sociedade capitalista e dos movimentos industriais, não se pode, assim, ler as novas formas de desporto sem ter esta perspetiva em conta. Entende-se, desta forma, que o desporto reproduzirá os benefícios e problemas da sociedade industrial (Costa, 1992). Passando a existir uma sociedade fortemente vinculada na lógica do consumo, o desporto transforma-se num produto consumido pelos indivíduos, primeiramente numa lógica de lazer. Posteriormente, as novas nuances no desporto durante este período pautam-se, também, pela manifestação do desporto enquanto um espetáculo bastante comercializado, derivando, obviamente, da profissionalização da atividade (Marivoet, 2002a).

O papel da mulher nas origens do desporto é limitado. É somente após a implementação mais definitiva do desporto moderno e ao longo do século XX que as mulheres iniciam a sua participação na atividade. De referir que na primeira metade do século XX as mulheres não podiam participar na grande maioria das atividades desportivas (Cashmore in Archer and Lloyd, 2002: 1-18).

Salomé Marivoet (2002a) refere que o desporto moderno pode consistir num meio de reprodução de uma cultura tradicionalmente masculina e dominante por parte dos homens. Esta reprodução, não só permite aos homens comprovarem o seu estatuto de virilidade e de masculinidade, como permite-lhes do mesmo modo distanciarem-se

das mulheres, que tradicionalmente sempre foram consideradas como o sexo mais fraco. Desde as suas origens que o desporto se estabelece como uma atividade predominantemente aplicada à esfera masculina, construindo oportunidades e status para os homens, baseando-se na premissa das diferenças de género, quer físicas, quer a nível de interesses (Theberge, 2000).

Enquadram-se aqui as teorias feministas discutidas na secção anterior aplicadas à Sociologia do desporto, nomeadamente à Sociologia do desporto feminino. Para a autora, o feminismo no desporto possibilitou a análise e o realce de vários mecanismos institucionalizados para privilegiar os homens em detrimento das mulheres: *“The important impact of feminist intervention into sports sociology has been to uncover ways in which men’s power over women in sports has been institutionalized; it has provided a practical and symbolic challenge to male privilege which has resulted in a general recognition of gender as a basic category of analysis, and it has raised consciousness about the complexities and contradictions of gender relations in sports theory and practice.”* (Hargreaves, 1994: 26).

Igualdade de oportunidade e separatismo são as abordagens à Sociologia do desporto feminino descritas por Jennifer Hargreaves que se desenvolvem em seguida. O princípio da igualdade de oportunidade no desporto apela a uma posição igualitária da mulher em relação ao homem na esfera desportiva. A procura da igualdade de oportunidade no desporto baseia-se na noção de que apesar do universo desportivo ainda ser um universo predominantemente masculino, pode, no futuro, deixar de o ser. Apesar de atualmente o acesso feminino à esfera do desporto ser mais facilitado, as desigualdades historicamente construídas ainda resistem atualmente, afirmando-se como desigualdades não derivadas das diferenças físicas entre sexo, mas das diferenças culturais entre género. (Hargreaves, 1994: 25-41; 2004).

“Biological ideas were used specifically to construct social ideas about gender and to defend inequalities between men and women in sports. Because large numbers of men and boys were seen to play sports, and women generally were not—the evidence confirmed that this was in the ‘natural’ order of things. However, although these popular images exerted tremendous pressure on nineteenth-century

women to conform to them, it was nevertheless possible for some women to construct alternatives.” (Hargreaves, 1994: 44)

A superação do argumento das diferenças físicas entre homens e mulheres realça as diferenças entre géneros enquanto historicamente, culturalmente e socialmente construídas, entrando em cena o conceito de agência e a importância que este tem na afirmação do desporto enquanto atividade feminina e atividade estabelecida em função das mulheres (Hargreaves, 2004).

A noção de igualdade de oportunidade, embora presentemente aplicada ao contexto desportivo, expressa a vertente do feminismo liberal em relação à igualdade de género em todos os aspetos do social. Trata-se da ideologia liberal de fornecer acesso igual às mulheres a estruturas tradicionalmente masculinas. Esta forma de liberalismo desportivo enquadra-se na mesma crítica do feminismo liberal: a igualdade de oportunidades no desporto não apresenta um combate às estruturas estabelecidas que seguem o mote do desporto moderno e de uma sociedade patriarcal. Pensar exclusivamente em igualdade de oportunidade por género no desporto implica tentar que as mulheres consigam vingar e afirmar-se em contexto masculino, ao invés de se estabelecer o desporto como, também ele, contexto feminino (Hargreaves, 1994: 25-41).

O alcance da igualdade de oportunidades relativamente ao género está dependente do modelo democrático e das instituições que devem sustentar a igualdade de oportunidades por género: *“Sports liberalism is associated with the roles of organizations which hold power in the provision of sports resources— for example, the central government and other public bodies, such as local authorities; and sports organizations, such as the governing bodies.”* (Hargreaves, 1994: 27).²

O conceito de separatismo, pelo contrário, pretende espelhar a oposição entre desportos considerados apropriados para as mulheres e desportos considerados apropriados para os homens. Historicamente, estabeleceram-se papéis no desporto estereotipados por sexo, quer a nível da prática, quer a nível da decisão, reproduzindo,

² Esta ideia será importante para este projeto numa fase mais adiantada do mesmo para se perceber o papel dos clubes, da estrutura, na experiência feminina.

assim, desigualdades na presença das mulheres na área desportiva, em relação aos homens. Importante, no entanto, ter em conta que, ao pensar-se especificamente em papéis estereotipados por género, ignora-se o facto de as relações de género terem ao longo do tempo vindo a sofrer alterações interessantes (Hargreaves, 1994: 25-41). Torna-se relevante pensar nas relações de género como passíveis de alterações contínuas no futuro, visto que ao estarem inseridas na realidade social, tal como a mesma, encontram-se em constante (re)construção.

A abordagem separatista pretende que se criem estruturas específicas para o desporto no feminino, tais que permitam competir com o domínio masculino no campo. Embora diferente, o conceito de separatismo vai ao encontro do mesmo objetivo do conceito de igualdade de oportunidades no desporto. As raízes desta abordagem com o feminismo radical são por demais evidentes: ambas defendem a reforma das estruturas patriarcais existentes para que se possa pensar em igualdade de género (Hargreaves, 1994: 25-41).

Ao se estabelecer o género como socialmente construído, assim como as representações culturais adjacentes, estabelece-se também que o futebol para além do carácter desportivo, enquanto fenómeno reflete todo um tipo de pré-noções socialmente construídas em volta das suas práticas e formas de organização, estabelecendo-se como um fenómeno social. O futebol tornou-se culturalmente apropriado como atividade masculina, ou seja, tornou-se numa característica associada à construção do género masculino. Sendo o género feminino construído por oposição, o futebol não é historicamente uma característica associada ao mesmo. Tanto a teorização da igualdade de oportunidade como a teorização separatista apresentam abordagens para desconstruir o desporto em termos de caracterização por género. Cria-se o interesse em perceber como as atletas femininas percecionam e sentem na primeira pessoa a desigualdade de género no futebol.

2. O futebol enquanto objeto sociológico

O futebol moderno tem as suas origens em Inglaterra durante o século XIX, conhecendo o seu principal desenvolvimento na segunda metade do século, integrando rapidamente o quotidiano britânico devido à facilidade em compreender os princípios mais básicos. A modalidade chega a Portugal nas últimas décadas do século XIX e inicialmente é praticado pelas classes aristocráticas, desenvolvendo-se pouco depois (na parte final do século XIX) num desporto democrático e sem associação direta a status social (Serrado e Serra, 2010). Consiste numa modalidade jogada com uma bola, entre duas equipas, sendo o objetivo colocar a bola na baliza adversária: marcar golo.

O primeiro jogo que segue os princípios fundamentais do futebol em solo luso disputa-se no ano de 1889, apesar de, provavelmente, não corresponder ao ano do primeiro contacto entre Portugal e a modalidade. A sua institucionalização inicia-se nas primeiras décadas do século XX, surgindo a atual Federação Portuguesa de Futebol em 1926 (na altura União Portuguesa de Futebol), que 3 anos antes havia integrado a FIFA. É no final dos anos 30 e durante os anos 40 que o futebol se estabelece e institucionaliza em Portugal num formato já idêntico aos dos dias de hoje (Serrado e Serra, 2010).

Para o autor Marcel Mauss, o conceito de facto social total reflete os factos sociais que enquanto fenómenos para serem entendidos, devem ser compreendidos como fenómenos que se exprimem em mais do que uma área, fenómenos que são mais do que uma instituição do social.³ Considera-se, deste modo, o futebol como um facto social e considera-se o futebol um fenómeno que pode ser representativo do seu contexto social (Costa, 2010).

Estabelece-se, assim, o futebol como um fenómeno plural que possui dimensões diversas como a cultural (ser encarado como uma brincadeira do dia-a-dia das crianças) ou a económica (como as receitas de bilheteira e de venda de camisolas). Na verdade, o futebol consiste numa das modalidades mais acessíveis de praticar devido à facilidade de apreensão dos principais princípios de jogo e às suas características de desporto democrático. A sua rápida expansão por todo o globo reflete a capacidade de a

³ O futebol pode manifestar-se enquanto instituição nas mais diversas esferas, nomeadamente a política, como nos exemplos descritos mais adiante neste trabalho.

modalidade ser praticada em qualquer parte do mundo sem condicionamentos sociais. O futebol faz parte da cultura mundial e, em particular, tem lugar de destaque na cultura portuguesa.

Apesar de o desporto poder ser considerado como um tema sem um papel relevante no panorama da Sociologia e, como tal, um objeto que não permite significativa construção de problemas sociológicos (Elias e Dunning, 1992), discorda-se vivamente e tal como Elias e Dunning, defende-se a pertinência social do estudo do desporto por parte da Sociologia.

Encara-se o desporto como: *“[...] a social representation of historical, social and cultural forces, and at the same time it affirms, legitimates and reproduces those very same conditions. In other words, sport reproduces social reality and transmits those aspects of culture that convey meanings about the social, political and the economic order of society; about gender, race, and class relations; about the body and physical activity.”* (Greendorfer and Bruce, 1991:137 in Stroot, 2002: 129); o desporto como uma plataforma de análise para a realidade social envolvente.

A forma como a prática desportiva é desempenhada pelos indivíduos inseridos em determinado contexto social é fator fundamental de observação e análise e crucial para extrair conclusões sobre dinâmicas sociais existentes na sociedade em questão. A forma como estas dinâmicas se manifestam na prática do desporto permite construir uma linha de pensamento de dinâmicas gerais entre os indivíduos, entre os grupos, entre os diversos e diferentes olhares que se pode ter sobre o ator social, quer no singular, quer no plural.

Com isto, pretende-se afirmar que o estudo das práticas desportivas pode ser analisado no particular da atividade física como fenómeno em si, mas sem considerar as restantes características dos indivíduos no espaço social, não é possível ter uma visão total e completa⁴ (Bourdieu, 1988). Veja-se o seguinte exemplo neste raciocínio de como o desporto pode servir de meio para manifestar outras características que não as desportivas: o mercado desportivo funciona com base na raridade da oferta desportiva e, como tal, funciona com base no prestígio que daí poderá surgir. Desta forma, a

⁴ Para melhor compressão do espaço social segundo Pierre Bourdieu, sugere-se atenção aos conceitos de habitus (estruturas incorporadas), campo social (estruturas objetivas) e capital social.

raridade da atividade desportiva é procurada pelas classes de estatuto mais elevado, para que possam, assim, ser distinguidas em relação às restantes. Nesta lógica, o desporto é entendido também como cultura (Bourdieu, 1988).

Torna-se, desta forma, relevante e coerente afirmar que existe um conjunto de mecanismos sociais que influenciam a prática desportiva, mecanismos estes exteriores à habilidade ou não de praticar qualquer tipo de atividade física. Se nesta teorização está explícito que existe uma procura de associação entre atividades desportivas raras e as classes que puxam a si o prestígio na sociedade, parece lógico pensar que, para além desta distinção, poderão existir outras variáveis que influenciem, ditem ou se manifestem na prática desportiva, nomeadamente a variável género.

Ao pensar-se numa relação recíproca entre desporto e contexto, pensa-se o desporto como um meio e agente capaz de influenciar a esfera social em que se insere: *“In the burgeoning contemporary field of sport and development, advocates (us included) have proffered sport as a means to ameliorate gender inequities and to promote the empowerment of women and girls.”* (Meier & Saavedra, 2009: 1158). Desta forma, abordar o futebol ganha extrema pertinência ao interpretar-se o mesmo como um agente que pode ter influência na luta pelas desigualdades de género.

Se o futebol consiste num fenómeno de elevada relevância social e que pode ser representativo do contexto em que se encontra, pode pensar-se o futebol como um agente social que influencia esse mesmo contexto. Existe uma influência recíproca entre futebol e contexto. Coelho (2004) refere que o futebol enquanto fenómeno de popularidade mundial e sendo uma modalidade central no quotidiano dos atores sociais, vê a importância da ação desportiva várias vezes transportada para simbolismos e significados sociais nos mais variados temas e que ultrapassam a modalidade enquanto simples atividade desportiva.

Num artigo de 2008, Peter Hough discute precisamente contextos sobre os quais o futebol pode refletir a atmosfera envolvente, bem como apresenta contextos possivelmente moldados pela modalidade. O autor apresenta vários exemplos ao longo do texto, nomeadamente a utilização do futebol como propaganda política por parte do regime de Hitler. O exemplo aponta para o ano de 1938, quando seleção inglesa é convidada a deslocar-se a Berlim para um jogo de futebol, situação que originou uma

saudação nazi por parte dos jogadores da seleção inglesa, a pedido do próprio governo inglês (Hough, 2008).

Numa outra perspetiva, pode-se considerar o futebol uma espécie de “motor” social. Em 1969, Portugal sofre uma “*crise académica*”, que conheceu manifestações através do futebol ao lemo da Académica de Coimbra, o clube dos estudantes. Manifestações contra o regime salazarista e nomeadamente contra a falta de liberdade e democratização do ensino em Portugal elevaram a crise de 1969 a um importante momento orquestrado pelos estudantes de Coimbra, manifestação expressa nos equipamentos utilizados pela Académica de Coimbra nas meias-finais da Taça de Portugal do mesmo ano (através de braçadeiras em simbolismo do luto). Seguiu-se a presença na final no Jamor que permitiu ao movimento estudantil expressar-se em Lisboa e um pouco por todo o país através da palavra, de cartazes, faixas, tendo o movimento a sua maior visibilidade através do futebol (Serrado e Serra, 2010).

Já no ano de 2002 a FIFA decide realizar o mundial de futebol em conjunto com o Japão e a Coreia do Sul, escolhendo não optar por nenhum dos dois países e tentando “(...) *to bring two traditional antagonists together.*” (Hough, 2008: 1293). Evitando criar qualquer tipo de tensão entre os mesmos, a decisão da FIFA acabou por incentivar e promover a relação entre ambos os países, que se viram obrigados a comunicar entre si para a organização da competição, estendendo-se o diálogo a outros panoramas políticos e culturais entre Japão e Coreia do Sul (Hough, 2008).

Os exemplos acima descritos remetem para a dimensão do futebol enquanto um importante motor e alavanca social, podendo este de forma mais direta ou indireta, influenciar o contexto social inserido e vice-versa. Para além do discutido, vários artigos permitem discutir e apresentam exemplos de como o futebol pode ser um elemento importante e motor na mudança do social.⁵ Realça-se a importância do desporto

⁵British Council “Tackling gender inequality through football” britishcouncil.org. <https://www.britishcouncil.org/partner/international-development/news-and-events/tackling-gender-inequality-through-football> (consultado no dia 28 de Agosto de 2017)

Carter, Brittany. “Football perfectly placed to lead the gender equality charge for women in sport” abc.net.au ”<http://www.abc.net.au/news/2017-03-09/football-leads-charge-on-women-equality/8340446>, consultado no dia 28 de Agosto de 2017

Fleming, Steve and Verónica Escobar “Sport for development: the power of football to create social change” theguardian.com. <https://www.theguardian.com/sustainable-business/sport-development-football-effect-social-change>, consultado no dia 28 de Agosto de 2017

enquanto fenómeno: *“There is a widespread belief that sport (broadly defined) has the power to make ‘society’ more equal, socially cohesive and peaceful.”* (Spaaij, 2009: 1109).

Enquadra-se assim o futebol feminino e o seu papel na procura da igualdade de género. Interpreta-se o futebol enquanto fenómeno como possível alavanca para a mudança social e o futebol no feminino para a procura da igualdade de género.

Halty, Santiago “Beyond Soccer: Evolving the Game for Social Impact” huffingtonpost.com. http://www.huffingtonpost.com/santiago-halty/evolving-the-game-for-social-impact_b_4059893.html, consultado no dia 28 de Agosto de 2017

3. Futebol feminino: caracterização do fenómeno

Em Portugal, o desporto federado é a principal estrutura de desporto organizado nacional, sendo que no ano de 2016 existiam 590.668 atletas inscritos na competição federada, com destaque para os 168.097 inscritos no futebol, seguido dos 52.355 atletas inscritos na natação, encontrando-se como terceira modalidade mais praticada o andebol com 49.981 praticantes. O top cinco das federações com mais atletas inscritos fica completo com 43.635 atletas inscritos no voleibol e 40.135 praticantes de basquetebol.⁶ Afirmar que o futebol é o desporto mais praticado em Portugal é um *understatement*. Ao todo, em Portugal, cerca de 28% dos atletas inscritos em federações praticam futebol, enquanto o total das restantes modalidades das cinco mais praticadas constituem cerca de 31% dos atletas portugueses. Com uma percentagem similar, entre o futebol e as modalidades de natação, andebol, voleibol e basquetebol, as cinco modalidades representam mais de 50% dos praticantes federados totais em Portugal.

“O líder federativo [Fernando Gomes] lembrou ainda o crescimento, em mais de 50 por cento, do número de praticantes femininos num país em que as mulheres têm os mais altos níveis de sedentarismo. Em Portugal jogam atualmente futebol federado cerca de 8 mil meninas e senhoras.”⁷

Se o futebol no feminino é, atualmente, uma realidade a crescer na visibilidade e na prática, no início do século passado, quando o futebol dava os seus principais passos de desenvolvimento no Reino Unido, existiram jogos de futebol feminino com várias dezenas de milhares de pessoas na bancada. O futebol acaba, no entanto, por ser rotulado como “desaconselhado” para a prática feminina e, em 1921, a British Football

⁶Dados retirados de PORDATA, Base de Dados Portugal Contemporâneo. “Praticantes desportivos federados: total e por todas as federações desportivas – Portugal”, <https://www.pordata.pt/Portugal/Praticantes+desportivos+federados+total+e+por+todas+as+federações+desportivas-2227-178551>, consultado dia 10 de Junho de 2018.

⁷Informação retirada de <http://www.fpf.pt/News/Todas-as-notícias/Notícia/news/11899>, consultado no dia 1 de Maio de 2017

Association requisitou aos clubes existentes que não autorizassem a utilização dos seus meios para a prática do futebol por parte de equipas femininas (Archer and Lloyd, 2002: 1-18). Atualmente, a FPF orgulha-se de o número de praticantes femininas ter mais do que duplicado.

O início do futebol feminino em Portugal dá-se nos anos 70 através do Boavista Futebol Clube e do União de Coimbra, sendo o primeiro jogo disputado em 1972. O desenvolvimento da modalidade passou por vários entraves, entre os quais as diferenças de patamar para a competitividade internacional, corroborada pela primeira seleção nacional de futebol feminino (criada na época de 1981/1982) que, sem resultados positivos, apenas voltou ao panorama desportivo no ano de 1993; e a falta de competitividade interna e constante reestruturação do modelo competitivo, que apenas estabilizou com o atual modelo implementado na época de 2009/2010, extinguindo os campeonatos distritais e criando duas divisões: o Campeonato de Promoção e o Campeonato Nacional (Serrado e Serra, 2010a).

O contexto do futebol feminino nacional quando comparado com o futebol masculino fica bastante aquém, especialmente quando se analisam as diferenças muito significantes entre o número de atletas no feminino e o de atletas no masculino a praticar futebol. Ao comparar-se com o contexto internacional em termos de ranking da FIFA de seleções, à data da consulta, encontram-se países em que a classificação da seleção feminina é abruptamente superior à seleção masculina, como o Canadá (4º lugar para a seleção feminina e 79º para a seleção masculina) e a seleção número 1 do ranking feminino, a dos Estados Unidos da América que se encontra no 25º lugar no futebol masculino. Ao limitar-se à Europa, destaca-se a Noruega com 14º lugar no feminino e 53º no masculino. Portugal tem a sua seleção feminina e masculina nos 36º e 4º lugar, respetivamente.⁸

⁸Informação retirada dos sites: <https://www.fifa.com/fifa-world-ranking/ranking-table/women/index.html> e <https://www.fifa.com/fifa-world-ranking/ranking-table/men/index.html>, consultados no dia 8 de Junho de 2018

Analisa-se, de seguida, dados extraídos do site da FPF relativamente ao número de praticantes de futebol por género e por dois escalões: o escalão júnior e o escalão sénior.⁹ Os dados podem ser consultados em mais detalhe no Anexo 3.

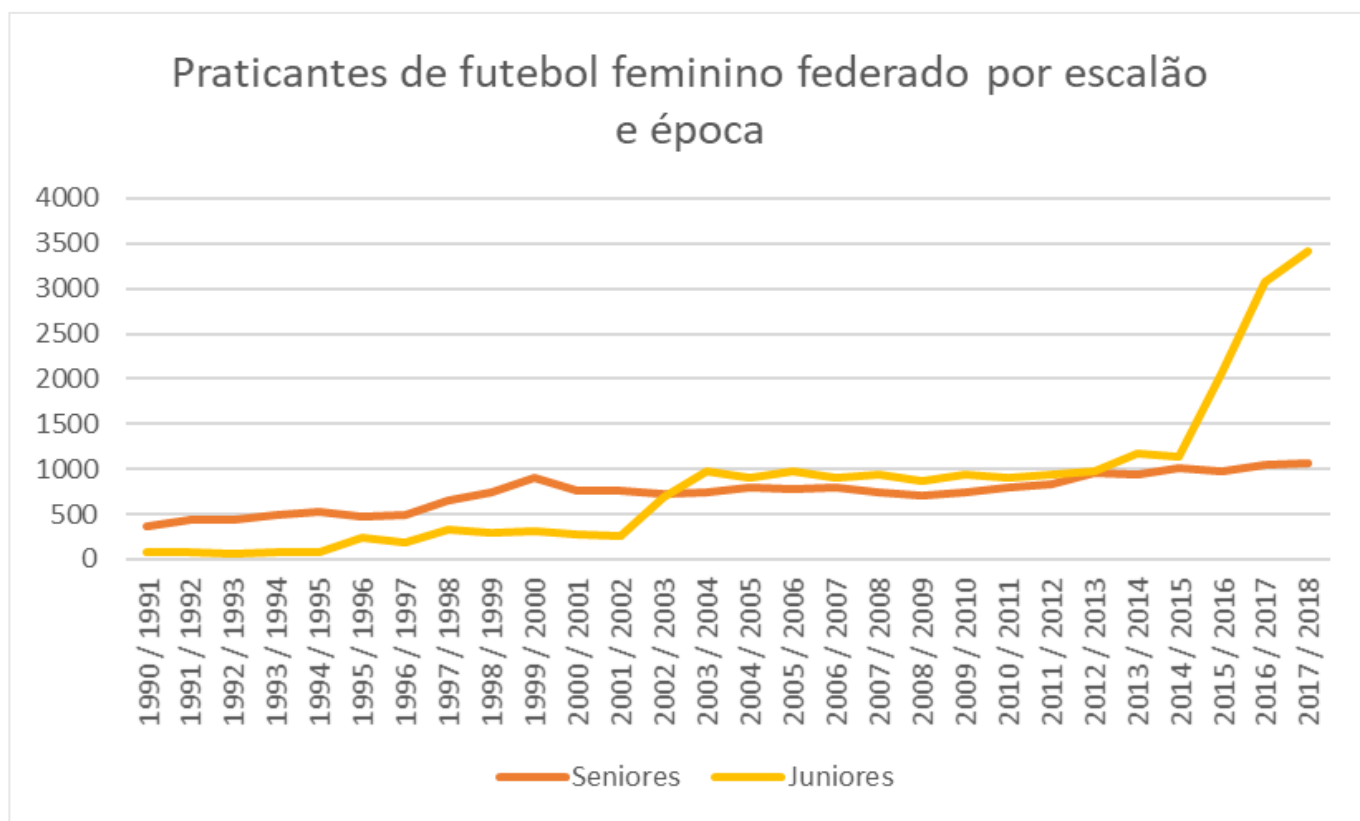


Gráfico 1 – Número de praticantes de futebol feminino nos escalões sénior e júnior entre a época 1990/1991 e a época 2017/2018

Analisando os dados do Gráfico 1, parece reconhecer-se a tendência que o futebol feminino tem crescido claramente em Portugal no que toca a praticantes. No entanto, apesar das duas linhas crescentes e contínuas que se observam, os dados remetem para um crescimento para pouco mais que o dobro nas seniores, e para um número atual de 3.421 praticantes juniores, em contraste com praticamente um número inexistente de atletas juniores na primeira época em análise (77 praticantes). No entanto

⁹ Dados retirados do site: <http://indicadores.fpf.pt/>, consultado no dia 18 de Junho de 2018

destaca-se também o contínuo crescimento a partir do ano de 2014 no escalão júnior, mostrando uma nova vida na formação feminina.

A relevância dos dados encontra-se ao analisar que os mesmos remetem para 28 épocas desportivas. Neste período, a FPF regista um crescimento positivo nos escalões em análise, mas em termos práticos, de 375 atletas seniores de futebol feminino 28 épocas depois, apenas se regista uma evolução para 1.060 atletas. Regista-se uma evolução em juniores e seniores, mas não tão clara como o gráfico pode induzir.

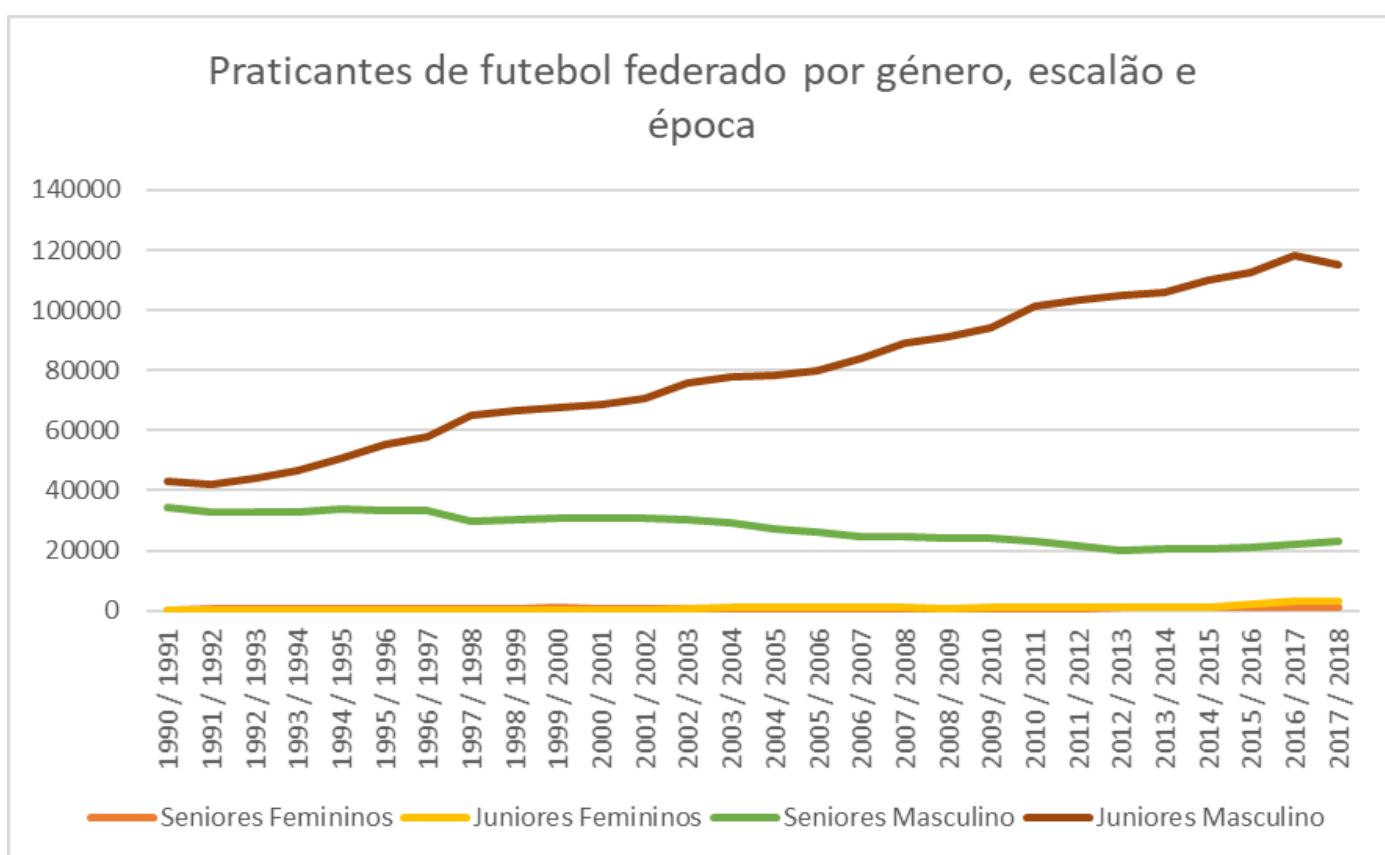


Gráfico 2 – Número de praticantes de futebol masculino e feminino nos escalões sénior e júnior entre a época 1990/1991 e a época 2017/2018

Sem surpresa, apesar de pequena, a evolução demonstrada no Gráfico 1 toma novos contornos quando se compara a evolução de praticantes masculinos de futebol e praticantes femininos de futebol, em juniores, entre as épocas de 1990/1991 e 2017/2018, observada no Gráfico 2. A diferença é absolutamente abismal.

Em sentido inverso, encontram-se os seniores masculinos que, apesar de registarem um decréscimo contínuo ao longo das 28 épocas aqui em análise, continuam com um número de praticantes substancialmente superior às seniores femininas: existem cerca de 20 vezes mais jogadores de futebol do que jogadoras de futebol no escalão sénior. As conclusões desta análise encontram-se expressas de forma mais detalhada no gráfico 3 com dados referentes exclusivamente à época atual (2017/2018).

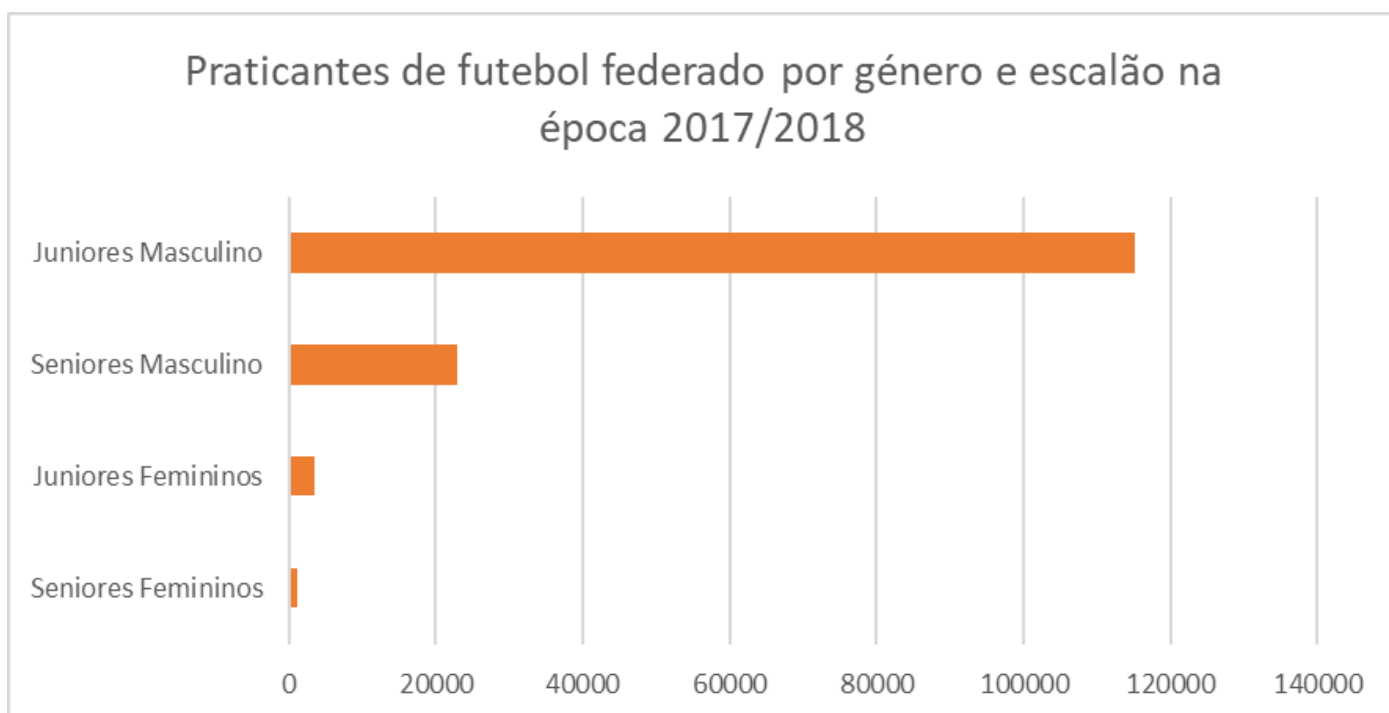


Gráfico 3 – Número de praticantes de futebol masculino e feminino nos escalões sénior e júnior na época 2017/2018

Ao encarar-se o futebol como um fenómeno social total, poderá a fraca participação das mulheres ser interpretado como uma alusão às desigualdades de género? Poderá a desigualdade de género estar presente e ser, inclusive, uma das causas para a fraca representação? Apesar da menor participação de atletas femininas quando comparadas com atletas masculinos, o crescimento do futebol feminino como apontado pelo presidente da FPF pode ser motor para uma finalidade de igualdade de género no social. O caso do futebol é um exemplo disso mesmo. As mulheres, em comparação com os homens, iniciaram mais tarde a prática desportiva e em Portugal, o

primeiro jogo de futebol feminino acontece 83 anos após o primeiro de futebol masculino. Tendo em conta o papel social da mulher atualmente como sendo um papel que já engloba a vida profissional e vida pessoal (entenda-se aqui, o trabalho doméstico que nem sempre é dividido de igual forma – ou de todo – com o género masculino), pode também supor-se que a falta de tempo secundarize a atividade desportiva para as mulheres.

O papel e a importância do futebol feminino surgem precisamente quando se pensa num reajustamento dos papéis sociais, nomeadamente os papéis associados ao género feminino, e como o contínuo crescimento do futebol feminino pode contribuir para uma mentalidade e construção de papéis igualmente associados a ambos os géneros.

CAPÍTULO 3 - ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO, MÉTODO E AMOSTRA

1. Caracterização do objeto de estudo

Antes de caracterizar-se o objeto de estudo, é importante realçar o que trata o desporto federado: consiste em desporto de competição organizado e regularizado pelas respetivas federações.

No ano de 2003 existiam 70.051 mulheres a praticar desporto federado, enquanto que em 2016 os números aumentaram para 168.622 mulheres praticantes num total já mencionado de 590.668 atletas.¹⁰ Esta evolução reflete a necessidade de uma nova forma de construção social do género feminino (a atividade física como uma prática associada ao género feminino). Assim, evidencia a necessidade de se exteriorizar comportamentos referentes à prática desportiva e ao envolvimento no desporto por parte do género feminino, de modo a que todos os indivíduos sociais, independentemente do género com que se identificam, interiorizem o desporto como uma atividade que proporciona igualdade entre o género masculino e o género feminino.

No entanto, apesar de uma evolução superior a 100% durante os 13 anos em análise, o número de praticantes do género feminino continua a ser extraordinariamente reduzido representando cerca de 30% do total de praticantes de desporto federado em Portugal, sendo os restantes 70% obviamente praticantes federados do género masculino.

Outra análise possível de retirar sobre os praticantes de desporto federado em Portugal encontra-se no Anexo 2. Com dados de 2013, na transição entre o último escalão de formação de desporto federado (escalão júnior) para a idade adulta, isto é, o escalão sénior, observa-se globalmente um decréscimo de praticantes. Apesar dos números representarem um decréscimo global, o decréscimo de atletas femininas é o

¹⁰ Dados retirados de PORDATA, Base de Dados Portugal Contemporâneo. “Praticantes desportivos federados: total e por sexo” <https://www.pordata.pt/Portugal/Praticantes+desportivos+federados+total+e+por+sexo-2229-178703>, consultado no dia 18 de Junho

dobro em comparação à queda de praticantes masculinos: enquanto na transição dos escalões de desenvolvimento para o escalão sénior os homens perdem cerca de 15% dos seus praticantes, as mulheres perdem 30% (COP, 2015).

Optou-se por investigar atletas federadas na modalidade de futebol. A FPF consiste no órgão regulador da prática de futebol em Portugal, tendo integradas as federações distritais distribuídas pelo país. Atualmente, no escalão sénior, pratica-se futebol feminino em quase todos os distritos + ilha da Madeira e Ponta Delgada. Em três dos distritos só se pratica em idade júnior (Viana do Castelo, Bragança e Portalegre) e nos distritos Vila Real e Faro não se pratica em nenhum dos escalões mencionados (sendo que na região do Algarve existe a possibilidade de praticar júnior e sénior na cidade de Albufeira).¹¹ Na atual época de 2017/2018 existem 1.018 atletas a praticar futebol federado sénior em Portugal.

¹¹ Informação retirada do site: <http://respondeemcampo.fpf.pt/>, consultado no dia 7 de Agosto de 2018

2. Metas de investigação e escolha do método

O principal objetivo deste projeto consiste em compreender o papel do futebol enquanto fenómeno e modalidade no que toca às relações de género, nomeadamente compreender a vivência das dinâmicas de género, utilizando como contexto a presença feminina no futebol.

Ao tratar-se o futebol como um fenómeno social total que se manifesta nas mais diversas esferas da sociedade e ao assumir-se que as relações de género são passíveis de alterações ao longo do tempo, é possível fazer a relação entre a participação feminina em torno da modalidade e perceber se existe uma desconstrução do futebol enquanto modalidade masculina.

Em ordem para responder às questões orientadoras desta investigação criaram-se dimensões que possam ser traduzidas em instrumentos de pesquisa. Para a questão número 1 – “De que forma se inicia o contacto entre o futebol e uma rapariga? E de que forma está a modalidade presente no crescimento?” – Pretende-se, primeiramente uma caracterização do primeiro contacto com o futebol, assim como compreender o início da presença do futebol na vida das entrevistadas, visto ser um fenómeno presente no quotidiano da cultura portuguesa. Interessa, também, compreender o primeiro contacto com a modalidade, como este é feito e como o contexto doméstico (o principal contexto de apoio durante o crescimento) tem um papel na dinâmica da socialização recíproca entre futebol e entrevistada. Caracterizado o primeiro contexto de contacto, também se pretende perceber a socialização ao longo do crescimento enquanto rapariga, quer na prática, quer na “brincadeira” do futebol, algo bastante comum na fase de crescimento de quem gosta da modalidade. A estes objetivos de trabalho enquadra-se a seguinte problemática:

- Socialização perante o futebol, à qual se atribui as dimensões – introdução ao futebol; futebol no contexto familiar; futebol no contexto de crescimento.

Para a questão número 2 – “Na perspetiva de uma atleta, como estão as estruturas preparadas para o futebol feminino, e quais as diferenças de tratamento entre plantel masculino e feminino?” – Abordando o contexto de prática federada, da competição, o principal objetivo passa por perceber, na primeira pessoa, a experiência. Enquanto pessoa do género feminino que cresce a praticar futebol e a transição para a

idade adulta. Perceber o papel das estruturas envolventes e da dinâmica de género: diferenças, atitudes, e quais os reflexos que podem ter na vida desportiva das entrevistadas. Para estes pontos, estabelece-se a problemática:

- Modalidade e competição, à qual se atribui a dimensão – futebol e experiência na competição.

Para a última questão, a número 3 – “O futebol é ainda percecionado como uma modalidade masculina?” – A última problemática envolve a construção da modalidade enquanto prática de género. Interessa compreender a vivência de ser uma atleta num contexto associado ao género masculino e interessa compreender a importância da afirmação do futebol feminino para a modalidade e para as relações de género, nomeadamente de desigualdade. A terceira problemática:

- Género e construção no futebol, à qual se atribui as dimensões – futebol e percepção da prática; futebol como agente social.

Estes objetivos encontram-se traduzidos e mais detalhados no Quadro 1 que se apresenta em seguida com a informação pretendida por esta investigação. O guião de entrevista que se encontra no Anexo 1 expressa em termos práticos e de pesquisa a procura pelos objetivos aqui enumerados.

Quadro 1 – Grelha analítica das problemáticas, dimensões, e informação pretendida da Análise de Conteúdo

| FUTEBOL NO FEMININO: FENÓMENO, MODALIDADE E A VARIÁVEL GÉNERO | | |
|--|-------------------------------------|--|
| Problemáticas | Dimensões | Informação pretendida |
| Socialização perante o futebol | Introdução ao futebol | <ul style="list-style-type: none"> - Primeiro contacto com o conceito, perceber se existe uma noção da introdução à modalidade e como esta aconteceu; - Primeiro contacto com a prática, perceber se existe lembrança do primeiro impacto com a modalidade jogada (quando, como, onde). |
| | Futebol no contexto familiar | <ul style="list-style-type: none"> - Abordagem dos pais (ou referências da entrevistada), perceber a diferença de abordagem entre pai e mãe; - Alguma dinâmica relativamente a referências masculinas (por exemplo irmãos); - Apoio familiar (ou do contexto doméstico); - Analisar o contexto primário da entrevistada em relação à prática do futebol. |
| | Futebol no contexto de crescimento | <ul style="list-style-type: none"> - Abordagem dos colegas na escola e/ou pares; perceber a distribuição por género na “brincadeira” do futebol; - A diferença entre rapazes e raparigas, integração e papéis de género. |
| Modalidade e competição | Futebol e experiência na competição | <ul style="list-style-type: none"> - Surgimento da oportunidade para praticar; - Quais os entraves à prática (apoio de família/amigos, entraves estruturais); - Presença feminina nas estruturas futebolísticas; - Desigualdades de apoio entre setor feminino e sector masculino; - Propostas de alterações. |
| Género construção e no futebol | Futebol e a perceção da prática | <ul style="list-style-type: none"> - Preconceito, sim ou não? - Legitimação, sim ou não? Se o futebol é associado ao género masculino, qual a legitimação do género feminino? |
| | Futebol como agente social | <ul style="list-style-type: none"> - Futebol ainda um desporto “genderizado”? - Fenómeno social: o papel do futebol; - Propostas de alterações; - Motivações para a prática. |

Primeiramente importa referir que para a realização deste trabalho fica-se refém das limitações de uma conceptualização binária de género e sexo institucionalizada na sociedade, conceptualização esta que da qual é necessário “apropriar-se” em virtude da pesquisa empírica. Epistemologicamente e segundo a componente teórica, não se enquadra esta designação, mas, de um ponto de vista metodológico, irão utilizar-se as noções de género feminino e masculino reconhecidas pelo senso comum.

As abordagens qualitativas são abordagens mais específicas e direcionadas, como tal, de cariz mais micro. Por norma, envolvem um contacto investigador/realidade social mais próximo e pessoal e permitem, assim, um aprofundamento das questões propostas a investigação. Este tipo de pesquisa estuda o quotidiano, o dia-a-dia e, como tal, é um processo que não é estável e as variáveis não só se podem alterar ao longo da pesquisa, como podem mesmo só surgir no final da mesma (Morse, 1994). Consegue dizer-se, assim, que as “(...) metodologias e técnicas qualitativas sofrem de uma grande fluidez de estatuto teórico-epistemológico e de formas de aplicação e tratamentos.” (Guerra, 2006: 7).

A escolha de método recai por uma análise qualitativa através da realização de entrevistas semiestruturadas e da conseqüente análise de conteúdo. Este tipo de entrevista pressupõe um guião pré-definido e orientado para uma linha de respostas, mas que permite, igualmente, uma certa liberdade ao longo da entrevista, nomeadamente a ordem das questões. No fundo, “guia” a entrevista para ser possível tocar nos pontos relevantes, enquanto outros tópicos durante o decorrer da mesma incentivam novo questionamento sobre a experiência pessoal. O método da entrevista revela-se útil quando se pretende compreender os pontos de vista dos entrevistados e a perceção das práticas e acontecimentos com que são confrontados (Quivy e Campenhoudt, 1998). A utilização das entrevistas semiestruturadas torna possível associar a experiência pessoal da atleta em relação ao futebol (micro) com a experiência pessoal em contexto competitivo (meso), o que pode permitir tirar conclusões ou inferir sobre um contexto mais global da modalidade (macro).

Ao não optar pela abordagem quantitativa nesta fase, apenas se reforça a ideia de que o foco deste trabalho consiste em compreender na primeira pessoa a experiência e a vivência na prática do futebol feminino. A abordagem quantitativa apenas permitiria tirar conclusões de um ponto de vista mais macro e geral, perdendo-se a linha

compreensiva à experiência e interações que aqui se pretendem analisar e compreender. A abordagem quantitativa não é desvalorizada, como já terá ficado perceptível pela análise de dados anteriormente realizada.

No que toca ao planeamento das entrevistas, o tipo de amostragem é não probabilística, por bola de neve, e de dimensão reduzida para o universo em estudo. Procurou-se uma primeira informante dentro do contexto futebolístico, que permitiu entrar em contacto com possíveis inquiridas, as quais posteriormente forneceram contactos de pessoas que poderiam ser possíveis entrevistadas. A representatividade não se coloca em termos estatísticos e quantitativos, mas, sim, no preenchimento do critério género e atleta sénior federada, que vão ao encontro dos objetivos de investigação. As generalizações e conclusões apresentadas referem-se apenas às 3 atletas entrevistadas. Geograficamente, as atletas praticam competição federada na área metropolitana de Lisboa, tratando-se, assim, de exemplos no contexto de uma grande cidade.

As dificuldades na implementação do método não foram impeditivas, mas exigiram total disponibilidade por parte da investigadora para ser possível corresponder às necessidades de gestão de tempo por parte das inquiridas. A deslocação da investigadora também não constituiu um problema por maior para o avanço do projeto, tendo a mesma se deslocado a diferentes pontos na área metropolitana de Lisboa para a realização das entrevistas. Estas foram realizadas em locais públicos neutros previamente acordados entre investigadora e entrevistada (a exemplo, uma das entrevistas num parque urbanístico; restantes em estabelecimentos comerciais públicos, neste caso cafés). No decorrer das entrevistas, as entrevistadas mostraram-se prestáveis a colaborar, sem nenhum aparente problema enquanto partilhavam a experiência pessoal com o futebol. Em retrospectiva, no momento prático deste projeto realizaram-se “apenas” 3 entrevistas, pois concluiu-se que já se tinha correspondido (embora em pequena escala) à informação pretendida em termos qualitativos e aos objetivos propostos inicialmente pelo guião. Nota metodológica: embora se considere que os objetivos deste trabalho foram obtidos com sucesso, reconhece-se a possibilidade de que alguma limitação em termos de construção do guião de entrevista, possa ter condicionado e limitado a informação obtida ao fim de 3 entrevistas.

Todo este processo ao longo da investigação pautou-se por um carácter exploratório que em alguns momentos constituiu uma dificuldade. A falta de referências de outros trabalhos no que toca à implementação prática das ideias aqui produzidas obrigou à criação e delimitação de estratégia de investigação sem o alicerce de uma orientação em função de outros trabalhos realizados na área e com características semelhantes. Desta forma, o carácter deste trabalho é, em sua parte, exploratório, pretendendo que as conclusões desta investigação possam original novas questões que possam ser trabalhadas em maior detalhe e através de outras escolhas metodológicas.

3. Caracterização da amostra

A escolha da amostra, sendo o interesse o conteúdo, a compreensão e não quantificar o geral, incidiu sobre a partilha de duas características: pessoas do género feminino e que praticam futebol federado. Perante os objetivos da investigação, pretende-se orientar a pesquisa pela “qualidade” em detrimento da “quantidade”.

Caracteriza-se as entrevistadas em termos de idade, conselho de residência e ocupação profissional. As três atletas apresentam idades compreendidas entre os 23 e 24 anos, sendo que todas elas já representaram mais do que um clube no percurso desportivo. De um ponto de vista de ocupação profissional, destaca-se o estatuto de estudante de uma delas, tendo as restantes entrevistadas enumerado diferentes ocupações profissionais: uma monitora sociocultural e uma engenheira. As áreas de residência e de prática do futebol situam-se na área metropolitana de Lisboa. O motivo da concentração geográfica na zona de Lisboa deriva do tempo e, sobretudo, disponibilidade por parte da investigadora para realizar um projeto de maior abrangência e diversidade geográfica (apesar desta caracterização não constituir uma variável para análise). As entrevistas foram realizadas durante o mês de junho de 2018.

Não se alargou a caracterização do meio social envolvente das atletas nesta investigação pois para além de serem atletas federadas na modalidade futebol, escolheu-se apenas uma única variável para análise – a “condição”, o “estatuto” de mulher. Reconhece-se, assim, heterogeneidade entre o historial pessoal das entrevistadas. Não relacionando variáveis como o conselho de residência ou o clube onde jogam, ou variáveis como a profissão e o nível de escolaridade, não é possível perceber outro tipo de condicionantes ou fatores de origem social que possam ter influenciado a ingressão e o percurso no desporto.

CAPÍTULO 4 – SOCIALIZAÇÃO: O FUTEBOL COMO CARACTERÍSTICA NO GÉNERO

1. Introdução ao futebol e contexto familiar

Nesta primeira fase de análise pretende-se caracterizar os processos de socialização e o ambiente que as entrevistadas presenciaram no início da vida em relação ao contacto com o futebol. Começar a análise da informação recolhida junto das atletas pelo contexto que as rodeou enquanto iniciaram o contacto com o futebol e com o seu simbolismo social é, por demais, o início lógico e sensato à análise. A introdução ao futebol na vida das entrevistadas dá-se sempre em idade tenra, tendo como referência uma presença masculina aquando do primeiro contacto com a modalidade. Seja o pai ou o irmão, a introdução à prática é feita no contexto mais próximo, familiar, e incentivada por uma figura masculina.

“Foi com o meu irmão, ele começou a jogar à bola com os amigos lá na praceta onde nós moramos. Eu ficava em casa a brincar com os bonecos claro [RISOS], como rapariga. Só que depois, houve uma vez que ele perguntou “Anda lá jogar, sai de casa”, com 6 anos, 5, 6 anos. E eu fui, não sei, gostei, também não sei porquê porque era só correr atrás de uma bola, gostei e foi mesmo a partir daí, quis sempre ir para a rua jogar à bola.” (Entrevistada 3, 2018: 1)

A relevância de referir-se a figura masculina prende-se com a abordagem do contexto familiar, pais e irmãos, relativamente à vontade da filha e irmã praticar futebol. Com a modalidade presente desde criança, a esfera doméstica representa sempre um fator importante. Ora o recreio e “a rua” são apontados como os principais cenários para o contacto com o futebol, sendo que durante o crescimento o futebol é interpretado como uma brincadeira, como uma ocupação do tempo livre e um momento de lazer para as crianças.

A abordagem por parte das principais figuras na vida das entrevistadas relativamente ao futebol condicionou, de alguma forma, a relação entre a atleta e o futebol em idade precoce, nomeadamente a nível da competição. Irá abordar-se esta questão em duas partes: por um lado, a abordagem passiva à prática por parte dos pais e, por outro, a oposição dos pais à prática. Em ambas as abordagens, a figura do irmão ganha análise relevante por constituir a figura de padrão e de comparação para as atletas.

Na abordagem passiva por parte dos progenitores, destaca-se a legitimação da prática através do irmão: *“Mas lá está, para os meus pais, pronto, eu e o meu irmão andávamos sempre juntos.”* (Entrevistada 3, 2018: 2-3). Clarifica-se que o irmão aqui normaliza a prática do futebol por parte da atleta, visto ser “sempre” em conjunto com o irmão, sendo interpretado como simplesmente a atleta e o irmão brincarem juntos. Desta forma, a questão da falta de apoio por parte dos pais na prática não se colocou, não tanto pelo incentivo à prática, mas, sim, pela não oposição: *“Mas não foi apoiar porque nunca tivemos uma conversa sobre isso, mas também nunca se opuseram, nunca me tiraram a bola dos pés.”* (Entrevistada 3, 2018: 3). Esta dinâmica irá revelar-se substancialmente importante aquando da análise do início da vida competitiva da entrevistada.

Já nos casos de oposição à prática, a figura do irmão também merece destaque, mas com uma abordagem diferente. Desde já, destacar que a falta de apoio por parte dos pais às crianças, sendo estas totalmente dependentes, reflete-se obviamente na idade com a qual as atletas dão início à vida federada. Veja-se: *“(…) nunca pude entrar num clube porque o meu pai e a minha mãe são muito conservadores, então dizem que o futebol é para meninos.”* (Entrevistada 2, 2018: 1). Neste exemplo, entender os pais como conservadores ganha novos contornos quando se questiona a atleta sobre se em algum momento se sentiu pressionada pelo contexto familiar para brincar a outras coisas que não o futebol. Esta atleta revela que frequentou um colégio privado só de raparigas, secundarizando o papel do futebol devido ao contexto e diminuindo a importância do mesmo devido à idade: *“(…) eu também comecei a crescer... A mentalidade mudou, queríamos era agradar aos rapazes e aquilo era muito masculino...”* (Entrevistada 2, 2018: 2). Segundo Paechter & Clark (2007), conforme as raparigas crescem, tendencialmente a feminilidade das mesmas é construída sobre a premissa de

não jogar ou de não brincar a atividades que envolvam atividade física ou a ocupação de muito espaço no recreio. Por oposição, estabelece-se que a prática do futebol por parte dos rapazes durante o crescimento, nomeadamente no recreio, constitui uma das principais afirmações na construção da masculinidade.

Praticar futebol é aqui entendido como atividade demasiado associada ao género masculino, provocando um desapego da mesma por parte das raparigas. Conceptualizar o futebol como masculino continua a distanciar a presença feminina do futebol, prevalecendo a ideia de que futebol e feminilidade são antónimos e incompatíveis, condicionando negativamente o incentivo à presença feminina no futebol (Caudwell, 2011). Esta ideia é sustentada por mais de que uma entrevistada: “(...) *nós acabamos de crescer e acabamos por não nos vestir à maria-rapaz, podemos não pintar as unhas, ou podemos não tar maquilhadas, pronto, mas vestimo-nos bem, ou vestimo-nos à menina ou à rapariga.*” (Entrevistada 3, 2018: 12).

Ainda antes da mudança de escola, a atleta explica como o futebol era entendido por parte da família como não apropriado para raparigas: “(...) *a minha escola era à frente da casa dos meus avós que são os pais do meu pai. E eu jogava, a minha mãe era diretora da escola, não se importava que eu jogasse à bola que era num contexto de brincadeira. Mas o meu avô rondava a escola para ver se eu tava a jogar, e não me deixava, entre aspas.*” (Entrevistada 2, 2018: 2). Analisa-se o condicionamento familiar sobre a atleta em relação ao futebol, por esta ter a condição de rapariga.

No exemplo desta entrevistada, a presença do irmão e a comparação com o mesmo permitem reforçar novamente a desaprovação do futebol enquanto desporto praticado por raparigas por parte deste contexto: “*O meu pai é, é completamente fanático pelo futebol do meu irmão. (...) A ele dá-lhe tipo liberdade de escolher e de seguir aquilo que quer, a mim tá-me sempre a tentar desviar do futebol.*” (Entrevistada 2, 2018: 3). Pode aqui relacionar-se Walby (1990) e o sistema patriarcal público e privado. A entrevistada vê-se condicionada e pressionada no seu contexto familiar pela figura paternal para não se envolver numa atividade “pública” sujeita e dominada pelos homens. Através deste condicionamento no ambiente doméstico, impõe-se o sistema patriarcal privado, ficando a atleta restringida de se manifestar num domínio público e também ele patriarcal.

Se num dos exemplos ambos os pais se opõem à prática do futebol por parte da filha, no outro exemplo, curiosamente, a mãe é a figura que mais restringe a ligação ao futebol, mais uma vez utilizando o irmão como referência: “(...) *o meu irmão – tanto a minha mãe e o meu pai queriam que ele jogasse. Enquanto que pra mim, só o meu pai é que queria que eu jogasse.*” (Entrevistada 1, 2018: 2). Justifica-se este panorama com o facto de o pai ter praticado futebol e ter, assim, interesse em que ambos os filhos o fizessem, não demonstrando a tendência de restringir o futebol a um universo considerado masculino. Interessante, também, perceber que é a mãe, uma mulher, que condiciona a presença da filha no futebol por considerar este um “*desporto de rapaz*” (Entrevistada 1, 2018: 1), por estar refém das pré-noções e atributos de género.

Em certa altura, dá-se mesmo uma orientação do tempo livre da atleta para outra atividade desportiva: “(...) *também tinha outro desporto – que era a ginástica acrobática. E foi mais pela minha mãe querer... [PAUSA] foi mais porque a minha mãe não queria que eu jogasse tanto futebol*” (Entrevistada 1, 2018: 3). Embora não se possua dados relativamente aos escalões de formação para além do escalão de juniores, parece sensato pensar que os números atuais de juniores e seniores são influenciados pelas crianças que outrora não tiveram a oportunidade de iniciar a sua formação, independentemente dos motivos.

A importância do contexto primário que rodeia as crianças na sua idade de formação é de realçar, evidenciando, também, a importância que este teve no percurso futebolístico das atletas entrevistadas. As referências máximas responsáveis pela educação e com quem estas partilharam o dia-a-dia demonstram a influência que este contexto teve na fase de crescimento e no relacionamento com o futebol e como este era percebido.

2. “Maria-rapaz”: ser rapariga e jogar à bola

O enquadramento teórico estabelece que o futebol é historicamente padronizado e orientado para que seja uma prática associada ao género masculino e para que corresponda a uma característica de género, neste caso, masculino. Faz-se agora a transição do contexto familiar, do contexto doméstico, para o contexto social e público, o qual as atletas experienciaram ao longo do seu crescimento através da caracterização do cenário envolvente à prática do futebol no crescimento e pela percepção dos pares e restantes envolvidos;

“Eu via as raparigas todas a brincar, e eu com os rapazes a jogar futebol.” (Entrevistada 2, 2018: 1)

Durante o crescimento é possível analisar que o futebol é maioritariamente praticado por rapazes e os dados recolhidos permitem concluir que o início da experiência com o futebol por parte das entrevistadas dá-se sempre entre rapazes. Quer em contexto escolar, quer em contexto de rua, em nenhum dos momentos as atletas afirmam ter tido qualquer problema de integração, quer junto dos rapazes enquanto jogavam à bola, quer junto das pares raparigas: *“Eu que acho que quando somos crianças, isso não é um problema.” (Entrevistada 1, 2018: 2).*

A monopolização da brincadeira do futebol por parte dos rapazes representa uma diferenciação por género com a qual as atletas foram confrontadas muito cedo enquanto cresciam. No entanto em nenhum momento as entrevistadas sentiram que essa distinção de brincadeiras “características” de género trouxesse qualquer sentimento ou experiência negativa. Afirmam mesmo com naturalidade: *“Eu dava-me com raparigas e com rapazes, só que como eu passava a vida a jogar à bola tinha mais contacto com eles.” (Entrevistada 2, 2018: 1),* normalizando tanto o convívio com rapazes como com raparigas, legitimando a convivência mais regular com os rapazes pela simples partilha do interesse pelo futebol.

Não tendo constituído um problema enquanto cresciam e jogavam, não deixou de passar ao lado das atletas a “distribuição” de brincadeiras por género, sendo que estas representavam um comportamento desviante dessa norma: *“(…) eu preferia*

brincar com os rapazes do que com as raparigas.” (Entrevistada 1, 2018: 2). Realça-se o não conflito por parte das entrevistadas relativamente a afirmações de masculinidade (e de exclusão do feminino) nas brincadeiras a jogar à bola.

CAPÍTULO 5 – CONTEXTO COMPETITIVO: A ESTRUTURA E A EXPERIÊNCIA

1. A oportunidade de competir

Os atletas de alta competição que alcançam níveis superiores de performance na sua atividade desportiva, na maioria das vezes, realçam sempre a precoce idade com que iniciam a sua atividade competitiva e regularizada. Embora não seja impossível iniciar a carreira desportiva em idade adulta e produzir resultados interessantes em termos de capital desportivo, parece, assim, claro que alguém que inicie a prática aos 21 anos parta em desvantagem em relação a alguém que desde cedo na sua vida está familiarizado com a competição e com a preparação física e mental que esta impõe.

Desta forma, duas das atletas entrevistadas partiram em desvantagem aquando do início da vida federada das mesmas em relação aos pares, por, como já analisado, possuírem uma característica que as impediu enquanto dependentes das vontades dos pais de começar a competir no futebol: são raparigas. *“Por exemplo, eu não jogo desde pequena numa equipa federada e senti logo diferença porque não tinha a parte técnica que as miúdas costumam ter na formação de futebol, desde pequenas, não tinha a mesma agilidade... Por isso foi quase como entrar num desporto novo, de um momento para o outro e não tinha as mesmas capacidades.... Vá não é capacidades, mas não tinha o mesmo nível.”* (Entrevistada 1, 2018: 3), espelhando assim o condicionamento de género e o tardio desenvolvimento enquanto futebolista. Um exemplo de uma condição de género que priva a atleta de se dedicar ao desporto que escolhe por este não ser considerado o mais apropriado para raparigas.

A competição inicia quando as atletas já possuem autonomia, quando são adultas. A procura de clube é feita em nome próprio e com o principal critério para o mesmo a localização geográfica. A falta de oportunidade em termos de localização é apontada como um possível motivo para não iniciar a prática mais cedo: *“Se calhar se houvesse uma equipa mais perto da minha casa, se calhar eu teria, teria ido pela opinião do meu pai e jogado mais cedo.”* (Entrevistada 1, 2018: 3). Se uma das atletas escolhe

começar a praticar como uma derivação da competição universitária, outra afirma que “as saudades de jogar” foi o principal motivo para ir à procura do desporto federado.

No caso que falta analisar, o cenário é bastante diferente. A atleta inicia a competição federada por volta dos 8 anos, participando numa equipa teoricamente mista, mas na qual era a única rapariga. A primeira nota que se faz aqui é para a necessidade de praticar em conjunto com rapazes. Não se pode deixar de questionar se na altura, a equipa mista representa uma resposta à pouca procura feminina, ou se representa uma falha de oferta na estrutura do futebol. Mais uma vez, o contexto ser maioritariamente afeto a rapazes não apresentou qualquer dificuldade à atleta, estando esta já habituada a jogar futebol de forma recreativa com os mesmos.

Se o contexto familiar nunca condicionou o gosto pelo futebol, a oportunidade de começar a praticar surge concretamente devido ao contexto familiar e ao contexto escolar. Primeiro, tal como já se referiu, a importância da figura do irmão na prática do futebol por parte das atletas. Neste caso, a entrevistada 3 e o irmão iniciam o jogo federado em conjunto. Segundo, porque o incentivo a iniciar a competição advém de um colega de escola que pertencia também ao contexto familiar, estabelecendo uma relação entre o seu contexto familiar e o do colega, afirmando a entrevistada: “(...) *ele ia entrar para essa equipa e perguntou-nos como eramos os melhores amigos, família quase, e perguntou-nos.*” (Entrevistada 3, 2018: 4).

Esta dinâmica revela-se igualmente relevante na deslocação para os treinos e jogos que foi feita inicialmente pelos pais do dito colega, passando a ser função dos pais da atleta, assim que lhes foi possível. Esta forma de início na competição é muito importante em termos de análise, não só pelo papel do irmão que sempre acompanhou o gosto da entrevistada pelo futebol, como pela presença de mais uma referência masculina e familiar aos pais a legitimar a mesma prática.

A formação futebolística termina para este exemplo aos 12 anos, idade limite sobre a qual é permitida a existência de equipas mistas. Mais uma vez, a falta de resposta da estrutura condiciona uma atleta de futebol e a sua prática por esta não ser um rapaz. A pausa do futebol federado acabou por ser apenas de 6 meses, período no qual a atleta continuou a jogar, mas num contexto não federado e numa equipa de raparigas que estavam a dar os primeiros passos na aprendizagem da modalidade: “(...)

foi passar de um ritmo competitivo e com rapazes, para pessoas que nem um passe sabiam fazer quase.” (Entrevistada 3, 2018: 3).

Antes de se passar a analisar as condições do futebol feminino sentidas na primeira pessoa relativamente ao futebol sénior onde já se enquadraram duas das entrevistadas, é importante contextualizar a restante entrevistada. Neste exemplo, a atleta chega ao futebol sénior com apenas 13 anos de idade: *“Sim é verdade, eu era muito nova, eu não tinha 16, eu tinha 13. E [HESITA], vou dizer havia pessoas que tinham 30. Era literalmente uma criança. As mais novas naquela equipa era supostamente 18 anos...”* (Entrevistada 3, 2018: 5). No que toca ao desenvolvimento desta atleta, destaca-se a transição direta para o escalão sénior em idade jovem, mostrando que o futebol feminino ainda não se encontrava em condições de produzir carreiras desportivas em formato sustentável e em ritmo dito “normal”.

Novamente, a oportunidade vai ao encontro da atleta, sendo abordada pela equipa técnica para integrar um plantel sénior. Questionada sobre as principais dificuldades em começar de forma tão precoce a competição no meio de adultos, a principal dificuldade identificada consistiu na mudança repentina de contexto onde o futebol se jogava com rapazes, para agora jogar junto de raparigas. Em termos de integração no plantel, a atleta revela que não sentiu dificuldades, nem a nível competitivo, nem a nível de interação, referindo mesmo que ser titular em idade adolescente lhe atribuiu legitimidade perante as pares, reconhecendo-lhe o direito a fazer parte da equipa.

Embora neste exemplo a barreira da idade nas equipas mistas não se tenha manifestado no percurso desportivo a longo prazo, pensa-se sobre até que ponto mais raparigas foram confrontadas com o mesmo tipo de barreira e tenham mesmo deixado de ter contacto com a competição federada, essencialmente pela falta de oferta por parte do futebol português em termos de formação.

2. Entraves estruturais à prática

Tendo em conta a diferença bastante relevante entre o número de atletas masculinos e femininos que se apresentou na construção da problemática, não surpreende as respostas afirmativas quando se questionou as entrevistadas sobre se já sentiram diferenças de tratamento em relação aos planteis masculinos. Ao encontro da discrepância por género entre a quantidade de atletas que praticam futebol em Portugal, está, também, a discrepância na qualidade de tratamento. Todos os problemas enumerados em seguida são identificados como problemas estruturais, isto é, entraves colocados às atletas femininas em relação aos pares masculinos.

“Por exemplo, aos rapazes dão fatos de treino, dão a relva, sempre o estádio, a nós não. Nós temos que ir treinar a outros lugares, não treinamos mesmo na sede do clube devido a dificuldades de horário. Também não temos qualquer apoio monetário ou de transporte, se a Câmara Municipal não nos dá transporte nós temos de pagar do nosso bolso para ir aos jogos. E eles é muito mais fácil exatamente porque são rapazes.” (Entrevistada 2, 2018: 4-5)

As diferenças são apontadas nos mais diversos exemplos e são possíveis de generalizar em relação aos casos que aqui se apresentam. Veja-se por partes. Primeiro, as instalações dos clubes que, em teoria, deveriam ser partilhadas de igual forma, mas que são priorizadas pela equipa masculina. De seguida, em termos de horários de treino é possível concluir que as equipas masculinas treinam sempre primeiro e, consequentemente, mais cedo que as equipas femininas: *“(…) mas seniores e juniores [masculinos], sempre, em todos os clubes, sempre, treinaram a horas decentes. Tipo, das 19h45m até às 21h, eu fui sempre das 21h30m às 22h50m, 23h”*. (Entrevistada 3, 2018: 7). Sem aparente razão para tal excetuando o facto de serem rapazes, treinar neste regime de horário e de “sobra” quando comparado com o plantel masculino, não só realça a preferência estrutural dada aos rapazes, como arrasta todo um tipo de nuances do dia-a-dia das atletas. Treinar em horário noturno poderá ser fator para se refletir na

qualidade de vida do quotidiano das entrevistadas e, obviamente, na qualidade do rendimento desportivo: *“E chegar quase à meia noite, ainda comer alguma coisa, porque depois tem de se comer alguma coisa e depois vai-se simplesmente... Ah ainda tem de se tomar banho. Depois vai-se simplesmente descansar para o outro dia acordar às 6h da manhã para ir trabalhar, estudar, seja o que for. Nunca, nunca, em nenhum clube nós treinámos a horas decentes. Literalmente.”* (Entrevistada 3, 2018: 7).

Para além dos horários de treinos, a ocupação dos espaços dos clubes pelas equipas femininas é, também, feita de acordo com as necessidades dos plantéis masculinos. Não tendo as instalações do clube capacidade de oferecer iguais instalações a ambas as equipas de acordo com os horários de treinos e de jogos, as equipas femininas são confrontadas com várias adversidades. Exemplo disto é a constante alteração do local onde treinam: *“Eles treinam sempre no estádio e nós treinamos uma vez por semana no estádio e os restantes treinos são, dependendo de onde nos conseguem colocar.”* (Entrevistada 1, 2018: 4). Para poder o plantel masculino usufruir da principal instalação do clube, o plantel feminino é obrigado a sujeitar-se às alternativas propostas pelo clube: *“Entrávamos às nove e meia, íamos para esse campo de alcatrão e depois às dez já trocávamos pa um sintético porque os rapazes acabavam de treinar a essa hora.”* (Entrevistada 2, 2018: 5).

Clarificando a preferência dada em termos de condições de treino à equipa masculina, as constantes alterações e indefinição de local de treino, os horários mais tardios e as mudanças de contexto a meio do próprio treino, materializam-se em fatores propícios ao menor desenvolvimento e rendimento da equipa feminina. Nestas duas condições observa-se um claro “desleixo” por parte do clube e consequente estrutura para com a equipa feminina.

Ainda em relação às instalações disponibilizadas pelos clubes a ambas as equipas, destaca-se, também, a equipa médica. Num dos exemplos, a atleta entrevistada afirma que para a equipa feminina apenas existe um massagista que aparentemente não se encontra qualificado para tratar as atletas: *“Ou mesmo coisas na altura do jogo ou assim... [HESITA] Coisas graves, não sabe logo abordar. É gelo, o gelo resolve tudo basicamente ou o spray milagroso.”* (Entrevistada 3, 2018: 7). O tratamento das atletas femininas é entendido com menos seriedade e, tendencialmente, orientado para fazer recuperação fora das instalações do clube, através de consultas proporcionadas pelo

seguro que o clube fornece. Este processo atrasa a recuperação e coloca em segundo plano a prática desportiva. Por outro lado, o plantel masculino possui um fisioterapeuta que acompanha o processo de recuperação e que exerce fisioterapia nas instalações do clube.

No que toca aos balneários e às suas condições, a equipa masculina continua a ser favorecida: *“Eles, em todas as equipas que eu tive, os balneários sempre tinham uma banheira para eles. Nós, nunca vi uma.”* (Entrevistada 3, 2018: 7). As atletas femininas são aconselhadas a fazer o tratamento de recuperação a gelo em casa, ou em alguns casos a recuperação é feita em “banheiras” improvisadas: *“Ou já fiz muitas vezes num caixote de lixo, despejar a água para lá, gelo e é lá que fazíamos.”* (Entrevistada 3, 2018: 7).

Abordando os apoios monetários às equipas, consegue-se detetar algumas lacunas estruturais em que, novamente, o plantel feminino é prejudicado em relação ao masculino. A amostra permite concluir que o apoio monetário aos rapazes é superior relativamente ao das raparigas, estabelecendo que estes recebem sempre algum tipo de compensação monetária para a prática: *“Eles recebem para além daquilo que gastam para deslocarem-se para um jogo ou para um treino. Nós não.”* (Entrevistada 3, 2018: 8). Num dos exemplos, apesar do plantel masculino ser novamente mais beneficiado que o feminino, os custos associados a viagens para jogos são cobertos pelo clube, assim como a deslocação para os treinos e para as instalações do mesmo. *“Mas se formos a falar de ajuda para as nossas viagens de treinos mais o dia de jogo, para o clube, eu só, há tanto tempo que jogo, eu só comecei a receber há dois anos.”* (Entrevistada 3, 2018: 7-8).

Por outro lado, tem-se o exemplo de atletas que investem em termos económicos para conseguirem praticar futebol. A questão dos transportes e de deslocações para o recinto de competição não é sempre garantida por parte do clube, ficando o encargo nas mãos das atletas, referindo que várias vezes se organizam entre si e se deslocam nos transportes pessoais: *“(…) temos de ser nós a arranjar carros para toda a equipa conseguir ir...”* (Entrevistada 1, 2018: 3). O discurso da amostra em questão em relação às desigualdades entre planteis é direcionado para a procura da igualdade dentro das estruturas e na incompreensão relativamente às situações que vivem. Tal como Hargreaves (1994) e a proposta da procura da igualdade de oportunidade por parte dos clubes e das estruturas dirigentes do futebol, as atletas

(embora não falem em criação de estruturas externas exclusivamente femininas – separatismo) expressam o direito a possuírem as mesmas condições que as equipas masculinas e defendem que as estruturas dos clubes devem trabalhar para a finalidade da igualdade entre plantéis.

Para além destes entraves que as equipas femininas enfrentam para jogar futebol, uma das entrevistadas realçou ainda a presença da direção do clube nos jogos de futebol masculino, facto que não se verifica nos jogos femininos: *“Lá está, não nos apoiam minimamente. Não sabem sequer os nossos resultados! É como se nós não fizéssemos parte do clube.”* (Entrevistada 2, 2018: 7), demonstrando as diferenças dentro de uma estrutura relativamente à prática masculina e à prática feminina.

Para sustentar todos os argumentos acima mencionados, as atletas que contribuem para a amostra relatam que sempre que mudaram de clube o motivo da mudança foi o mesmo: o desmembramento do plantel feminino. Na experiência das atletas, quando os clubes são confrontados com reajustamentos estruturais, nomeadamente a nível de custos, é com alguma facilidade que as equipas femininas sofrem as consequências, mesmo que de forma não justificada: *“O presidente não quis apostar mais no futebol feminino, que era o único que lhe dava títulos...”* (Entrevistada 3, 2018: 5).

3. Presença feminina na estrutura

Questionou-se as atletas sobre se alguma vez foram treinadas por mulheres e, em caso afirmativo, se notaram algum tipo de diferença na abordagem comparativamente a treinadores homens. Tomou-se como foco de interesse a presença feminina na arbitragem e novamente se identificavam alguma diferença em termos de comportamento.

Na amostra tratada apenas uma das entrevistadas já experienciou ser treinada tanto por homens como por mulheres. Outra das atletas referiu que contou com uma vez com uma mulher dentro da equipa técnica no papel de massagista. Não deixa de ser relevante sendo um dos papéis menos “técnicos” dentro da equipa técnica. Voltando à experiência com treinadores e treinadoras, a principal conclusão que se consegue retirar remete para a dificuldade em impor um papel de autoridade. Sendo mulheres a treinarem mulheres, a atleta confessa que muitas vezes se confunde o profissionalismo com a vida pessoal, e a criação de uma relação de amizade entre treinadora e jogadoras pode interferir nas decisões mais técnicas e relacionadas com a equipa.

Como diz um estudo de Almeida (2000), numa amostra não representativa do universo, mas que contempla 40 Federações, apenas 10% dos cargos de dirigentes desportivos são ocupados por mulheres. A autora afirma que a representatividade de mulheres no dirigismo desportivo é, tendencialmente, mais fraca nas modalidades que possuem um menor número de praticantes femininas. Ao encarar-se os fracos números de futebolistas femininas em relação aos atletas masculinos, não é uma surpresa a falta de presença feminina nas equipas técnicas das entrevistadas.

Levanta-se a mesma questão em relação à presença de árbitros e árbitras nos jogos e à perceção por parte das atletas de abordagens diferentes. Se uma das atletas revela que não sente diferença de tratamento e de abordagem ao jogo consoante o árbitro ser homem ou mulher (*“São duros connosco, não são... Nem por ser homem, nem por ser mulher, mais calmos, não noto diferença sinceramente.”* (Entrevistada 2, 2018: 5)), as restantes não partilham da mesma opinião. Ambas realçam a tendência para comunicar verbalmente com as jogadoras durante o jogo quando são mulheres neste papel: *“Elas falam muito.”* (Entrevistada 3, 2018: 9). Este dado pode ser mais uma vez enquadrado numa temática de papéis de género e da dificuldade de a mulher manter

um papel autoritário no meio das suas pares de género. Os homens são, assim, encarados como mais “profissionais” no sentido em que se “limitam a arbitrar”: *“Mas sim, eles não falam tanto, arbitram, fazem o papel quem tem a fazer e vão-se embora.”* (Entrevistada 3, 2018: 10).

Interessante realçar que sobressai a tendência para as mulheres terem um papel mais “convitativo” à interação e os homens um papel mais retraído relativamente à comunicação no que toca à arbitragem, e à confiança no que toca ao papel de treinador. Estas interações são construídas em volta das identidades de género. Segundo as conclusões de Meân (2001) a abordagem por partes dos árbitros homens de não comunicar pode remeter para a manutenção e construção da identidade de género masculino em oposição ao feminino.

CAPÍTULO 6 – A EXPERIÊNCIA, O FUTEBOL E O GÉNERO

1. Estereótipo: as raparigas num jogo masculino

A somar às dificuldades de contexto e de oportunidade que as entrevistadas, por vezes, encontraram devido ao facto de serem raparigas a querer praticar uma modalidade como o futebol, o preconceito sobre as atletas femininas é igualmente uma condição que acompanha a carreira desportiva das mesmas.

Questionou-se as futebolistas sobre se em algum momento se sentiram discriminadas exclusivamente em relação ao facto de serem mulheres a praticar um jogo globalmente rotulado como masculino. Uma das atletas revela mesmo o sentimento de dúvida pessoal quando confrontada com a opinião incidente sobre as jogadoras de futebol feminino: *“Mas é negativo exatamente por existirem essas falhas e esses obstáculos que por vezes, tornam-se cansativos, nós tarmos sempre a remar contra a maré. [PAUSA] E não sentir apoio das pessoas, eu acho que às vezes, é desmotivante, ou seja, “se calhar, se calhar as pessoas têm razão”.* (Entrevistada 2, 2018: 9)

Ainda que as atletas não tenham apresentado exemplos significativos de situações de discriminação de género com as quais se viram confrontadas, o público presente durante os jogos em que estas participaram representou, em alguns cenários, o maior agente reprodutor da pré-noção de o futebol não ser para raparigas: *“(...) já ouvi em jogos a gritar que o futebol não é para mulheres...”* (Entrevistada 1, 2018: 4). As atletas reconhecem a crença ainda socialmente existente sobre o futebol ser desadequado para as mulheres e com características incompatíveis com as mesmas: *“É muito visto ainda como no século passado [PAUSA], que é um desporto violento [PAUSA], que envolve técnica que as raparigas não têm, força, velocidade. [PAUSA]”* (Entrevistada 2, 2018: 6).

Se da parte da equipa técnica as atletas reconhecem um investimento e um incentivo para continuar a trabalhar para produzir resultados dentro de campo que contrariem o preconceito entre mulher e futebol, o público mostra-se como um elemento que não pretende contribuir para a ultrapassagem do mesmo, como se vê na passagem a seguir apresentada.

“(...) tão a ver o nosso jogo e tão a gozar. Ou tão a dizer que o futebol não é para as raparigas ou que são a vergonha do clube por termos a ter um mau resultado, por exemplo... [PAUSA] Começam mesmo a gozar e nós tamos dentro do campo e sentimos mesmo que tamos a ser ridicularizadas.” (Entrevistada 2, 2018: 6)

Para além da perceção por parte das atletas que o futebol é entendido em algumas situações como não adequado para raparigas e que a capacidade e qualidade para praticar é diretamente associada ao género, o estereótipo baseado na lógica hétero normativa também é detetável na recolha de dados.

Como a análise a Butler (1988) permitiu concluir, a conceptualização binária de sexo e a heterossexualidade como o padrão são noções históricas e socialmente construídas. Desta forma, posteriormente ao estereótipo que as raparigas não conseguem, sabem, ou “foram feitas” para jogar futebol, existe o estereótipo da rapariga masculinizada, que deriva da ótica hétero normativa: *“By discrediting all women in sport as lesbians, men can rest assured that their territory is not being invaded by “real women after all;”* (Birrell, 1988: 488). Se a rapariga consegue jogar futebol e se encontra no contexto de uma modalidade que é (ainda) maioritariamente característica do género masculino, então a rapariga é estereotipada em função do género masculino e da lógica binária e heterossexual: *“Sim, porque basicamente as pessoas acham que o futebol feminino é só lésbicas. E não é.”* (Entrevistada 2, 2018: 8).

Esta análise faz sobressair uma dinâmica social maior sobre o rótulo de género e associação direta da orientação sexual, a lógica hétero normativa socialmente construída e que serve de padrão para categorizar os indivíduos no geral, na esfera do desporto, e neste caso as jogadoras de futebol feminino. A análise revela a necessidade em manter o futebol como uma esfera masculina e como forma de afirmação da masculinidade por parte dos homens, daí esta tipificação estereotipada que exclui a entrada da feminilidade na modalidade. Este tipo de condicionamento pode levar os atores sociais a optarem por se enquadrar nos rótulos socialmente estabelecidos relativamente à sexualidade e aos comportamentos de género, reproduzindo de forma cíclica as conceções e estereótipos sociais que existem sobre os papéis de homem e

mulher, perpetuando as noções sócio históricas construídas em volta da prática desportiva enquanto característica de género.

2. Futebol sem género

Embora os estereótipos existam e sejam reconhecidos pelas atletas entrevistadas, as mesmas recusam a premissa de que o futebol deve ser entendido como um desporto exclusivo de homens e, sobretudo, exclusivo de género. Para a amostra não existe qualquer associação direta entre capacidade e habilidade para praticar a modalidade e o género masculino. A legitimação das atletas femininas enquanto futebolistas não passa por possuírem “atributos” que sejam comuns à identidade de género masculino e a aptidão para o futebol e comportamentos de género são totalmente independentes: *“E as pessoas não conseguem perceber que pode ser a mesma modalidade, mas jogada de maneiras diferentes. Claro que nós não temos à espera de jogar como os homens, nós temos uma anatomia e fisiologia diferente, mas também podemos saber praticar.”* (Entrevistada 2, 2018: 7).

Ao invés de pensar que o futebol deve continuar um meio masculino e dominado por homens onde as mulheres procuram o seu lugar e a sua legitimação, as atletas adotam a perspetiva de que o futebol pode ser uma modalidade masculina e feminina, e que o trabalho de legitimação do futebol feminino deve ser feito em função da igualdade e do direito que ambos os géneros têm a constituir padrões para a mesma modalidade: *“(…) o desporto como um desporto masculino e feminino em vez de terem sempre a perspetiva de que o futebol é para raparigas machonas ou que têm uma aparência masculina.”* (Entrevistada 1, 2018: 6).

A ideia de que as raparigas masculinizadas são as que praticam futebol e, como tal, possuem mais habilidade que as raparigas femininas, é totalmente uma expressão não sustentada pelas entrevistadas. *“Até porque as raparigas ou cortam o cabelo ou vestem-se à rapaz só porque jogam à bola, mas se calhar são essas que menos jogam à bola ou que menos sabem jogar à bola, é mais estilo, pinta de sou maria-rapaz do que propriamente jogar à bola.”* (Entrevistada 3, 2018: 12). Este tipo de perceção remete para uma associação entre práticas e comportamentos que são identificados como características de género, mas que não devem por isso ser automaticamente identificados como comportamentos de futebolista. Analisa-se que para as atletas, como já salientado, a masculinização de uma pessoa nada tem a ver com a capacidade de jogar futebol: *“(…) porque em vez de acharem “ah isto é uma equipa de raparigas, mas parece*

uma equipa bué masculina, parecem homens” se calhar começavam a ver que raparigas femininas também jogam bem e não iam tanto pelo estereótipo de que uma rapariga feminina não sabe jogar futebol...” (Entrevistada 1, 2018: 5).

As atletas apontam para o crescimento do mediatismo do futebol feminino como uma tentativa de estabelecer que o futebol é, também, feminino. Estabelecem que tem existido um esforço por parte da FPF e dos clubes grandes inseridos no futebol feminino profissional em rotular que uma rapariga consegue ser feminina e jogar futebol: *“Quando fazem os anúncios e a propagação até põem raparigas bastantes femininas nas fotos e nos vídeos para o pessoal realmente ver que o futebol está a crescer com a parte mais feminina.”* (Entrevistada 1, 2018: 6). No entanto, este esforço e este enquadramento levanta algumas questões, nomeadamente se esta feminização do futebol, não origina por consequência uma (des)masculinização da modalidade. Questiona-se se este esforço em mostrar o futebol de mulheres como feminino deve entender-se como uma legitimação da prática independentemente do género, quebrando a lógica da masculinização do futebol, ou, por outro lado, se o objetivo passa por continuar a distanciar os géneros entre si e continuar a segregar o futebol como prática do género masculino, apesar do crescimento do mesmo no feminino.

3. A (re)construção do futebol: práticas e clubes

Apesar do reconhecimento que o futebol na sua essência continua a ser um desporto socialmente reconhecido como para homens, as entrevistadas partilham da opinião que, embora ainda de forma lenta, a tendência é para que o paradigma do futebol masculino como padrão se altere. Para isso, enumeram dois pontos importantes que devem caminhar para a mudança deste paradigma: a prática da modalidade por parte das raparigas e o papel dos clubes. Walby (1996) e a sua visão do diálogo entre agência e estrutura para promover alterações na sociedade permitem enquadrar a importância tanto da contínua prática por parte das atletas, ou seja, do crescimento do futebol feminino em números, como, também, do papel importante das estruturas em volta da modalidade para que estas possam dar resposta à procura. Este sugere o diálogo entre agência e estrutura que permita o desenvolvimento sustentável do futebol no feminino.

A contínua e crescente prática do futebol por parte das raparigas surge para a amostra, sem surpresa, como a principal forma de inculcar no mundo social que o futebol é um desporto sem género: *“Mostra que todos os desportos podem ser praticados para homens e mulheres da mesma forma. Não se associa tanto o desporto a um género... Se calhar antigamente acho que os desportos associavam-se muito ao género...”* (Entrevistada 1, 2018: 6). O reconhecimento que as mentalidades e as perspetivas se alteram ao longo do tempo abre a possibilidade de lembrar que o mundo social está em contante construção e reconstrução. Da mesma forma que o futebol é hoje passível de ser praticado por mulheres em função das alterações sócio históricas já ocorrentes que proporcionam hoje esta realidade social, pensar que as alterações de hoje terão um impacto futuro, nomeadamente na procura do futebol como modalidade sem género associado, parece coerente de perspetivar. Nesta lógica, retoma-se um dos exemplos das atletas que não teve o apoio da família para praticar futebol quando era criança, mas afirma em relação aos pais: *“E agora, agora eles apoiam-me, vão ver os meus jogos...”* (Entrevistada 2, 2018: 2), mostrando precisamente um reajustamento da posição inicial à filha, uma rapariga, querer praticar futebol.

A mensagem que o futebol praticado por mulheres é diferente do futebol masculino continua a vingar, mas as diferentes dinâmicas são encaradas como naturais

e sustentam a ideia de que futebol tem de ser legitimado independentemente do género: *“Não irem para um jogo feminino com a ideia de que vão ver um jogo de futebol masculino, porque não vão. Por isso, acho que parte mais por mudar a mentalidade das pessoas, mostrar que nós também sabemos jogar futebol...”* (Entrevistada 2, 2018: 7).

Adicionalmente à prática, também a maior visibilidade do futebol feminino é entendida como uma forma de contribuir para esta reconstrução do futebol sem género: *“Tentar mudar a opinião das pessoas, porque a maior parte das pessoas fala por aquilo que ouve e não por aquilo que vê.”* (Entrevistada 2, 2018: 8).

Se a prática para as atletas consiste numa das razões para a reconstrução do futebol, a verdade é que não é a única. Com todas as dificuldades e condicionantes que as entrevistadas enumeram em praticar uma modalidade que ainda peca pelo investimento no feminino, querer praticar e jogar futebol não chega.

Para as atletas, o papel dos clubes tem de ser tido em conta e ambas as entidades (clubes e atletas) têm de ser reconhecidas como parte ativa para o desenvolvimento do futebol feminino: *“Mas acho que isso já é uma luta de há muito tempo, portanto acho que nós somos a que temos menos culpa, do tipo “tu farta”. Somos as menos culpadas porque lá está, esta luta nós já fazemos há muito tempo, e acho mesmo que quem está a estruturar é que tem o impacto maior.”* (Entrevistada 3, 2018: 16).

Nas dificuldades estruturais que se apresentaram anteriormente com as quais as futebolistas lidam para continuar a praticar, os clubes podem ser considerados como um dos responsáveis: *“Clubes. Também querem, querem, mas não dão condições.”* (Entrevistada 3, 2018: 15). Se as condições ao plantel feminino são largos degraus abaixo das condições proporcionadas quando se fala no plantel masculino, significa que, para o futebol feminino e para a sua prática continuarem à procura de oportunidade para vingar, será necessário ser feito todo um trabalho por parte dos clubes e por parte das federações envolvidas.

A respeito de clubes e do futebol feminino, as atletas apontaram todas a aposta dos chamados “grandes” em Portugal como crucial para este desenvolvimento. Estes clubes com estatuto definido na história do futebol português trouxeram uma nova visibilidade à primeira divisão sénior em Portugal e contribuíram para uma nova

visibilidade da modalidade no feminino. Em adição ao mediatismo e massa associativa destas entidades, estes clubes introduziram a nuance da profissionalização do futebol no feminino. Esta recente profissionalização é abordada como um dos sinais de que uma reconstrução do futebol está em curso. O fenómeno da profissionalização, que não é, de todo, comum a todos os participantes nos principais campeonatos portugueses, insere o futebol feminino num dos domínios principais onde o futebol masculino é um fenómeno de enormes proporções: o domínio da profissão de jogador de futebol.

O impacto da entrada destes clubes no futebol feminino observa-se também no mediatismo dos mesmos. Ao serem clubes com presença assídua nos meios de comunicação nacional, a entrada do futebol feminino nos quadros do clube torna por associação a modalidade mais visível ao público.

Além da maior visibilidade nos media, estes clubes trazem consigo a grande massa associativa que é, muitas vezes, sinónimo de futebol masculino mas que também se manifesta no futebol feminino: *“Mas lá está pegando na realidade de termos dois clubes grandes e desses dois clubes grandes a massa associativa ir apoiar o futebol feminino, não se deixar só pelo masculino, podia acontecer, do tipo “não tenho tempo”. Mas não, na realidade vão e se calhar vão ver mais depressa elas do que um jogo de basket. Porque é futebol.”* (Entrevistada 3, 2018: 11).

Desta forma, o fenómeno do futebol mostra a sua força ao estender-se ao feminino, e ao mesmo tempo, ser acompanhado pelos adeptos e apoiantes que habitualmente acompanham a modalidade no masculino. Todo este quadro em volta do futebol feminino e com a formação a ser também aposta destes clubes, as raparigas que agora crescem encontram mais facilmente referências no mundo do futebol enquanto praticantes que possam legitimar a vontade de querer jogar futebol. Apesar desta nova esfera, uma das entrevistadas acredita que estruturalmente o futebol feminino português tem ferramentas há algum tempo para se desenvolver e que ainda se encontra aquém do seu potencial: *“Acho que, este momento o futebol feminino já podia tar em dois patamares mais acima do que está, pronto. Está bom, mas se calhar aos olhos de quem já tá à espera de uma mudança há não sei quanto tempo, já podia estar dois passos acima.”* (Entrevistada 3, 2018: 15).

A reconstrução do padrão de género em relação ao futebol assume extrema relevância quando se pensa no desenvolvimento contínuo que é necessário dar à modalidade, sobretudo para as próximas gerações. Se a crescente prática, apoio e visibilidade da modalidade no feminino tiverem algum impacto em termos de reconstrução da realidade social e do pensamento no que toca ao futebol ser um jogo de rapazes, a nova geração será apresentada com facilidades e com um contexto menos adverso que por vezes as futebolistas tiveram de lidar: *“Eu acho que é importante agora as miúdas sentirem que não vão ser ridicularizadas, nem sofrerem de bullying por gostarem de uma modalidade que na cabeça do povo português é masculina. Segundo, é poderem desenvolver as suas capacidades, tal como os rapazes, ter equipas de formação, para poderem tipo seguir o sonho! As raparigas também podem ter o sonho de serem jogadoras profissionais.”* (Entrevistada 2, 2018: 8).

Este possível reajustamento da realidade social no que toca à esfera futebolística e à variável género, tendo como premissa base a mesma estar em constante alteração, pode permitir a análise sobre a importância da igualdade e presença feminina no futebol para as restantes esferas sociais.

Encarando o futebol como um motor e agente social nas mais diversas áreas (Hough, 2008; Coelho, 2004), atribui-se importância ao desenvolvimento feminino na modalidade. Enquanto uma modalidade com contornos universais e com a presença assídua no quotidiano dos atores sociais, o simbolismo da crescente presença feminina na esfera futebolística pode ser relevante para se pensar e alargar a presença feminina a esferas sociais onde esta presença ainda seja negada ou desigual.

4. Motivações para continuar a praticar

“O que é que me motiva? É mesmo o gosto, é só mesmo o gosto e por saber que vai sempre haver aquele bichinho e que se eu deixar, vai sempre haver aquele bichinho, que me faz querer voltar.”
(Entrevistada 3, 2018: 17)

O consenso sobre o que motiva as atletas a continuar a praticar não deixa dúvidas: é o gosto pela modalidade e por tudo o que esta envolve. Apesar da vida profissional e pessoal que, muitas vezes, são sobrecarregadas com o futebol, a amostra mostra-se recetiva em continuar a realizar os pequenos sacrifícios para que seja possível continuar a carreira desportiva. Apesar dos entraves colocados, muitas vezes, pelos clubes e mesmo que o sentimento em relação ao futebol seja o de secundarização por parte da estrutura que as devia defender, quando se compara com as equipas masculinas, as atletas não viram a cara ao clube. As entrevistadas não se deixam afetar pelas mentalidades que ainda equacionam o futebol como um desporto exclusivo aos homens e continuam a prática sem se sentirem condicionadas por tais pré-noções.

As entrevistadas afirmam que o futuro pode ser positivo para o futebol feminino e essa esperança serve, também, como fator motivado para continuar a jogar, em conjunto com a satisfação que possuem em praticar: *“Ver que está a existir uma evolução. E o gosto pela modalidade, e a esperança sempre que vai existir algo melhor. Ou seja, que podem nos dar melhores condições se nós mostrarmos resultados ou progressos, que se melhorarmos podemos ser chamadas para um clube melhor.”*
(Entrevistada 2, 2018: 10).

CONCLUSÃO

Esta investigação possui na sua base a vontade pessoal de constituir objeto de análise sociológica o futebol feminino. Desde sempre em contacto com o futebol das mais diversas formas e pautando todo o percurso individual com a presença do futebol como uma constante, transportar o gosto pessoal pela modalidade para produzir conhecimento sociológico revelou-se como algo importante para conduzir este projeto ao longo dos vários meses. O gosto pela modalidade, pela Sociologia e o interesse no estudo das noções de género e de como estas se constroem, foram fatores fundamentais para chegar ao final de algo que, em tempos, apenas se pautava por pensamentos e teorizações soltas sobre o mundo social.

Para tal, o primeiro passo deste trabalho em termos teóricos e de problematização passou por perceber a construção social do conceito de género (Lindsey, 2016: 1-26; Butler, 1988, 1990: 1-34). Ao compreender-se a sua conceptualização, pôde passar-se a analisar o género como diferenças e características que são atribuídas aos indivíduos em função do sexo que lhes é reconhecido e que, como tal, tanto sexo e género são noções construídas em simultâneo, seguindo a lógica de homem do género masculino, e mulher do género feminino. As diferenças entre homens e mulheres são, assim, construídas socialmente e culturalmente, variando estas interpretações das características de género de acordo com o contexto. A noção de socialização encontra-se neste enquadramento para perceber como as representações de género são perpetuadas através de comportamentos e práticas e de como são, assim, apreendidas pelos atores sociais.

As desigualdades de género são, também, socialmente construídas e podem, desta forma, estar sujeitas às alterações sócio históricas que as representações de género podem espelhar. Para que seja possível um melhor entendimento das desigualdades de género relaciona-se o pensamento de Sylvia Walby (1990, 1996) com o de Susan Birrell (2000). Walby permite analisar as relações de género através do seu conceito de sistema patriarcal. Este sistema consiste num conjunto de estruturas onde se dão as interações e relações sociais e define-se por patriarcal por ser de base mais vantajosa aos homens. O sistema pode, ainda, ser privado ou público (sistema que surge com a inserção da mulher na esfera pública, por exemplo mercado de trabalho),

dependendo da esfera de análise que se utilize na abordagem. O sistema patriarcal público é considerado uma estrutura que surge devido à agência dos atores sociais: à inserção da mulher num novo domínio. As noções de estrutura e agência são aqui inseridas como importantes nos estudos de género. Esta conceptualização de sistema patriarcal caracteriza-se por se definir como uma estrutura que reproduz a posição hierárquica do género masculino em relação ao género feminino, sobre a qual são construídas as desigualdades de género.

Susan Birrell ao pensar sobre o feminismo liberal e o feminismo radical permite fazer a relação com o sistema patriarcal. Se o feminismo liberal consiste na igualdade de oportunidade e de acesso entre géneros, o feminismo radical considera que se o sistema atual favorece o género masculino, pelo que só a renovação deste sistema conseguiria criar a igualdade de género. Desta forma, o sistema patriarcal público, como a denominação indica, não promove a igualdade de oportunidade. Intercala-se a ideia de que apenas a reforma do sistema, segundo esta lógica, poderia promover a igualdade de género.

Posteriormente, caracterizou-se as origens do desporto e de como este constituía uma característica não associada ao género feminino. Só após o desporto se estabelecer como atividade masculina é que a inserção das mulheres nesta esfera começa a dar os primeiros passos. Criadas, desta forma, as desigualdades de género na esfera desportiva, Jennifer Hargreaves (2016) aplica ao desporto as noções de igualdade de género (feminismo liberal) e de separatismo (feminismo radical) para explicar como superar as mesmas. A igualdade de género, como o nome indica, pretende que a esfera desportiva consiga dar as mesmas oportunidades a homens e mulheres. Já a abordagem separatista defende a definição de organizações próprias para desportos femininos e outras para desportos masculinos, visto esta forma de pensamento considerar as organizações já existentes como viciadas no favorecimento ao género masculino. As abordagens não se mostram incompatíveis na totalidade, tendo, no fundo, o mesmo objetivo apesar de formas de pensar diferentes.

Tendo em conta o foco ser o género no futebol, impôs-se compreender sumariamente as origens do futebol, assim como a caracterização do mesmo. Estabeleceu-se primeiramente em termos quantitativos a importância do futebol em Portugal no panorama do desporto nacional, e ainda o quanto a modalidade continua a

ser dominada por praticantes maioritariamente homens. Com todas estas nuances, caracterizou-se o futebol como um fenómeno plural e, como tal, um exemplo perfeito de análise que se pode dividir em várias conclusões sobre o seu contexto.

O capítulo metodológico constituiu uma investigação de cariz qualitativo e compreensivo, utilizando como metodologia a análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas, com um guião previamente detalhado para ajudar a concretizar as metas do projeto. As entrevistas realizadas tiveram como objetivo perceber na primeira pessoa como é ser uma rapariga dentro do contexto do futebol. Considerou-se em consciência que as 3 entrevistas produziram dados suficientes para, em pequena escala, corresponder aos objetivos iniciais.

Em termos de análise, apresentam-se em seguida as principais conclusões. Retomando as questões inicialmente apresentadas:

1) “De que forma se inicia o contacto entre o futebol e uma rapariga? E de que forma está a modalidade presente no crescimento?” Em primeira instância, aborda-se o pensamento do futebol enquanto uma característica de género, género masculino. O contacto inicial da amostra com o futebol dá-se sempre através de uma figura masculina, perpetuando a noção de ser um comportamento característico de género. Esta noção torna-se mais relevante quando se identifica um claro condicionamento da vontade de jogar futebol em termos de competição por ser, em última instância, um comportamento masculino.

Apesar de se apresentar um exemplo de uma criança rapariga que iniciou o futebol de competição em idade bastante tenra (não sendo possível desassociar que a prática é iniciada acompanhada pelo irmão, numa equipa mista), a conclusão que se retira revela que, enquanto dependentes dos pais, duas das atletas não conseguiram iniciar uma aposta desportiva mais séria no futebol enquanto eram crianças, devido à falta de apoio dos mesmos perante uma “modalidade de rapazes”. Ao entender o contexto familiar como um domínio onde se pode manifestar o sistema patriarcal privado, pode não só concluir-se uma reprodução de uma desigualdade de género (assumindo que estas dificuldades não se apresentariam caso fosse vontade de um rapaz de praticar futebol), como a restrição da participação feminina num domínio público, na estrutura do sistema patriarcal público.

Esta distribuição de comportamentos por género, sendo, neste caso, o comportamento o futebol, está bastante ciente através da amostra que conta ter crescido a brincar, a jogar futebol, com rapazes. A identificação de que o futebol constitui uma prática associada a rapazes é apresentada às atletas na sua fase de formação, mas em nenhum momento esta distribuição de brincadeiras causou algum transtorno. De certa forma, apesar das diferenças assinaláveis entre brincadeiras de raparigas e de rapazes, toda a dinâmica de oposição de género não é, neste contexto, identificada por parte das atletas, revelando estas que não encontraram qualquer problema de integração com rapazes, nem qualquer problema de exclusão por parte das raparigas.

2) “Na perspetiva de uma atleta, como estão as estruturas preparadas para o futebol feminino, e quais as diferenças de tratamento entre plantel feminino e masculino?” No que toca ao contexto competitivo, conclui-se que o futebol continua a constituir uma característica associada aos homens e a favorecer a posição masculina em relação à feminina. Primeiro, a presença feminina nas equipas técnicas é quase inexistente, tendo apenas uma das entrevistadas trabalhado com treinadoras. Segundo, os comportamentos em termos de arbitragem diferem entre homens e mulheres, subentendendo-se práticas de acordo com as identidades de género durante os jogos (o mesmo se aplica entre homens treinadores e mulheres treinadoras). Subsequentemente, em termos de organização interna nos clubes em que as atletas já jogaram, a conclusão é clara que os plantéis masculinos possuem melhores condições e são priorizados em relação aos plantéis femininos. Quer em termos de utilização de instalações, de apoios monetários ou até de reconhecimento por parte da estrutura do clube, o futebol masculino é favorecido em detrimento do feminino.

Ao encarar o futebol como um domínio da esfera pública, consegue-se enquadrá-lo no sistema patriarcal público. Desta forma, tem-se um sistema estruturado onde a mulher tem acesso na esfera pública. No entanto, tal como a denominação indica, este sistema patriarcal favorece em todos os aspetos os homens, reproduzindo, assim, desigualdades nas condições para praticar futebol.

Entendendo-se a estrutura que envolve o futebol, neste caso os clubes, como condutores para reproduzir as desigualdades de género, faz-se valer o enquadramento teórico para interpretar a análise. As atletas entrevistadas acreditam nos princípios

liberais enquadrados na igualdade de género, defendendo que deviam possuir o mesmo tipo de oportunidades e condições dentro dos clubes onde se encontram, sendo que a separação entre estruturas femininas e masculinas não é abordada por parte da amostra. Os dados apresentados vão, assim, ao encontro da ideia de Hargreaves (1994) sobre o papel das estruturas (enquadra-se aqui clubes) na democratização do desporto e na igual oferta e oportunidade independentemente do género. Obviamente reconhece-se que esta leitura não pode ser totalmente linear, escapando certamente informação no que toca a este apontamento. Por exemplo, os plantéis masculinos podem possuir mais apoios externos para a sua manutenção ou os resultados masculinos podem justificar um maior investimento por parte dos clubes em relação às equipas femininas. Em qualquer das hipóteses, não deixam de ser opções pertencentes à reprodução cíclica das desigualdades de género no que toca ao desenvolvimento do futebol feminino.

3) “O futebol ainda é percecionado como uma modalidade masculina?” Do mesmo modo, é possível detetar-se alguns entraves “sociais” para as raparigas no futebol. Sendo a modalidade historicamente um meio para a afirmação da masculinidade por parte dos homens, as atletas são, muitas vezes, confrontadas com os estereótipos e as pré-noções construídas na base em que o futebol não é para o género feminino. Na tentativa de manter a lógica masculina no futebol, as raparigas são, por vezes, confrontadas com a ideia de não possuírem características para a modalidade (características tendencialmente associadas ao masculino) e são rotuladas segundo a lógica hétero normativa, socialmente construída sobre a lógica binária do género e do sexo. Tal como enquanto crianças existiu um condicionamento em praticar futebol por ser um desporto pensado como masculino, os papéis de género e as suas implicações culturais continuam a marcar as raparigas na carreira futebolística.

Apesar destes estereótipos e de defenderem a igualdade de oportunidade por género nas estruturas existentes, as atletas apelam à necessidade de reconhecer o futebol como uma modalidade que existe no masculino e no feminino. As dinâmicas de jogo revelam-se diferentes, no entanto não pretendem ser comparadas ao futebol masculino, pretendem apenas a (des)padronização do masculino na modalidade, de forma a que o futebol feminino também tenha as suas aspirações a ser igualmente legitimado. No fundo, pretendem que o futebol deixe de ter e ser associado ao género. No topo desta ideia, consegue-se concluir que na experiência das entrevistadas não

existe qualquer tipo de associação entre masculinização e habilidade para o futebol: nem os homens são mais propícios à prática do que as mulheres; nem as mulheres necessitam de se apropriar obrigatoriamente de características mais associadas ao género masculino para possuírem capacidade de praticar futebol.

Considerando o futebol como socialmente ainda um desporto ligeiramente rotulado como próprio para homens, conclui-se através da perceção da amostra que esta tendência tem vindo a alterar-se. Para as futebolistas, o caminho que tem de ser feito para a (re)construção do futebol como uma modalidade sem género padronizado envolve um diálogo entre agência e estrutura, entre prática e clubes. O papel da prática do futebol por parte das raparigas e o crescimento deste facto, segundo as atletas, é fulcral para que o futebol consiga cada vez mais ser desassociado ao género masculino. É através da crescente prática que o futebol poderá cada vez mais ser percecionado pela sociedade como um desporto igualmente característico quer de rapazes, quer de raparigas.

Para este desenvolvimento ser contínuo, impõem-se uma aposta dos clubes e o fornecimento de condições e meios que permitam a materialização em rendimento desportivo. Estabelece-se, assim, que é através da agência, da ação, em conjunto com a estrutura (clubes, federação) que o futebol pode deixar de ser visto como uma modalidade de e para homens. Sociologicamente, torna-se relevante realçar este diálogo entre ação e estrutura, reconhecendo a importância de ambos para diminuir as desigualdades de género, neste caso, no futebol. A importância da ação consiste em colocar o futebol no feminino na agenda social, enquanto em simultâneo a estrutura percebe e ajuda a moldar condições para continuar a aposta na ação de raparigas no contexto futebol.

Se no início deste trabalho se contextualizou Portugal como um país com ainda algum caminho a percorrer na procura da igualdade de género, as conclusões deste projeto não podem, por isso, ser totalmente surpreendentes. Embora seja possível reconhecer através da amostra que é possível estar-se perante um reajustamento no que toca a aceitar o futebol como tanto para rapazes como para raparigas, as desigualdades, quer na esfera social, quer no plano estrutural, continuam a pautar a modalidade no feminino e a condicionar a prática por parte das raparigas. Como apontamento positivo, realça-se o gosto e a persistência sobre a modalidade por parte

das inquiridas, que não mostraram sinais em se retrair perante as dificuldades que encontraram e continuam a encontrar.

Reconhece-se as notas conclusivas deste trabalho como apenas uma pequena parte de um universo que certamente merece ser estudado de forma mais abrangente e através de diferentes perspetivas. São várias as questões relativamente a este tema após enfrentar as conclusões obtidas. Enumerando as mesmas, pensa-se em perceber o porquê dos planteis femininos serem prejudicados em relação aos masculinos: por falta de apoios estruturais? Por uma desacreditação da modalidade no feminino? A análise às estruturas desportivas, nomeadamente a clubes, pauta-se como o seguimento lógico, quer de um ponto de vista mais quantitativo, quer qualitativo.

Tratar este tema com outras variáveis envolvidas para além do género é também uma porta sociológica futura. Considerar a origem social das atletas (como classe económica e nível de instrução) e perceber se este tipo de variáveis possui alguma influência, quer no acesso ao futebol, como durante o percurso desportivo; ou se a abordagem do contexto envolvente das atletas também varia de acordo com o meio social. Fatores sócio demográficos, como a localização dos clubes das atletas ou a comparação entre meios urbanos e meios menos citadinos também pode originar conclusões interessantes na abordagem e pensamento do futebol feminino. A análise estatística relativamente a distritos em Portugal onde não se pratica futebol feminino ou onde se pratica com um menor número de escalões também levanta inquietações de possível interesse sociológico relativamente aos motivos para tal se verificar.

Outro ponto para interesse futuro passa pela observação de campo. Tendo em conta o primeiro contacto com o futebol dar-se em idade tão tenra, a observação de campo de crianças, quer em contexto de lazer na prática da modalidade (por exemplo, recreio), quer em contexto de competição (equipas mistas), poderá revelar conclusões que sirvam de complemento a algumas das notas analíticas apresentadas. Analisar o futebol de um ponto de vista não binário, tal como se desconstruiu na problemática, implica uma complexidade acrescida, mas seria igualmente uma área a explorar, dentro da lógica de não restrição de género.

Concluindo, espera-se que de alguma forma este trabalho possa constituir um resultado de produção de conhecimento sociológico. Espera-se que seja de interesse perceber na perspetiva das atletas, ou seja, na perspetiva de quem pratica e vive o

futebol, as conclusões retiradas através da análise aqui efetuada. Pretende-se que a leitura deste trabalho e o seu carácter exploratório funcionem como pontos de partida para questionamentos futuros a partir das conclusões aqui apresentadas e questões futuras sobre a realidade do futebol no feminino. Essencialmente, espera-se que o género e o futebol, assim como as desigualdades e condicionamentos de género possam ser pensados ou de forma diferente, ou de forma mais concreta, de acordo com a interpretação inicial com que se aborda este tema.

BIBLIOGRAFIA CITADA

Almeida, Cristina Matos. 2000. A mulher nas instâncias federativas do desporto. IV Congresso Português de Sociologia. Coimbra.

Almeida, João Ferreira de. 2013. *Desigualdades e Perspetivas dos Cidadãos – Portugal e a Europa*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.

Amâncio, Lígia. 1994. *Masculino e Feminino: a construção social da diferença*. Colecção Saber Imaginar o Social, nº7. Porto: Edições Afrontamento.

Archer, John and Lloyd, Barbara. 2002 *Sex and Gender*, Second Edition. Cambridge University Press.

Berger, Peter e Luckmann, Thomas. 1999. *A Construção Social da Realidade: Um Livro Sobre a Sociologia do Conhecimento*. Tradução de Ernesto de Carvalho. 2ª Edição, Dinalivro, Lisboa.

Birrell, Susan. 1988. Discourses on the Gender/Sport Relationship: From Women in sport to Gender Relations. *Exercise and Sports Sciences Reviews* January 1988 – Volume 16 – Issue 1 – p. 459-502

Birrell, Susan. 2000. Feminist Theories for Sport. IN Coakley, Jay and Dunning, Eric (Eds.), *The Handbook of Sports Studies*, p. 61-76. SAGE Publications, London.

Bourdieu, Pierre. 1988. Program for a Sociology of Sport. *Sociology of Sport Journal*, 5, p. 153-161.

Butler, Judith. 1988. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, Vol. 40, No. 4 (Dec., 1988), p. 519-531. Published by: The Johns Hopkins University Press. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3207893>

Butler, Judith. 1990. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Routledge, New York and London.

Caudwell, Jayne. 2011. Gender, feminism and football studies. *Soccer & Society* Vol. 12, No. 3, May 2011, p. 330–344. URL: <http://dx.doi.org/10.1080/14660970.2011.568099>

Coelho, João Nuno. 2004. «Ondulando a bandeira»: futebol e identidade nacional. *Relações Internacionais*, Lisboa, Instituto Português das Relações Internacionais, nº2, Junho, p. 119-125.

- Corcuff, Philippe. 1995. *As Novas Sociologias*. 2ª edição. Sintra: Editora VRAL.
- Costa, António. 2010. A Sociologia do Desporto e novas perspectivas para a Sociologia Geral. Exemplo: o caso do futebol. IN Martins, Moisés de Lemos (Org.), *Caminhos nas Ciências Sociais: memória, mudança social e razão – estudos em homenagem a Manuel Silva da Costa*, p. 31-49.
- Costa, António da Silva. 1992. Desporto e Análise Social. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. 1, nº2, p. 101-109.
- Elias, Norbert e Dunning, Eric. 1992. *A Busca da Excitação*. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL
- Giddens, Anthony. 2010. *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guerra, Isabel Carvalho. 2006. *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*. Príncipe Editora, Cascais.
- Hargreaves, Jennifer. 1994. *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*. London and New York: Routledge
- Hargreaves, Jennifer. 2004. Querying Sport Feminism: Personal or Political IN Giulianotti, Richard (Eds.), *Sport and Modern Social Theorists*, p. 187-206. Palgrave Macmillan.
- Hough, Peter. 2008. 'Make Goals Not War': The Contribution of International Football to World Peace. *The International Journal of the History of Sport*, 25:10, p. 1287-1305. URL: <https://doi.org/10.1080/09523360802212214>
- Laker, Anthony. 2002. Culture, education and sport. IN Laker, Anthony (Eds.), *The Sociology of Sport and Physical Education – An Introductory Reader*, p. 1-14. RoutledgeFalmer.
- Lindsey, Linda L. 2016. *Gender Roles – A Sociological Perspective*, Sixth Edition, p. 1-26. Routledge.
- Marivoet, Salomé. 2002. *Aspectos Sociológicos do Desporto*. Coleção Horizonte de Cultura Física. Livros Horizonte.
- Marivoet, Salomé. 2002a. Assimetrias e afinidades de género no desporto. Actas do Colóquio Internacional "Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas", Associação Portuguesa de Sociologia, p. 423-432.

Meân, Lindsey. 2001. Identity and discursive practice: doing gender on the football pitch. *Discourse & Society*, SAGE Publications. Vol 12, p. 789-815. URL: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0957926501012006004>

Meier, Marianne & Saavedra, Martha. 2009. Esther Phiri and the Moutawakel effect in Zambia: an analysis of the use of the female role models in sport-for-development. *Sport in Society*, Vol. 12, N. 9, p. 1158-1176. URL: <https://doi.org/10.1080/17430430903137829>

Mendes et al, Romeu. 2011. Actividade física e saúde pública. *Acta Med Port.* 24(6):1025-1030

Morse, Janice. M. 1994. "Qualitative Research: Fact or Fantasy?", IN Morse, Janice M. (Eds.) *Critical Issues in Qualitative Research Methods*, p. 1-9. London, Sage.

Nolasco, Carlos. 2004. Futebol: Desporto e Emoção. Edição on-line da Revista Con(m)textos de Sociologia Nº 3/2004, *Noites de Sociologia (2002)*, Associação Portuguesa de Sociologia, p. 16-20. URL: [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/42367/1/Futebol Desporto%20e%20Emoção.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/42367/1/Futebol%20Desporto%20e%20Emoção.pdf)

Paechter, Carrie & Clark, Sheryl. 2007. Learning gender in primary school playgrounds: findings from the Tomboy Identities Study. *Pedagogy, Culture & Society*, Vol. 15, No. 3, October 2007, p. 317-331. URL: <https://doi.org/10.1080/14681360701602224>

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van. 1998. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Tradução de João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Gradiva, Lisboa.

Serrado, Ricardo. 2014. Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910). *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*. Vol.33.

Serrado, Ricardo e Serra, Pedro. 2010. *História do Futebol Português, volume I*. Prime Books

Serrado, Ricardo e Serra, Pedro. 2010a. *História do Futebol Português, volume II*. Prime Books

Spaaij, Ramón. 2009. The social impact of sport: diversities, complexities and contexts. *Sport in Society*, Vol. 12, N. 9, November 2009, p. 1109-1117. URL: <http://dx.doi.org/10.1080/17430430903137746>

Stroot, Sandra A. 2002. Socialisation and participation in sport. IN Laker, Anthony (Eds.), *The Sociology of Sport and Physical Education – An Introductory Reader*, p. 129-147. RoutledgeFalmer.

Teixeira, Ana Lúcia. 2016. *Desigualdades de género nos cargos políticos em Portugal: do poder central ao poder local*. Tese de Doutoramento em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/20614>

Torres, Anália et al. 2018. *Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu*. Fundação Francisco Manuel dos Santos

Theberge, Nancy. 2000. Gender and Sport. IN Coakley, Jay and Dunning, Eric (Eds.), *The Handbook of Sports Studies*, p. 322-333. SAGE Publications, London.

Walby, Sylvia. 1990. *Theorizing Patriarchy*. Oxford: Basil Blackwell

Walby, Sylvia. 1996. *Key Concepts in Feminist Theory*. Aalborg: Department of History, International and Social Studies, Aalborg University. FREIA's tekstserie, No. 33. URL: [http://vbn.aau.dk/en/publications/key-concepts-in-feminist-theory\(3d3b5630-0559-11dd-a863-000ea68e967b\).html](http://vbn.aau.dk/en/publications/key-concepts-in-feminist-theory(3d3b5630-0559-11dd-a863-000ea68e967b).html)

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Comité Olímpico Português (COP) - A Igualdade de Género no Desporto.
2015

ÍNDICE DE FIGURAS

Gráfico 1 – Número de praticantes de futebol feminino nos escalões sénior e júnior entre a época 1990/1991 e a época 2017/2018

Gráfico 2 – Número de praticantes de futebol masculino e feminino nos escalões sénior e júnior entre a época 1990/1991 e a época 2017/2018

Gráfico 3 – Número de praticantes de futebol masculino e feminino nos escalões sénior e júnior na época 2017/2018

Quadro 1 – Grelha analítica das problemáticas, dimensões, e informação pretendida da Análise de Conteúdo

ANEXOS

ANEXO 1

Guião de entrevista

Identificação / Argumento

Boa tarde. O meu nome é Rita Morgado, sou aluna de mestrado em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. No âmbito do tema escolhido para a realização da dissertação de final de mestrado – futebol como agente social – optei por contactar com mulheres praticantes de futebol federado para perceber o papel do futebol (do ponto de vista de prática) nas relações de género, nomeadamente compreender a experiência na primeira pessoa relativamente à prática de um desporto culturalmente e tendencialmente associado ao género masculino.

O anonimato e a confidencialidade desta entrevista são garantidos. O único objetivo da mesma é a produção de conhecimento sociológico sobre o conceito de género no fenómeno futebol.

Nº da entrevista: _____

Perguntas Fechadas / Caracterização

Nome: _____ Idade: _____

Profissão: _____

Local de residência: _____

1. Lembra-se do primeiro contacto com a ideia futebol?

- Se foi em casa ou na escola?
- Com quem? E como? Através dos media? Da família?

2. E como começou a jogar?

- Na escola? Na rua? Com quem?
- Qual o contexto?

3. Considera-se adepta?

- Costuma acompanhar a modalidade? Como? Masculino e feminino?

4. Na escola, o futebol fazia parte do recreio?

- Brincava com os rapazes e raparigas?
- Outro tipo de brincadeiras?

5. “Brincava” ao futebol em mais algum contexto?

- Na rua?
- Com quem?
- O futebol esteve sempre presente durante o crescimento? Como?

6. Notava diferenças entre as brincadeiras das outras raparigas?

a. [sim] Alguma vez foi um problema?

b. [não] Importa-se de aprofundar?

- Integração com os pares, no contexto escolar ou de lazer
- Integração no contexto escolar

7. Costumava ser “pressionada” para outro tipo de brincadeiras?

- Orientação para brincadeiras por rapazes e raparigas (por parte dos colegas, pares, professores, adultos no contexto, pais)

8. Sentiu apoio por parte do contexto doméstico? Ser rapariga em “desporto de homens” foi problema?

a. [sim] De que forma?

b. [não] Porquê?

- Abordagem dos pais (ou referências) e referências masculinas
- Incentivo à prática
- Acompanhamento da modalidade

9. Quando é que começou a praticar federado? Com que idade?

- Como é que surgiu a oportunidade?
- Porquê de começar?

10. A prática é contínua desde que começou?

a. [não] Porquê?

- Quantos clubes?
- Descreva os motivos para mudança

11. Encontrou dificuldades em praticar uma modalidade predominantemente masculina? Quais?

- Em termos de oportunidade

- Em termos de escolha
- Em termos de apoios (família, amigos, estrutural)
- Em termos de formação (praticar em contexto masculino)
- Na transição dos escalões de formação para idade sénior

12. Alguma vez se apercebeu de diferenças de tratamento entre rapazes e raparigas ao longo da vida de atleta?

- Dentro do mesmo clube (horários de treino, apoios monetários, distribuição de recursos)
- Dentro da mesma equipa (caso já tenha jogado em conjunto com rapazes)
- Outras situações que se recorde

13. É diferente a abordagem entre um homem ou uma mulher a treinar? E a arbitrar? De que forma?

- Maneira como comunicam, ou como se impõem (entre ser treinador/a ou arbitro/a)
- Maneira como comunicam, ou como se impõem (treinador/a: entre colegas de equipa rapazes e raparigas (equipas mistas); arbitro/a entre jogos masculinos e femininos)

14. Alguma vez sentiu discriminação por parte do público por ser uma rapariga a praticar futebol?

- Comentários, manifestações vindas da bancada
- Abordagens fora de campo por parte das outras pessoas
- Abordagens por parte da equipa técnica e estrutura
- Outras situações que se recorde, fora do contexto de competição

15. Com base na sua experiência, considera que o futebol ainda só é socialmente aceite como “para homens”? E a tendência para é se alterar ou irá continuar?

a. [sim] De que forma?

b. [não] Em que aspetos?

- Importância de mulheres adeptas e no estádio: qual a tendência
- Importância do mediatismo do futebol feminino: qual a tendência

16. Considera que existe uma perceção das raparigas que praticam o futebol como “não femininas”?

- Perceção das outras pessoas como raparigas “não femininas”

- Dificuldades de afirmação de raparigas no futebol (modalidade de género, inserção num papel: se a modalidade é associada ao género masculino, qual a legitimação do género feminino)

17. É importante o desenvolvimento do futebol feminino para o desenvolvimento da modalidade?

a. [sim] Em que aspetos?

- Visibilidade do futebol a um público maior
- Desporto para todos; representatividade de género na esfera desportiva

b. [não] Porquê?

c. **E para a sociedade, é [também] importante?**

d. [sim] De que forma?

- Temática das desigualdades de género
- Papel feminino no futebol (reflexo na sociedade?)
- Futebol enquanto fenómeno, relevância social
- Referências no futebol feminino para a geração futura

18. O que é que acha que precisa de mudar no panorama atual do futebol feminino?

- Apoios aos clubes? Ou dos clubes à modalidade? Estrutura não preparada?
- Mais aposta na formação feminina? Mais oportunidades
- Formas de incentivar a prática entre as raparigas
- Maior promoção à modalidade? Mediática
- Preconceito na sociedade? Em relação aos papéis de género

a. Há algo que não mudaria?

19. Que balanço faz da experiência de praticar do futebol? Positivo ou negativo?

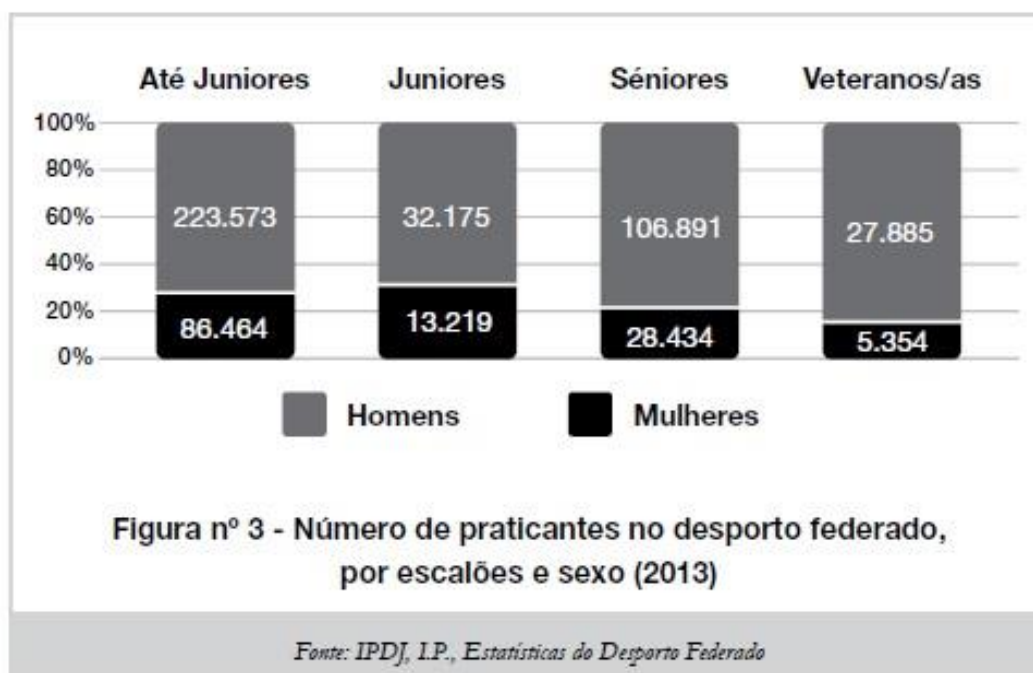
- Relações interpessoais
- Contribuição para a formação pessoal
- Utilização do futebol como meio para outros fins (monetários, promoção do convívio)

20. Quais as motivações para continuar a praticar?

- Gosto
- Afirmação de género

ANEXO 2

Número de praticantes no desporto federado, por escalões e sexo (2013)



Fonte: IPDJ, IP. Estatísticas do Desporto Federado in Comité Olímpico Português - A Igualdade de Género no Desporto. 2015

ANEXO 3

Número de praticantes de futebol masculino e feminino nos escalões sénior e júnior entre a época 1990/1991 e a época 2017/2018

| | Seniores Feminino | Juniores Feminino | Seniores Masculino | Juniores Masculino |
|-------------|----------------------|----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1990 / 1991 | 375 | 77 | 34193 | 42966 |
| 1991 / 1992 | 433 | 71 | 32946 | 42105 |
| 1992 / 1993 | 434 | 66 | 32774 | 43854 |
| 1993 / 1994 | 487 | 75 | 32801 | 46808 |
| 1994 / 1995 | 529 | 85 | 33772 | 50539 |
| 1995 / 1996 | 482 | 234 | 33350 | 55576 |
| 1996 / 1997 | 494 | 183 | 33107 | 57962 |
| 1997 / 1998 | 661 | 336 | 30010 | 64917 |
| 1998 / 1999 | 745 | 288 | 30244 | 66365 |
| 1999 / 2000 | 899 | 304 | 30814 | 67359 |
| 2000 / 2001 | 762 | 275 | 30648 | 68670 |
| 2001 / 2002 | 753 | 257 | 30933 | 70774 |
| 2002 / 2003 | 721 | 692 | 30318 | 75665 |
| 2003 / 2004 | 751 | 981 | 29326 | 77697 |
| 2004 / 2005 | 795 | 913 | 27341 | 78121 |
| 2005 / 2006 | 787 | 969 | 26050 | 79886 |
| 2006 / 2007 | 803 | 907 | 24754 | 84206 |
| 2007 / 2008 | 736 | 932 | 24711 | 88870 |
| 2008 / 2009 | 705 | 871 | 23907 | 91132 |
| 2009 / 2010 | 744 | 948 | 24319 | 94245 |
| 2010 / 2011 | 797 | 910 | 23228 | 101544 |
| 2011 / 2012 | 841 | 937 | 21543 | 103579 |
| 2012 / 2013 | 951 | 973 | 20073 | 105166 |
| 2013 / 2014 | 944 | 1172 | 20431 | 106023 |
| 2014 / 2015 | 1004 | 1134 | 20414 | 110215 |
| 2015 / 2016 | 972 | 2062 | 21145 | 112656 |
| 2016 / 2017 | 1053 | 3079 | 22141 | 117983 |
| 2017 / 2018 | 1060 | 3421 | 22988 | 115171 |

Fonte: Federação Portuguesa de Futebol. <http://indicadores.fpf.pt/>, consultado no dia 18 de Junho de 2018

ANEXO 4

Transcrição Entrevista 1

ENTREVISTA Nº 1 12 JUNHO
23 ANOS. ENGENHEIRA. DOIS CLUBES. SEIXAL

Lembra-se da primeira vez que ouviu falar de futebol?

Quando era criança. Com o meu pai, acho que primeiro foi televisão e depois foi contacto com o desporto, o meu pai começou-me a ensinar a jogar.

→ Introdução família ✓

E da primeira vez que jogou?

Por lazer? Lazer era desde pequenina, miúda. E de competição foi há um ano e meio, dois. Federado. Comecei a praticar aos 21.

→ Contacto desde criança ✓

Desde que começou a praticar, alguma vez interrompeu atividade?

Sim... Durante [PAUSA] Mas foi pouco tempo. Foi durante uma semana ou duas. Uma semana ou duas não, um mês.

Porquê?

Por lesões

Foi o único motivo?

Sim, ou então por causa da carga horário. Estudo, Estudos e conciliar horários.

Treinava sempre a que horas?

Mais ou menos a partir das nove e meia, oito, sete... A partir dessa hora até às dez, onze da noite.

E desde que é federada, em quantos clubes jogou?

Joguei em dois.

E porquê que mudou de clubes?

O clube todo mudou de... A equipa foi toda atrás... [PAUSA] O treinador mudou de clube e a equipa foi toda atrás. Porque a outra equipa do clube, deixou de existir.

Carga horária ✓
Estrutura mãe ✓
apoia ✓

O contexto doméstico é importante no crescimento e na formação desportiva de um atleta. Começou a praticar aos 21, mas alguma vez sentiu algum tipo de apoio em casa ao ser rapariga a praticar um "desporto masculino"?

Sim, o meu pai, o meu pai sempre quis, que eu, que eu fizesse futebol desde pequena. Mas a minha mãe opunha-se porque mandava aquelas bocas de é desporto de gajos, é desporto de rapaz.

→ Desmbramento de equipa ✓

→ Socialização em casa ✓

patronização do futebol em casa

sistema patrimonial que nem sempre é reparado pelo patrimonial

①

preconceito sobre o futebol em casa
Foi game de mãe a reprodução hierarquia patriarcal

Tem irmãos? Sentiu alguma diferença de tratamento?

Sim, um irmão. Claro, o meu irmão – tanto a minha mãe e o meu pai queriam que ele jogasse. Enquanto que pra mim, só o meu pai é que queria que eu jogasse. Ele jogou futebol também e gostou, e gostava que ambos os filhos jogassem.

→ Socialização e ref. masculina ✓

Compete desde os 21 mas quando era mais pequena brincava ao futebol, no recreio?

Sim [RI], sim na escola. Sempre joguei em equipas de escola, pronto escolares e desporto escolar, com amigos. Sempre de alguma forma tive contacto com futebol.

→ contexto escolar ✓

Brincava com os rapazes e raparigas?

Brincava com rapazes e raparigas, mas normalmente era só com rapazes.

→ Socialização desporto masculino ✓

Brincava ao futebol em mais algum contexto?

Sim na rua, com amigos. Sempre com rapazes óbvio [SORRI], só uma rapariga ou duas [RISOS].

Brincava só com os rapazes, com as raparigas não.

Alguma vez foi um problema?

Não. Eu acho que quando somos crianças, isso não é um problema. Acho eu. Pelo menos eu não via dessa forma, eu preferia brincar com os rapazes do que com as raparigas. [RISOS] Eu acho que a maioria das raparigas não gosta de jogar futebol [PAUSA], gosta mais de desportos, sei lá, mais de menina como costumam dizer... Que é saltar à corda na escola primária... Sei lá [RISOS]

→ estereótipo de desporto masculino e desporto feminino ✓

Nunca foi problema de integração, brincar ao futebol?

Não, se calhar quando somos crianças até, se calhar há uma... Por exemplo, quando uma rapariga quer jogar à bola nem que seja só de brincadeira, se calhar havia aquelas bocas dos rapazes "epá és uma rapariga não tens força para jogar à bola, não tens não sei quê..." Se calhar isso influencia, a mim não influenciava, a mim dava-me mais vontade de jogar e mostrar o contrário.

→ padronização de futebol para rapazes; comportamento desviam de parte de rapariga **

preconceito no espaço público ✓

Pratica futebol federado. Recorda-se quando e como surgiu essa oportunidade?

Eu jogava futsal na faculdade, desporto universitário, e depois houve oportunidade de... [PAUSA] perguntaram-

Prática começa cedo
passe a ser autónoma

me se eu queria juntar-me a uma equipa de futebol pa ir jogar os nacionais e eu aceitei. Aí comecei a gostar de jogar futebol, e fui procurar uma equipa federada na minha zona.

Por vontade própria, chegou a uma equipa Federada?
Sim.

Encontrou limitações quando começou a praticar?

Sim, sim, claro. Por exemplo, eu não jogo desde pequena numa equipa federada e senti logo diferença porque não tinha a parte técnica que as miúdas costumam ter na formação de futebol, desde pequenas, não tinha a mesma agilidade... Por isso foi quase como entrar num desporto novo, de um momento po o outro e não tinha as mesmas capacidades... vá não é capacidades, mas não tinha o mesmo nível.

E os motivos pelos quais não começou a praticar mais cedo?

Pronto, não comecei porque também tinha outro desporto - que era ginástica acrobática. E foi mais pela minha mãe querer... [PAUSA] foi mais porque a minha mãe não queria que eu jogasse tanto futebol, por influências, depois comecei a ir mais pa ginástica, não havia futebol também na minha zona, portanto era um bocado difícil. Foi mais por essas razões. Se calhar se uma houvesse equipa mais perto da minha casa, se calhar eu teria, teria ido pela opinião do meu pai e jogado mais cedo.

Dentro do seu clube há equipa masculina?

Sim, há.

Alguma vez se apercebeu de algum tipo de diferença entre o tratamento da equipa masculina e feminina?

Óbvio, claro. [RISOS] Júnior, Sénior?

Escalão sénior, sim.

No sénior há muita diferença. Por exemplo, futebol de sénior masculino recebe ordenado, raparigas não. Ahh, são apoiados, por exemplo transportes pro jogos. As raparigas, muitas vezes há problemas no nosso clube em que temos de ser nós a arranjar carros para toda a equipa conseguir ir... Por exemplo os treinos, eles treinam todos

Como chegou
ao futebol de
competição

→ prática tardia

Contexto familiar e
preconceito futebol

→ socialização familiar
orientação para comportamentos padronizados

→ pouca oportunidade
→ dificuldades
→ Estufadas

→ diferenças
estufadas
→ apoios momentâneos
→ ins telções
→ não reconhecimento

3

os dias no campo principal, ou no estádio principal [PAUSA] e nós, acabamos por, por ser desvalorizadas e às vezes cancelam-nos os treinos porque não nos querem por a treinar no estádio, não temos tantas condições como eles têm.

Treina em sítios diferentes?

Depende. Dão prioridade aos rapazes, porque eles treinam no estádio. No nosso clube nós temos estádio, e sintético e outros campos. Eles treinam sempre no estádio e nós treinamos uma vez por semana no estádio e os restantes treinos são, dependendo de onde nos conseguem colocar.

→ hierarquias, preferência ao masculino

Sistema treinamental público ←

Quantos treinos fixos têm por semana?

São 3 treinos por semana, porque arranjam sempre disponibilidade para dois dias. No entanto são em campos sintéticos ou outros campos que alugam.

Já foi treinada por mulheres? Já teve treinadoras?

Não, sempre treinador homem.

} presença femininidade ou falta dela

Nenhuma mulher na equipa técnica?

Não, não, sempre homens.

Já jogou com árbitros e arbitras a orientar o jogo?

Sim, sim.

Nota algum tipo de diferença de abordagem?

Não, por acaso não. É igual, se calhar as mulheres não deixam nós respondermos tão... Por exemplo há fases do jogo que se calhar uma mulher diz uma asneira ou impõem-se ou assim e os homens não nos vão tar a marcar faltas por isso, se forem mulheres tão muito mais, impõem mais respeito porque são mulheres com mulheres e acho que impõem mais respeito.

→ diferenças de abordagem? → padronização? do futebol por género

Alguma vez sentiu discriminação por parte do público por ser uma rapariga a praticar futebol?

Sim, sim. Por exemplo as equipas masculinas têm sempre montes de gente a ver jogos enquanto que, equipas femininas temos se calhar um quinto das pessoas que vão a ver os jogos masculinos para além de haver pessoas, já ouvi em jogos a gritar que o futebol não é para mulheres. Já cheguei a ouvir isso. Já ouvi, não é muito, já ouvi no

→ futebol como? desporto de género

perpetuação das desigualdades no espaço público ←

Reconstrução do futebol ←
como modalidade de
ambos os gêneros

Estereótipo: futebol ←
é masculino? Características
do futebol são as características
masculinas?

Feminino e características ←
no futebol → reconstrução
e legitimação

primeiro clube mas depois nunca mais ouvi, os restantes jogos foi sempre a apoiar.

Com base na sua experiência, considera que o futebol ainda só é socialmente aceite como "para homens"?

Hoje em dia isso tá a mudar, mas eu acho que [PAUSA] por exemplo eu acho que os homens têm muito mais regalias em jogar futebol e só daí... [HESITA] Hoje em dia tá a mudar porque agora o futebol feminino também já começou a ganhar ordenados, já começou a tentar ser um desporto profissional. Mas eu acho que ainda é socialmente visto como um desporto para homens.

E a tendência?

É continuar assim? Não! É para alterar. Mas ainda acho. [RISOS]

Se o futebol ainda só é um desporto socialmente aceite para homens, uma mulher a praticar futebol que não se insira na "masculinização" da modalidade é desvalorizada?

Talvez. Quer dizer não, não acho que seja talvez. Porque eu acho que se uma rapariga, pronto, jogar de uma forma, se for mais masculina a jogar pronto, vai ter mais raça, vai ser um futebol mais agressivo, vai ser um futebol muito mais, muito mais [PAUSA] com muito mais capa... Não é capacidade, mas com muito mais velocidade de jogo, mais intensidade. [PAUSA] Se for mais feminina [PAUSA], pá as raparigas podem jogar femininas e ser excelentes jogadoras [RISOS]. Acho que, acho até se calhar era mais bem visto, e se calhar as pessoas começavam a ver mais os jogos femininos, porque em vez de acharem "ah isto é uma equipa de raparigas mas parece uma equipa bué masculina, parecem homens" se calhar começava a ver que raparigas femininas também jogam bem e não iam tanto pelo estereótipo de que uma rapariga feminina não sabe jogar futebol... Não sei se respondi [RISOS]

Sim, sim, mas está-me a dizer que é positivo fugir ao estereótipo, mas a pergunta inicial era se essas raparigas femininas encontrariam mais dificuldades de afirmação.

→ construído como masculino mas possível reconstrução

→ futebol como modalidade masculina; legitimação de características masculinas

→ características femininas também podem jogar

5

Não, acho que não. Acho que até recentemente, por exemplo nas redes sociais ou na parte do marketing e dos media... [HESITA] Quando fazem os anúncios e a propagação até põem raparigas bastantes femininas nas fotos e nos vídeos para o pessoal realmente ver que o futebol está a crescer com a parte mais feminina. E acho que ainda atrai mais público, incentiva mais o pessoal para ver realmente o desporto como um desporto masculino e feminino em vez de terem sempre a perspetiva de que o futebol é para raparigas machonas ou que têm uma aparência masculina. E acho que não é assim.

→ combate o estereótipo de raparigas masculinizadas

É importante o desenvolvimento do futebol feminino para o desenvolvimento da modalidade?

Acho que sim, acho que todas as modalidades precisam do género feminino e masculino, mostra igualdade.

Sendo que em Portugal ainda é discrepante...

É importante em Portugal e em todo o lado [RISOS].

E para a sociedade, é importante? Em termos das questões de género, por exemplo.

Acho, acho que é importante. Mostra que todos os desportos podem ser praticados para homens e mulheres da mesma forma. Não se associa tanto o desporto a um género... Se calhar antigamente acho que os desportos associavam-se muito ao género [PAUSA] pá mas eu acho importante que a modalidade em si não tenha género, que seja para ambos que mostre igualdade.

→ agência do futebol e igualdade de género

→ socialização e alteração do paradigma

Como disse, considera que o olhar para o futebol feminino já é diferente do que era há alguns anos, nomeadamente a nova vaga do mediatismo do futebol feminino, por exemplo a transmissão televisão da final da taça de Portugal. Considera importante para a nova geração que cresce agora?

Sim, acho. Acho que isso mudou bastante e tem cada vez sido mais assim. Tanto que agora um jogo de futebol feminino ia praí, sei lá 20 pessoas [risos], e agora enche talvez o estádio do Jamor para ver uma final. Não enche, mas enche metade.

} → Agência e alterações sócio históricas

Quais as motivações para continuar a praticar futebol?

Reconstrução da modalidade
Reconhecimento de importância de agência

Importância para a
nova socialização;
Padronização do futebol fem

6

Reconhecer importância à agência; procure da igualdade no futebol

←

É eu gosto, é mesmo pelo gosto, pela paixão ao desporto. Por gostar de jogar à bola. Não é nada por questões profissionais ou alguma coisa. Isso era impossível neste momento.

→ motivação não pela competição
→ gosto pelo desporto

Independentemente de continuar a sentir entraves à prática, nomeadamente da parte do clube, não desmotiva?

Não, porque eu acho que isso era, era deixar de praticar desporto por injustiças e eu acho que nós temos de contrariar isso. Se queremos que algo mude é fazer por isso e também mostrar se calhar às equipas técnicas, a quem tá no comando e no poder, que equipas femininas também têm o mesmo direito que equipas masculinas...

→ mudança através de agência
→ socialização das equipas

Mesmo que nada mude?

Se calhar, se calhar poderíamos contrariar e opor-nos a isso e se calhar exigir condições e não jogar ou assim, mas também isso não influencia nada porque nós podemos tar a dizer "ah não queremos jogar" mas também não tamos a receber nada por isso, como é que eu hei-de... [PAUSA] Vou reformular. Quer dizer, nós estamos ali porque gostamos. Não nos estão a pagar, não vão ganhar nada connosco. Se calhar ganham, claro que ganham ter equipas femininas no clube mas se nós deixarmos de jogar, simplesmente vai ser indiferente. Agora se for uma equipa inteira a parar, sim. Na nossa equipa já houve fases que nós dissemos ou nos proporcionam isto ou então não jogamos...

→ não apoio da estrutura

E o clube cedeu?

Acabaram por arranjar forma de não nos tirarem dali...

Não resolveram o problema?

Não resolveram o problema, apenas o atrasaram E nós dissemos "ok, nós temos de ganhar por nós, temos de nos unir e ganhar por nós mesmo que não nos ajudem, nós estamos aqui como equipa." E acho que é a paixão pelo desporto que faz isso também e a união por equipa, não é bem pelo próprio clube."

→ não apoio
→ gosto pelo desporto
→ espírito de equipa

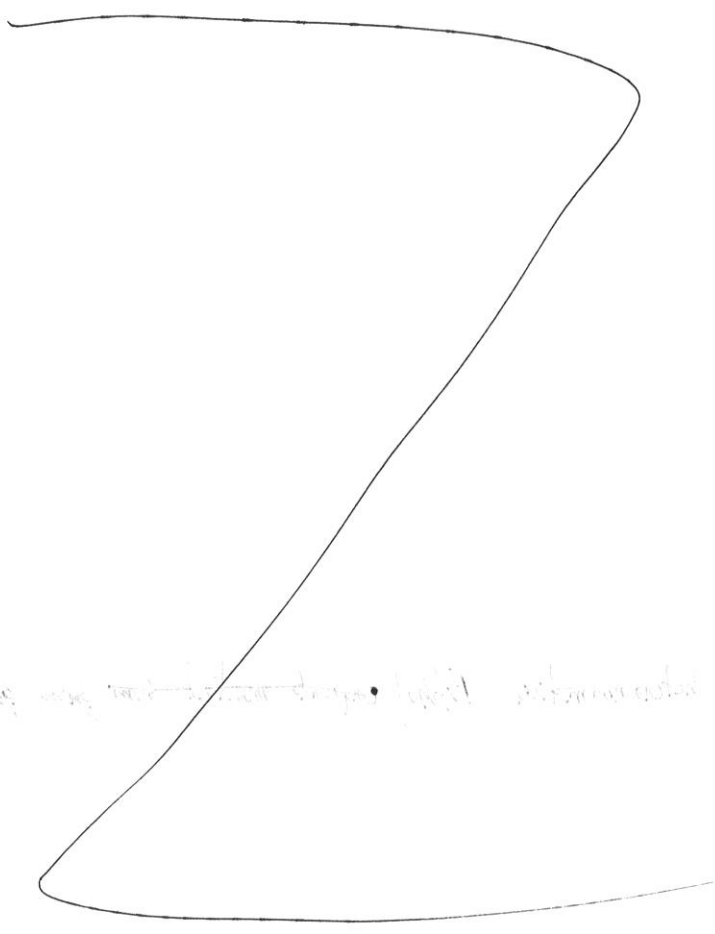
Obrigada

Não tem mais nenhuma pergunta?

⑦

...com uma linha de ...

Não, obrigada!
De nada!



...com uma linha de ...

8

ENTREVISTA Nº2 21 JUNHO
23 ANOS. ESTUDANTE. TRÊS CLUBES. SEIXAL

Lembra-se da primeira vez que ouviu falar de futebol?

Desde que eu nasci [RI], a sério. Sempre adorei jogar à bola.... Então jogava sempre com o meu irmão ou na escola, sempre, sempre. O futebol teve sempre presente

→ socialização e contexto familiar ✓

Jogava então no seu tempo livre?

importância de socialização e contexto no acesso à prática ✓

Jogava sempre na rua, sim, sim. Porque tipo nunca pude entrar num clube porque o meu pai e a minha mãe são muito conservadores, então dizem que o futebol é para meninos. Então pronto, só quando... Com 21 anos é que consegui bater o pé e ir para uma equipa! [ORGULHO. E FELICIDADE]

→ contexto familiar ✓

→ início de prática ✓

Jogava na rua... Também jogava na escola?

Sim, sempre. Nos intervalos não fazia mais nada, a não ser jogar à bola.

Considera-se adepta de futebol? Masculino e feminino?

Sim, completamente. Apaixonada.

Como é que costuma acompanhar a modalidade?

Pela televisão ou pelas redes sociais.

Já me disse que na escola brincava ao futebol, para além do futebol, havia mais alguma brincadeira no recreio?

Era jogar futebol...

Portanto só jogava futebol?

A sério, a sério. [SORRI] Eu via as raparigas todas a brincar, e eu com os rapazes a jogar futebol.

→ feminização da modalidade por género ✓

Via essa diferença entre as brincadeiras de rapazes e raparigas. Alguma vez foi um problema para si?

Não, completamente tranquila. É mais problema para os meus pais, é aquilo que eu tou a dizer, que eles são muito conservadores. Mas eu levava na boa.

Nunca teve nenhum problema de integração?

Não, não, não. Eu dava-me com raparigas e com rapazes, só que como eu passava a vida a jogar à bola tinha mais contacto com eles.

↓ ↓ ↓
→ futebol de género ✓

Em algum desses momentos, sentiu algum tipo de pressão, por exemplo pelo seu contexto familiar, para outro tipo de brincadeiras?

Alteração do contexto para fugir ao estereótipo masculinizado do futebol

Sim, depois de sair da escola até ao 4º ano, depois fui para um colégio privado só de raparigas. Tipo religioso e não sei quê... E sim, foi um bocado complicado. Posso dizer que até sofri de bullying. [HESITA] Não era bem bullying mas pronto, meninas de sainha com farda e não sei quê, não é? Mas pronto sim, foi um bocado mais complicado. Mas continuei a jogar na rua, aos fins de semana.

→ pressão do contexto para outro tipo de brincadeiras

Tendo em conta o contexto restrito de raparigas, já me tinha dito que jogava só com rapazes. Não entrava aí o futebol?

Concepção de futebol ≠ feminino

Entrou [HESITA] No 5º ano por exemplo, mas depois elas começaram a crescer, eu também comecei a crescer... A mentalidade mudou, queríamos era agradar aos rapazes e aquilo era muito masculino e não sei quê... E pronto, o futebol nessa fase, na minha fase da adolescência ficou um bocadinho mais pa trás. Já não ia tanto para a rua, tava no colégio só de meninas e pronto. Depois quando mudei de colégio no secundário, aí já havia uma equipa de futsal do colégio. Eu entrei, só jogava com raparigas, deixei de jogar com rapazes. Depois quando entrei para a faculdade é que entrei numa equipa federada mesmo.

→ socialização do mãe

Já me falou um pouco sobre o seu contexto familiar mas pergunto-lhe se sentiu apoio por parte do seu contexto, por ser uma rapariga a praticar um "desporto de homens"?

Não, eram totalmente contra. Até posso dizer uma coisa, que é, a minha escola era à frente da casa dos meus avós que são os pais do meu pai. E eu jogava, a minha mãe era a diretora dessa escola, não se importava que eu jogasse à bola que era num contexto de brincadeira. Mas o meu avô rondava a escola para ver se eu tava a jogar, e não me deixava, entre aspas. [PAUSA] E agora, agora eles apoiam-me, vão ver os meus jogos mas no início foi complicado, eles não queriam mesmo... E a minha mãe tava-me sempre

socialização em volta do futebol como não apropriado para raparigas

Alteração de paradigma (re) construção da masculinidade para raparigas

→ Reconstrução?

a dizer "larga o futebol, tu és uma menina" e o meu pai também "isso não é para ti" mas eu continuo a jogar. [RI] Já me disse que tem um irmão. Sentiu alguma diferença de tratamento?

Sistema petronal privado e papéis de género ←

Sim, sim. O meu pai é, é completamente fanático pelo futebol do meu irmão. O meu irmão tem que chegar muito alto, ele chega ao ridículo de criar tipo textos pra ele tipo se focar mesmo e não sei quê... Quer influenciá-lo a nível da faculdade para ele tipo tar sempre ligado ao desporto e a mim é completamente ao contrário. A ele dá-lhe tipo liberdade de escolher e de seguir aquilo que quer, a mim tá-me sempre a tentar desviar do futebol.

→ Socialização e contexto familiar Ref. masculina ✓

Começou a praticar federado aos 21. Recorda-se quando e como surgiu essa oportunidade?

Início da prática apenas quando se tornou autónoma ✓

Eu tinha deixado o colégio, quando fui para a faculdade. Tinha saudades de jogar, então procurei pela internet o clube mais perto de casa e por acaso era perto. Comecei a ir ver os jogos, treinos. [PAUSA] O mister na altura viu-me lá e desafiou-me a ir treinar e pronto. [RI] Desde aí, que fiquei.

→ procurei em nome próprio ✓

Desde que começou a praticar, nunca parou?

Exatamente.

E em quantos clubes jogou?

Dois.

E porquê que mudou de clubes?

Por acaso, porque esta equipa acabou, então nós fomos todas pa outra.

A primeira equipa onde estava?

Sim, mas a meio eu ainda fui para outro clube, depois voltei a casa.

E porquê que o primeiro clube acabou?

Problemas de direção, lá está também não tínhamos apoio por sermos raparigas...

→ Rotinas estruturadas e falta de apoio ✓

Não foi o clube, foi a equipa feminina que acabou?

Sim.

Foi necessário cortar por parte do clube e a escolha recaiu sobre a equipa feminina?

Sim, radicalmente. Exatamente.

Sistema petronal público Desinvestimento recai sempre sobre o feminino

Desde que pratica federado, já percebi que é diferente em relação à família. Mas por exemplo, os amigos apoiavam-na ou também não gostavam da ideia?

Não, não, sempre supertranquilo. Apoiaram-me imenso, as minhas amigas da faculdade e tudo, sim.

Dentro do seu clube há equipa masculina?

Sim.

Na sua perspetiva, que dificuldades é que o clube coloca à sua equipa?

Somos sempre deixadas para último plano. É sempre a equipa menos importante, com menos apoio, com menos condições, horários de treino somos sempre as últimas. Por exemplo, aos rapazes dão fatos de treino, dão a relva, sempre o estádio, a nós não. Nós temos que ir treinar a outros lugares, não treinamos mesmo na sede do clube devido a dificuldades de horário. Também não temos qualquer apoio monetário ou de transporte, se a câmara municipal não nos dá transporte nós temos de pagar do nosso bolso para ir aos jogos. E eles é muito mais fácil exatamente porque são rapazes.

Todos esses pontos em que me diz que não são apoiadas, os rapazes são?

Sim.

Em todos eles?

Sim.

Alguma outra situação dentro do clube que sinta que o clube é injusto com vocês?

Reconhecimento e no apoio.

Em termos de público?

Sim, também.

E de presença do clube?

Sim, presença do próprio presidente... Não temos uma equipa técnica adequada, um diretor. É tudo para os seniores, pos seniores, pos seniores. [PAUSA] Por exemplo, os nossos jogos é um jogo normal como se tivéssemos a jogar na rua. Para eles é música, o homenzinho a falar, é tudo. [RI] E nós não podemos jogar

Desigualdades estruturais
Estrutura reproduz a desigualdade de género.

-> desigualdades estruturais: apoio monetário, material, instalações

Sem condições estruturais para o desenvolvimento

-> falta de estrutura

na relva porque os meninos vão treinar no dia a seguir e a relva fica pisada.

Ou seja há o estádio principal quando jogam em casa, onde eles treinam e onde vocês treinam de vez em quando?

Sim.

Quando não estão lá os rapazes?

Sim, exatamente. [RI]

Então e quando não podem jogar lá porque os rapazes treinam no dia a seguir, que solução é que o clube tem para vocês?

É um campo que é como se fosse alcatrão... Um mini campo como se fosse alcatrão e isso é às dez da noite.

Qual é o vosso horário de treinos?

Quando não treinamos no clube, é às oito e meia, nove. Entramos às nove, temos de lá estar às oito e meia. Quando é no clube é às nove, nove e meia e dez. Entrávamos às nove e meia, íamos para esse campo de alcatrão e depois às dez já trocávamos pa um sintético porque os rapazes acabavam de treinar a essa hora.

Os seniores masculinos treinam mais cedo?

Sim.

Sempre mais cedo?

Sim.

Já foi treinada por mulheres? Já teve treinadoras?

Não, só fui treinada por homens.

E dentro da equipa técnica, sempre só homens?

Sim. Tirando a massagista, já houve uma rapariga. Equipa técnica mesmo só homens.

Já jogou com árbitros e arbitras a orientar o jogo?

Sim.

Nota algum tipo de diferença de abordagem?

Não, por acaso não. Eles são os dois ríspidos. [RI] São duros connosco, não são... Nem por ser homem, nem por ser mulher, mais calmos, não noto diferença sinceramente.

E a arbitragem a jogos masculinos, já reparou diferença entre arbitragens a jogos masculinos e a jogos femininos?

Sistema petzonal público
Fomento constante do
mesculino

Pouca presença feminina
ou muda me estrutura técnica
mes presente nos papéis de
"viden"

} falta de condições
em termos de estrutura

-> sem estrutura para
mesculino e feminino

} Falta da presença
feminina na
estrutura

Popel da Federação
em incutin incerto
similari co futebol feminino
e masculino

[LONGA PAUSA] Eu acho que não, eu acho que nisso não encontro mesmo diferenças talvez por ser regras mesmo da Federação que eles tem que utilizar uma determinada conduta, acho que nisso não encontro mesmo qualquer diferença, sinceramente.

→ formação

Alguma vez sentiu discriminação por parte do público por ser uma rapariga a praticar futebol?

Muita, muita...

Consegue-me dar exemplos?

De gozarem, tão a ver o nosso jogo e tão a gozar. Ou tão a dizer que o futebol não é para as raparigas ou que são a vergonha do clube por termos a ter um mau resultado, por exemplo... [PAUSA] Começam mesmo a gozar e nós tamos dentro do campo e sentimos mesmo que tamos a ser ridicularizadas.

→ Socialização do futebol como para rapazes?

Acha que essa ridicularização deriva do facto de serem raparigas a praticar futebol?

Sim, sem dúvida. "Porque as raparigas não sabem jogar futebol" e "as raparigas são fraquinhas" e há muitas comparações entre nós e os rapazes.

→ padronização do futebol?

Legitimação das características
masculinas para o futebol e
futebol ≠ feminino

Por parte da equipa técnica alguma vez sentiu algum tipo de discriminação?

Equipa técnica não, antes pelo contrário. Tentam-nos sempre elevar e lutar pelos nossos direitos.

E por parte do clube?

O clube é que já não. O presidente e os outros órgãos envolvidos, aí sim, já sinto bastante discriminação.

Já falamos sobre isso, mas como é são discriminadas?

Lá está, não nos apoiam minimamente. Não sabem sequer os nossos resultados! É como se nós não fizéssemos parte do clube.

→ Falta de apoio por parte da estrutura!

Com base na sua experiência, considera que o futebol ainda só é socialmente aceite como "para homens"?

Sem dúvida!

De que forma, consegue aprofundar?

É muito visto ainda como no século passado [PAUSA], que é um desporto violento [PAUSA], que envolve técnica que as raparigas não têm, força, velocidade [PAUSA].

→ padronização do futebol

características de género
futebol ≠ feminino

Definição da modalidade →
futebol e não futebol
masculino

Ou seja, todo um conjunto de características...

Que, que é dos homens e não das mulheres. E as pessoas não conseguem perceber que pode ser a mesma modalidade, mas jogada de maneiras diferentes. Claro que nós não tamos à espera de jogar como os homens, nós temos uma anatomia e fisiologia diferente, mas também podemos saber praticar.

→ pensar a modalidade como modalidade de género

E a tendência é para se alterar?

Eu acho que tá a alterar. Devagarinho, mas tá.

E porquê que acha que tá a alterar?

Com a entrada dos clubes grandes, principalmente. E também porque os pequeninos veem o futebol feminino como uma forma de ganhar mais algum dinheiro. Porque a Federação dá um reforço monetário a quem apostar no futebol feminino, então pronto.

→ importância dos clubes grandes e

Considera que existe uma percepção das raparigas que praticam futebol como não femininas?

Sim, Maria-rapaz [RI] [LONGA PAUSA] Tava a tentar desenvolver... [LONGA PAUSA]

A prática associada a →
um género por sua legitimidade

É importante o desenvolvimento do futebol feminino para o desenvolvimento da modalidade? Em que aspetos?

Sim, precisamos de mudar a mentalidade das pessoas. E verem que nós também podemos praticar a modalidade.

→ agência do futebol

Termos mais apoio... Compreensão não é a palavra certa, mas se calhar se vissem iam gostar. Não irem para um jogo feminino com a ideia de que vão ver um jogo de futebol masculino, porque não vão. Por isso, acho que parte mais por mudar a mentalidade das pessoas, mostrar que nós também sabemos jogar futebol, e pronto depois ter o apoio monetário das pessoas. E desenvolvimento... Sei lá, eu não sei como é que se desenvolveu o futebol masculino aqui em Portugal mas deve haver estratégias de desenvolvimento para dar a conhecer às pessoas.

A importância da →
ação para a reconstrução
do futebol como mão de
género

E para a sociedade, é importante? Em termos das de papéis de género ou a importância do crescimento da modalidade para a geração futura, por exemplo.

Importância do desenvol-
vimento no feminino
para reconstruir a percepção
de modalidade na socialização
futuro

Lógica heteronormativa ✓
Se fez algo masculino, emani-
o papel masculino e é homossexual

Sistema patriarcal
Combater a reprodução da
modalidade como masculina
Importância da agência

Eu acho que é importante agora as miúdas sentirem que não vão ser ridicularizadas, nem sofrerem de bullying por gostarem de uma modalidade que na cabeça do povo português é masculina. Segundo, é poderem desenvolver as suas capacidades, tal como os rapazes, ter equipas de formação, para poderem tipo seguir o sonho! As raparigas também podem ter o sonho de serem jogadoras profissionais.

É importante para o reflexo do papel feminino na sociedade?

Sim, porque basicamente as pessoas acham que o futebol feminino é só lésbicas. E não é. [LONGA PAUSA]

É um estereótipo?

Sim e há muita gente que fica com medo disso, de ser visto dessa maneira. E por vezes não pratica e acho que isso também devia mudar porque há de tudo, como em todo o lado.

Acha que é um estereótipo tão integrado na nossa cultura que leva a que pessoas não adiram ao futebol feminino?

Sim, com medo do que a sociedade vai dizer.

O que acha que precisa de mudar no panorama atual do futebol feminino?

Tudo mesmo. Mais apoio monetário, mais entrada dos clubes com influência. [HESITA] Mais visibilidade mesmo, dar a conhecer. Quando a seleção vai fazer play offs para o europeu... Tipo está tudo escondido, é só masculino, masculino, masculino. Tipo esta, esta atividade de porem o ecrã gigante para ver os jogos do mundial? Masculino! Porquê que não fazem isso no europeu feminino ou no mundial feminino? Eram formas que se calhar, as pessoas vissem, se calhar afinal até gosto. Era uma maneira de começar a introduzir o conceito.... Tentar mudar a opinião das pessoas, porque a maior parte das pessoas fala por aquilo que ouve e não por aquilo que vê.

Como é que incentivaria uma miúda, as gerações mais jovens, a jogar futebol?

O futebol como é a grande modalidade do país, e tá em todas as televisões, em todas as notícias [PAUSA] Eu acho

Na constância

Formação e estrutura
que permite o
desenvolvimento

→ Estereótipo ✓

→ Preconceito ✓

→ apoio estrutural
ao desenvolvimento

→ urgência e incentivo
social ao fut. fem.

VIII

Desconstrução da
modalidade por género e
legitimam rapazes e raparigos

que... [HESITA] Não sei, eu acho que era da mesma
maneira. A rapariga vê os rapazes a jogar à bola e se quer
ir jogar à bola, vai jogar à bola. [SORRI] Não sei responder
a isso como deve de ser porque eu acho que é algo que
nasce connosco, sinceramente, gostar de algo. Não sei
explicar, é mesmo uma cena... Por muito que eu jogue
volley, eu odeio volley. [RI] E mesmo que eu veja na
televisão eu odeio, por isso é que eu acho que é uma coisa
que não dá para dizer "olha experimenta", eu acho que é
mesmo, sei lá, vem de nós.

→ normalização?
de socialização

**E tendo em conta tudo o que mudaria, há algo que não
mudaria no panorama atual do futebol feminino,
enquanto atleta?**

O que é que eu não mudaria? Eu acho que mudaria tudo,
até os equipamentos. [RI] [NÃO AUDIVEL] masculino, nem
isso há para nós. Sim, eu mudaria tudo. Tudo.

**Que balanço é que faz da experiência de praticar futebol
enquanto pessoa e atleta? Positivo, negativo?**

É sempre positivo porque é algo que eu gosto, né? Mas é
negativo exatamente por existirem essas falhas e esses
obstáculos que por vezes, tornam-se cansativos, nós
tamos sempre a remar contra a maré. [PAUSA] E não
sentir apoio das pessoas, eu acho que às vezes, é
desmotivante, ou seja "se calhar, se calhar as pessoas têm
razão".

→ Falta de
apoio institucional

Questionamento pessoal
e sobre a modalidade

E de um ponto de vista pessoal?

É muito positivo. A prática de uma modalidade, e
principalmente o futebol, jogarmos noutros sítios,
conhecermos novas equipas, outras pessoas... É como se
fosse a nossa segunda família, basicamente, a equipa.

→ Desenvolvimento
pessoal

Socialização em novos
contextos e dinâmicas

Quais as motivações para continuar a praticar futebol?

Ver que está a existir uma evolução. E o gosto pela
modalidade, e a esperança sempre que vai existir algo
melhor. Ou seja, que podem nos dar melhores condições
se nós mostrarmos resultados ou progressos, que se
melhorarmos podemos ser chamadas para um clube
melhor. Por exemplo entram outros clubes grandes, o
Benfica vai entrar, isso é algo motivador.

→ desenvolvimento
da modalidade e
da percepção
→ gosto

IX

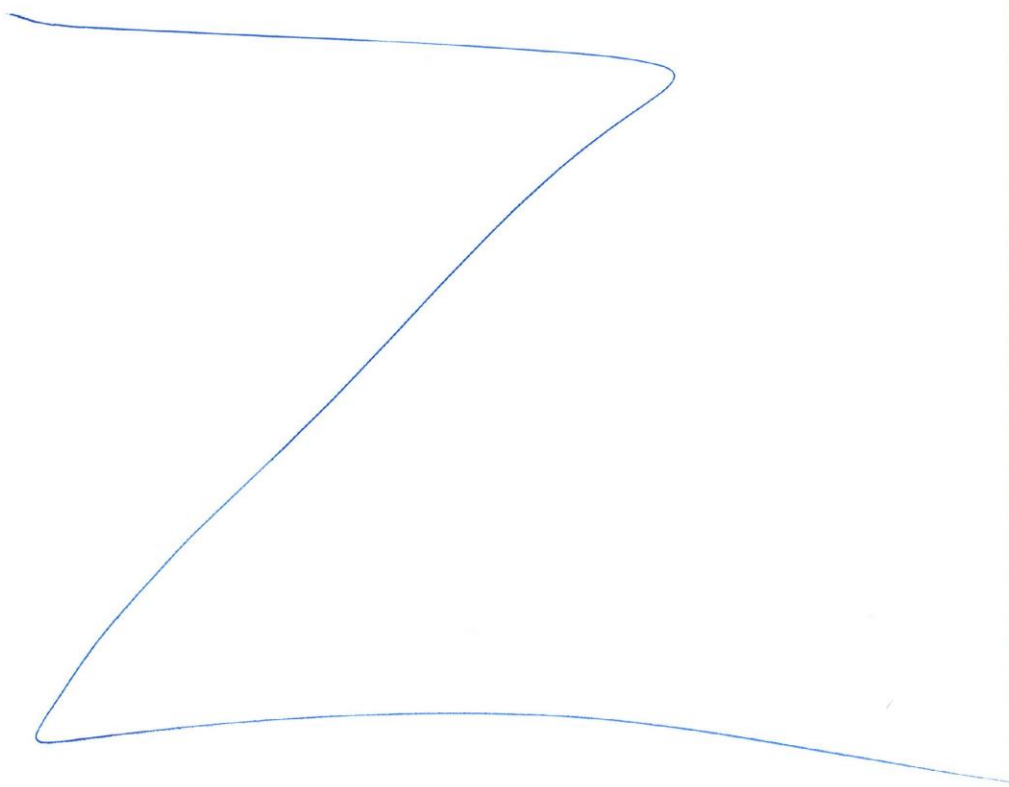
Importância da origem a-
pare reconstruir a
modalidade não de gênero

Já me falou num estereótipo com parte de conotação negativa, isso influencia quando pratica?

Sim, influencia-me. E eu gosto de mostrar que não é verdade, aquilo que as pessoas dizem e pensam. E acho que é importante da nossa parte mostrarmos exatamente isto, o que é que realmente é o futebol feminino. E, mudar a ideia das pessoas.

Obrigada.

-> Através da prática
através de prática



X

ENTREVISTA Nº3 26 JUNHO

24 ANOS. MONITORA SÓCIO CULTURAL. QUATRO CLUBES. SINTRA

Lembra-se da primeira vez que ouviu falar de futebol?

Lembro-me. Foi com o meu irmão, ele começou a jogar à bola com os amigos lá na praceta onde nós moramos. Eu ficava em casa a brincar com os bonecos claro [RISOS], como rapariga. Só que depois, houve uma vez que ele perguntou “Anda lá jogar, sai de casa”, com 6 anos, 5, 6 anos. E eu fui, não sei, gostei, também não sei porquê porque era só correr atrás de uma bola, gostei e foi mesmo a partir daí, quis sempre ir para a rua jogar à bola. [PAUSA] O engraçado é que eu imitava o Oliver e Benji ou o Benfica ou assim com os bonecos a jogar mas eu própria não jogava...

→ socialização
Contexto familiar ✓

Foi assim que começou, a simular um jogo de futebol?

Eu gostava de ver o Benfica e os bonecos da televisão, pessoalmente eu não jogava mas já fazia com os bonecos [RISOS]

Sempre gostou, mas só depois é que começou a jogar?

Sim, acho que foi mais isso.

Considera-se adepta de futebol? Costuma acompanhar a modalidade? Masculino e feminino?

Sim. Agora mais o feminino, mas sim. Masculino, não sou aquela pessoa que vê todos os jogos da premier league e sabe os jogadores todos e as classificações todas, não. Tenho x equipas europeias favoritas que tenho mais interesse de ver mas é quando calha. Tenho o meu clube que acompanho sempre, mas também não sou daquelas que vai ver televisão só para ver um jogo de futebol.

Desloca-se muito ao estádio?

Quando tenho tempo, disponibilidade. Gostava de ter mais vá, como adepta gostava de ter mais.

E na escola, o futebol também estava presente no recreio?

Sim, sendo que eu comecei com 5, 6 anos, eu basicamente desde o primeiro ano que os meus recreios era jogar à bola.

→ socialização primária

Costumava jogar rapazes e raparigas?

Rapazes.

Popis e características de género

E porquê?

Nessa altura as raparigas não se interessavam por isso porque era uma coisa de rapazes.

→ padronização do futebol

Para além do futebol, havia mais alguma brincadeira no recreio?

Sim, jogávamos à apanhada, às escondidas, assim brincadeiras "estúpidas" como se diz.

Essas brincadeiras já com rapazes e raparigas?

Sim, sim.

Estando tão presente o futebol, nos tempos livres da escola, jogava futebol?

Sim, mas aí também já fazia mais coisas. Andava de bicicleta, sim, mas a maior parte era futebol.

Já me disse que brincava mais com os rapazes.

Também tinha o meu irmão da mesma idade.

As raparigas tinham outro tipo de brincadeiras que não jogar futebol, portanto. Alguma vez foi um de integração?

Não, nem por isso. Elas adoravam-me, elas é que tipo cuidavam das minhas feridas, ou diziam "vai ao posto médico" ou então tentavam roubar um bocadinho de tempo "pronto, perdeste este jogo anda brincar connosco". [RISOS]

Em algum desses momentos, sentiu algum tipo de pressão, por exemplo pelo seu contexto familiar, para outro tipo de brincadeiras?

Não, não, nunca fui. Apenas só queiram que eu cuidasse das feridas, coisas que eu não fazia.

Consegue-me dizer de que forma é que os seus pais a apoiaram no futebol? Ou de que forma nunca se opuseram?

Sim, foi mais o não opuseram. Porque lá está, eles viam-me a jogar à bola com o meu irmão não é, lá fora, e realmente eu sempre fazia... Eu acho que é muito mais, para os meus pais sempre foi muito mais importante que eu me divertisse. E o contexto casa, tal como hoje em dia, o contexto de ficar em casa é [PAUSA] é mau, não sei como é que as crianças consegue estar tanto tempo em casa, muito sinceramente. Mas eu andava sempre na rua, se não tivesse a jogar à bola, tava a fazer corridas de bicicleta ou tava pelos montes simplesmente a descobrir o mato. Mas lá está, para os meus

→ Referência masculina importante na socialização

pais, pronto, eu e o meu irmão andávamos sempre juntos. Ou era jogar à bola ou era tar com os outros lá do bairro, ou assim. Mas não foi o apoiar porque nunca tivemos uma conversa sobre isso, mas também nunca se opuseram, nunca me tiraram a bola dos pés... Não tava agarrada a ecrãs. [RISOS]

Jogava sempre com o seu irmão, nunca teve nenhum tipo de comparação com o seu irmão? Sobre ser um desporto para "rapazes".

Não, não...

Quando é que começou a praticar futebol de competição, federado?

Eu com 7, 8 anos entrei para o meu primeiro clube. Onde andava na formação, mas aí não era federado, não era competição. Tínhamos alguns jogos, alguns torneios. E depois com 8, 9 anos, aí é que comecei a fazer competição. Aí sim já entrava na lista de federados das distritais vá, que é assim que se dividem os campeonatos. Mas entrei para uma equipa com 7.

De rapazes?

Sim, de rapazes. "Mistas" [GESTICULA ASPAS E RI]

Fez a sua formação com rapazes até que idade?

Até aos 12, que é a idade limite.

E depois teve que parar?

Foi quase como um parar porque, imagine, eu fui para outro clube, mas foi para uma formação onde eram as raparigas, do tipo quem quisesse jogar à bola. E eu foi passar de um ritmo competitivo e com rapazes, para pessoas que nem um passe sabiam fazer quase. Foi quase como parar, mas parei, felizmente parei só, só tipo 6 meses.

Nessa altura aos 12 anos?

Sim, aos 12, 13. Porque depois acaba a época dos 12 anos e só em Setembro é que se entra para uma nova época. Ou seja, eu não podia continuar onde estava, fui para este clube. E daí, entre os 12, 13, porque eu faço logo anos também em Janeiro eu tive aquela transição de para aí 6 meses em que quase estagnei sim, tava naquela equipa, salvo seja. Mas que depois tive a felicidade de entrar logo para as seniores. De acabado esse ano, lá está daí ter sido só uma estagnação de 6 meses

↳ Estrutura sem resposta para a pergunta

↳ oportunidade e escolha

↳ "obrigada" a parar por ser rapariga

↳ Sem crescimento contínuo

-> Falta de resposta estrutural

sem contar com o Verão que aí toda a gente estagna [RISOS], acabar a época como outra vez federada e em competição a sério e aí era mesmo competição a sério.

Quando começou a praticar com rapazes, alguma vez sentiu algum tratamento diferente quer de colegas, quer de equipa técnica?

Não, nada disso [RISOS] Quase como uma adversária. [RISOS] Não, eu dava-me super bem com eles.

E consegue-me dizer como é que surgiu a oportunidade de começar a praticar, quando era mais pequena?

Então havia um amigo nosso de escola que também era das redondezas lá do bairro que [PAUSA] ia começar a jogar. Um miúdo normal, ia jogar. E perguntou-nos como nós andávamos sempre com ele, e até íamos à praia com ele e com a mãe dele e assim, era como se fossemos família, família. E perguntou-nos se podíamos, ou se queríamos. E nós claro. [RISOS] Falar com os pais. Até também com a mãe dele e não sei quê, depois por causa das boleias. Os meus pais também não podiam então era os pais dele que nos dava as boleias e tudo mais. Pronto, então foi mesmo por aí, ele ia entrar para essa equipa e perguntou-nos como eramos os melhores amigos, família quase, e perguntou-nos.

A deslocação entre casa e treinos foi sempre feita dessa forma?

Não, depois os meus pais também às vezes podiam. No ano a seguir, não tou a dizer no ano a seguir que já não me lembro, mas eu lembro-me que houve uma certa altura, também quando os meus pais mudaram de emprego e não sei quê e já eram os meus pais a darem boleia. Depois não sei, também crescemos.... Arranjamos maneira de ir, um bocado assim.

Iam ver os jogos também?

Sim, sim.

Já me disse que a prática teve de parar aos 12 quando deixa de jogar com rapazes, portanto aos 14 começa a ser sénior?

Na minha altura, como não havia campeonatos de juniores, agora já há, agora já há. Agora já temos equipa feminina desde os 14, 15, consegue-se ter uma competição de equipa feminina. Então eles puxavam as melhores, as que achavam

sem distinção de gêmeo ←

surgimento da oportunidade através de outra pessoa ←

saltos na formação ✓ ←
formação sem resposta ✓

→ Socialização no futebol

→ Início da prática de competição ✓

que epá tem talento, para as seniores. Sim é verdade, eu era muito nova, eu não tinha 16, eu tinha 13. E [HESTIA], vou dizer havia pessoas que tinham 30. Era literalmente uma criança. As mais novas naquela equipa era supostamente 18 anos... Já me perdi [RI]

Eu perguntei se a prática é contínua desde que começou, e estava-me a dizer como foi chegar aos 13 anos à equipa sénior.

Exato, tive a sorte de nesse ano, que depois ia acabar, no final da época muitas iam embora. Então a treinadora das seniores tava à procura de juventude. Se calhar não tava à espera de tão nova, mas teve azar porque a que ela achava que tinha talento era a mais novinha [RISOS] ou das mais novas. Então puxou-me o que foi bom depois também para eu crescer muito mais cedo.

Oportunidade ao encontro do atleta ✓

Na sua vida de competição, em quantos clubes é que já esteve?

[PAUSA] Quatro.

Já explicou a mudança do primeiro clube, consegue-me dizer porque mudou de clube nas outras ocasiões?

O primeiro clube onde fui sénior acabou, o futebol feminino. O presidente não quis apostar mais no futebol feminino, que era o único que lhe dava títulos, mas [PAUSA] pronto [RISOS]. Depois para onde fui também deu uma barracada do pior no futebol feminino. Porquê? Porque também não investiram, não apoiaram, ou foi uma ganda confusão entre o clube e a direção. E agora estou noutra clube, que ainda não mudei [RI].

Mudanças de clube
Falta investimento fut. fem. ✕

Tendo iniciado tão cedo a sua carreira de sénior, quais as maiores dificuldades de adaptação que encontrou?

Eu não sei responder essa pergunta com todas as estruturas do meu corpo. [SORRI] Eu entrei completamente à toa, completamente à toa. Mas elas fizeram questão de integrar-me mesmo bem, mesmo bem vá. Claro como se eu fosse a filha delas. As que tinham 17, 18 anos eram as minhas companheiras, mas até elas, muito estúpidas que fossem [GESTICULA ASPAS], salvo seja, porque é aquela idade comparada para as outras, eu era a criança não é [SORRI]. E [PAUSA] mas dificuldades de integração... Eu não me lembro,

→ Socializante ms
"formação"

não me lembro de, [HESITA] é assim se eu tivesse tido mesmo dificuldade de integração se calhar hoje em dia eu lembrava-me para tentar explicar porque era uma coisa que tava assente na memória ou assim. Mas não sei, acho que foi aos poucos, até porque eu fiz esses meses finais de época nas seniores, que entrei a meio, quase fim, da equipa sénior. E no ano a seguir, na época a seguir eu já era titular.

Aos 15?

Aos 14, aos 14, 15, para fazer. Já era titular, ou seja, havia um respeito porque eu era titular. Reconheciam-me o valor e do tipo "ya, realmente ela é a melhor pa aquela posição" ou sei lá, não sei o que é que elas pensavam, mas havia o respeito, eu sentia que havia o respeito. Não era simplesmente uma miúda que tava lá nos treinos e que tava no banco ou que nem sequer era convocada. Não, eu fazia parte do 11 inicial, eu era importante a esse ponto. Lá está, é por aí não ter realmente sentido aquela falta de integração ou ter tido dificuldades nesse aspeto.

Foi difícil deixar de jogar com o seu irmão?

Não. Mas foi difícil deixar de jogar com rapazes.

Porquê?

Não sei explicar mas [PAUSA]. Não sei explicar.

Mas em relação ao ritmo competitivo, ou a abordagem fora do campo...

Não sei se é ritmo competitivo porque eu, porque elas punham muito ritmo competitivo e eu tinha que saber foras de jogo e, e uma criança de 13 anos a saber fazer foras de jogo e tudo mais... Pera aí, tenham lá calma. E elas a gritarem comigo, não era por mal mas eu tinha que saber. Mas não sei, foi tanto tempo e foi a minha formação, foi ali que eu comecei, que senti falta deles, [RISOS] deles, literalmente.

Nunca teve dificuldades de oportunidade, portanto? As oportunidades é que vieram ter consigo?

Sim, exacto.

Os clubes onde esteve tinham também plantel masculino?

Todos os clubes por onde eu passei tinham plantel masculino.

Menos o primeiro.

Reconhecimento e ✓
legitimização apesar da ✓
idade ✓

→ competição sénior ✓

} dificuldades mas ✓
alteração de contexto ✓

Que tipo de diferenças em que notava entre tratamento de equipa masculina e equipa feminina?

Ah, isso tenho muitas. [SORRI] Então a começar pelos horários de treino em que os seniores, os juniores, já são maiores de idade e deslocam-se sozinhos, pelo menos esses, já não falo de juvenis e isso que ainda podem depender de pais ou assim, mas seniores e juniores, sempre, em todos os clubes, sempre, treinaram a horas decentes. Tipo, das 19h45m até às 21h, eu fui sempre das 21h30m às 22h50m, 23h. Estica-se sempre e não começa sempre às 21h30m, e chegar a casa e não chegar, por acaso eu morava ali perto quando era o caso do primeiro clube em que fui senior, mas quando era o caso dos outros já não é assim tão fácil. E chegar quase à meia noite, ainda comer alguma coisa, porque depois tem de se comer alguma coisa e depois vai-se simplesmente... Ah ainda tem de se tomar banho. Depois vai-se simplesmente descansar para o outro dia acordar às 6h da manhã para ir trabalhar, estudar, seja o que for. Nunca, nunca, em nenhum clube nós treinamos a horas decentes. Literalmente. Depois, posto médico. Os rapazes têm direito a tudo, tudo e mais alguma coisa. Nós temos direito a um massagista quem é massagista porque tirou um curso na tropa, ou seja, sabe fazer tantos curativos como eu. Porque se for um case grave, uma entorse ou assim, chapéu, não sabe. Ou mesmo coisas na altura do jogo ou assim... [HESITA] Coisas graves, não sabe logo abordar. É gelo, o gelo resolve tudo basicamente ou o spray milagroso. [PAUSA] Dentro do posto médico, muito mais espaço para eles, um espacinho para nós. Sei lá, mais... [PAUSA] Balneários. Eles, em todas as equipas que eu tive, os balneários sempre tinham uma banheira para eles. Nós, nunca vi uma. [RISOS] Se tivéssemos de fazer recuperação com gelo e não sei quê, faz em casa. Ou já fiz muitas vezes num caixote de lixo, despejar a água para lá, gelo e é lá que fazíamos. Tipo, não há condições.

E apoios para deslocações para jogos?

Em jogos, nós vamos num autocarro. Não somos nós que pagamos, é mesmo o clube. Mas se formos a falar de ajuda para as nossas viagens de treinos mais o dia de jogo, para o

Sistema petroleiro público ←

Perpetuação das desigualdades e favorecimento aos rapazes ←

Ni resposta estruturada →

Estrutura financeira equipe masculina ←

→ diferenças em termos monetários, horários, instalações, cuidados médicos

clube, eu só, há tanto tempo que jogo, eu só comecei a receber há dois anos.

Para as viagens?

Recebo para as viagens, sim. Eles recebem para além daquilo que gastam para deslocarem-se para um jogo ou para um treino. Nós não. Nós temos que contar basicamente quase os quilómetros que fazemos e não sei quê para eles nos darem quase certo, aquilo que nós gastamos na deslocação.

Apoios momentâneos ✓

Já me falou em termos de equipa médica, não há nenhuma responsabilização do clube se tiverem algum tipo de problema que não seja resolvido na hora?

É o seguro. É do tipo o massagista diz "isto deve ser uma entorse". Se tenho o joelho ou o pé todo negro, inchado, se calhar outra coisa não deve ser, digo eu. Mas o massagista, como percebe muito disto diz o mesmo que eu. [SORRI] Tem de mandar para o seguro. Para fazer raio x ou o que tiverem a fazer e a partir daí o seguro cobre tudo, trata de tudo.

Estátua não é a mesma para ambas as equipas

Com os rapazes é também assim?

Os rapazes, eles têm um fisioterapeuta, que é diferente, sabe lidar as coisas de uma maneira diferente. Não os manda logo para o seguro, tenta com técnicas que eles sabem, fisioterapia, emendar. Okay, é uma entorse, mas daí a precisar de seguro? É que o seguro é um processo muito longo em que tem de se basicamente parar a tua vida quase, porque o seguro simplesmente decide... Eu vou falar do meu caso, tive que ser operada ao menisco, eu basicamente tive de mudar de seguro ao fim de tar parada [PAUSA] 4 meses. Porque simplesmente o seguro do clube não se mexia.

Desresponsabilização por parte do clube

Foi a maior altura em que esteve parada, sem jogar? Quanto tempo desde que se lesiona, até voltar a jogar?

Foi 6 meses. Uma coisa que podia ser 4 meses.

Influenciou a época?

Sim, influenciou. Mas depois eu pude acabar a época a jogar a Champions. Mas porque que quis. Não que tivesse alta, mas eu disse "dêem-me alta que eu já tou bem". Quase que me sacrifiquei, quase que fiz um agachamento a chorar, mas eu disse "não doeu, tou bem" e o médico devia ser tão bom que acreditou em mim e deu-me alta.

Médico do clube?

Médico de seguro, mas o seguro devia ser bom, lá está [RISOS].

Já falou há pouco em treinadora, portanto presumo que já tenha sido treinada por equipas técnicas femininas e equipas técnicas masculinas. Notou alguma diferença de abordagem?

Reconhece diferenças entre fut. masc. e fem.

Mais ou menos. Depende dos treinadores, depende das treinadoras. Tive um treinador que percebe mais de futebol feminino do que masculino, ou seja, é mesmo, ele nasceu para treinar raparigas e não rapazes. Sei lá, tem jeito para aquilo, entende-nos. Eu acho que treinar raparigas não deve ser nada fácil. [RISOS] Ele tem uma paciência de anjo, e eu acho que por muito que saibas de táticas e tudo mais tens que perceber as raparigas, as mulheres neste caso. E ele sabia fazer isso, foi tipo o melhor treinador que já tive. As mulheres em contrapartida, são mais [NÃO AUDIVEL]. Tive dois casos de mulheres a treinar, há conflitos porque há amizades. E quando há amizades há conflitos depois e há grupos, e nunca pode haver isso. [PAUSA]

-> Abordagem varia ✓
comosomte rapariga ou rapazes ✓

É uma questão de autoridade, a falta dela?

Padronização por género na abordagem ao papel de autoridade

Sim. Não sabem separar. Pronto, eu por muito que o treinador conheça ou seja mais amigo ou não sei quê quando tem de manter a autoridade... Mas também já tive o exemplo que há sempre as preferidas. Com treinador. Ou seja, por muito que aquela vá sempre aos treinos e esteja muito melhor que aquela e não sei quê, mas pá aquela é aquela. Portanto eu acho que não há... Onde um peca, o outro peca noutra coisa.

-> mantém a autoridade ✓

-> mantém o distanciamento ✓

Já jogou com árbitros e arbitras a orientar o jogo?

Todos os jogos femininos... Se calhar apanhei um, mas deve ter sido excepcionalmente porque não havia. É uma arbitra principal. Depois varia, ou são dois fiscais de linha, ou é uma fiscal de linha e um fiscal de linha, ou até são as três arbitras. Normalmente é duas arbitras e um arbitro, uma principal é sempre feminina, uma arbitra e um arbitro.

Nota algum tipo de diferença de abordagem?

Elas falam muito. Falam muito com a gente [RISOS]. Eu acho que um arbitro simplesmente devia arbitrar e pronto. Elas

-> figure autoridade

Não distanciamos e
falta de seriedade ou
autoridade

não, elas conhecem os nossos nomes e dizem "vá, não digas isso", mas tipo não é aquela abordagem do tipo "acabou" como os árbitros, é como se fosse minha colega ou assim "não faça isso". Tem mais necessidade de falar conosco. Quando nos conhecem então há mais tempo é uma coisa impressionante, tão sempre a falar, sobre qualquer coisa.

E os fiscais de linha não?

Tenho um fiscal de linha que conhece-me ao tempo, mas esse arbitrou-me quando era miúda e agora é fiscal de linha das seniores. E até eu até brinco com ele quando tou a ganhar [RISOS], porque quando tou a perder faço-lhe aquele olhar que ele diz "pronto, já está.". Mas sim, eles não falam tanto, arbitram, fazem o papel quem tem a fazer e vão-se embora.

→ papéis de género

Alguma vez sentiu discriminação por parte do público por ser uma rapariga a praticar futebol?

Depende do público, depende do contexto envolvente. A que situações se refere?

Qualquer exemplo de uma situação que lhe ocorra, que tenha sentido discriminação.

Eu acho que sempre fui aquela rapariga sortuda que sempre se deu bem com as pessoas e as pessoas gostavam de mim. Sinceramente não houve assim nenhum contexto em que dissessem "eh, joga à bola, eh rapariga".

Por parte da equipa técnica alguma vez sentiu algum tipo de discriminação?

Não, até porque se eles estão a treinar raparigas.... Foram convidados e aceitaram, até porque não recebem muito, aquilo é como se fosse um hobbie. Portanto ao ponto de mandarem bocas ou assim, era ridículo. Se eles estão ali e criticam, então porquê que tão ali a treinar uma coisa que criticam? Tão a apoiar uma coisa que criticam? Não faz sentido.

Com base na sua experiência, considera que o futebol ainda só é socialmente aceite como "para homens"?

Por acaso não. Por acaso hoje em dia já é... [PAUSA] Não é na boa por assim dizer, não tá top óbvio, não se pode dizer isso. Vou falar tanto de futebol como de futsal. Os rapazes, acho

→ Reconstrução de masculinidade

Futebol sem género ↩

que mesmo os rapazes dão-lhe gosto terem uma colega ou assim "ehh, sabe jogar à bola, ehh bora lá jogar". E mesmo os apoiantes, por exemplo, agora com o Sporting e com o Sporting de Braga. A claque do Sporting vai sempre apoiar o Sporting, e não tem nenhum familiar lá dentro, já não é uma questão de famílias só a ver os jogos. Tá lá a claque do Sporting e se calhar tá lá sem ser a claque, mas os adeptos do Sporting. Claro que temos de falar disto como Sporting ou Sporting de Braga e não simplesmente agarrar nestes pequenos porque vão ser sempre os amigos dos amigos ou a família, ou se calhar as pessoas que por acaso tão lá para ver outro jogo ou tão a almoçar pelo clube e acabam por ver um bocadinho ou assim, não posso pegar por aí. Mas lá está pegando na realidade de termos dois clubes grandes e desse dois clubes grandes a massa associativa ir apoiar o futebol feminino, não se deixar só pelo masculino, podia acontecer, do tipo "não tenho tempo". Mas não, na realidade vão e se calhar vão ver mais depressa elas do que um jogo de basket. Porque é futebol, é feminino, mas é futebol. E do tipo "tou-me a cagar se é feminino, se são elas, elas dão-lhe bué, jogam mais que eu", eles tem estes comentários mesmo.

→ Massificação do fut. fem. através dos clubes

Relevância do fut. feminino em Portugal ↩

A entrada dos grandes como referiu traz todo um novo foco sobre o principal escalão do feminino. Considera importante este crescente mediatismo para a competição em si?

As equipas mais pequenas vão perdendo as jogadoras para esses clubes crescerem. Eles têm que crescer e tem de ir buscar de alguma maneira. E é bom também para aquelas que em tempos tiveram que ir lá para fora para ingressarem no futebol, poderem voltar para as suas famílias e para a sua casa, e poderem competir quase ao mesmo nível. Não vou dizer ao mesmo nível porque ainda não há muitas equipas para competirem ao mesmo nível, mas poderem pelo menos receber ao mesmo nível vá, e estando em família.

→ profissionalização do fut. fem.

Assumir características como exclusivas de género ↩

Considera que existe uma perceção das raparigas que praticam futebol como não femininas?

Sim, isso continua. [PAUSA] Continua porque nós também não fazemos para mudar. Realmente nós não somos o modelo feminino. Ou seja, não podem por uma miúda desportista a

→ Patronização do género

querer gostar de penteados. Podemos querer ficar bonitas, e cada vez há mais essa aposta também no Sporting, que é o marketing. Mas no dia-a-dia, não dá. Porque nós temos o nosso próprio estilo, apanhamos o nosso próprio estilo de andar, apanhamos o nosso próprio estilo de falar, de abordar as coisas. Somos mais, costuma-se dizer "as raparigas são muito picuinhas, guardam muito as coisas" e se calhar nós, não é bem assim porque a equipa depois há os grupos e faz-se a mesma coisa, mas se calhar noutra contexto, nós raparigas desportivas, não vou só dizer do futebol, não somos o modelo feminino. Porque não somos.

→ Mediatização do lado feminino

desporto ≠ características femininas

Crescimento incentivo a um afastamento das características "futebolísticas e masculinas"

E é por isso que se cria o estereótipo da miúda que joga futebol?

Exatamente. Acho que se calhar retirou-se mais o maria-rapaz. Porque lá está, nós acabamos de crescer e acabamos por não nos vestir à maria-rapaz, podemos não pintar as unhas, ou podemos não tar maquilhadas, pronto, mas vestimo-nos bem, ou vestimo-nos à menina ou à rapariga. Temos o nosso estilo, é aquele que tu olhas para uma pessoa "esta joga à bola", nem que seja pela maneira de andar. Nem que seja pelas pernas, estamos de calções "esta joga à bola". É o estilo, não há quem mude. Já vem do sangue quase. [SORRI]

Acha que uma rapariga que seja mais feminina tem mais dificuldade em ser valorizada porque o padrão do futebol é masculino?

Não, não é por aí. Até porque lá fora muitas delas são muito femininas. Cá em Portugal é que tá muito na moda, cá em Portugal, tenho de me incluir nesse núcleo, não que faça parte, mas nós não fazemos por mudar isso. Até porque as raparigas ou cortam o cabelo ou vestem-se à rapaz só porque jogam à bola, mas se calhar são essas que menos jogam à bola ou que menos sabem jogar à bola, é mais estilo, pinta de sou maria-rapaz do que propriamente jogar à bola. Depois vem uma pessoa que até pode não ser feminina, mas normal, tipo sei lá eu, e simplesmente dá um baile, por exemplo.

→ Relação entre conceito de género e futebol

Características de género e legitimização no futebol?

Está a falar de experiência?

Não, não tou a falar por mim. Tu olhas e tem aquele estilo e parece um homem e se calhar tem ganda técnica. Mas depois

chega-se ao jogo e à realidade e meu deus. [RISOS] E se calhar a que não metia medo, a mais feminina, é que faz o jogo todo.

Do seja é mesmo estereotipo? **QUESTÃO**

É mesmo! Mas cá em Portugal. Porque lá fora elas são muito femininas. É mais aquelas femininas do que as que não são femininas, é mais por aí.

É importante o desenvolvimento do futebol feminino para o desenvolvimento da modalidade? Em que aspetos?

Boa, não sei. [SORRI] Lá está, o futebol já ganhou a expansão que tinha a ganhar e acho que não é pelo futebol feminino que o futebol vai crescer. Mas eu acho que é mais gratificante para as mulheres que gostam de futebol, verem o futebol feminino a crescer como modalidade futebol. Ao ponto de, não tou a dizer chegar, se algum dia chegar ao ponto que é o futebol, mas ao ponto de tar a crescer para isso. Mas eu acho que não é por aí sinceramente que o futebol... [PAUSA] Apenas ganha outro... É um ganda globo, futebol é isto [GESTICULA] e ganhou mais um parceiro e pode crescer, depois em vez de ser assim [GESTICULA] fica tipo assim. [GESTICULA] Mas o futebol continua a ser isto, mais do que qualquer modalidade.

E para a sociedade, é importante? De um ponto de vista mais cultural, é positivo?

Como assim?

Por exemplo, ao crescer uma modalidade tão associada ao masculino, mas no feminino, qual é a importância para os papéis do homem e da mulher na sociedade?

Ah, isso é sim. Sendo que a sociedade hoje em dia, não é pelo futebol feminino, está muito mais, ou está muito menos machista. E isto vai desde as tarefas lá de casa, e não é pelo futebol feminino ou por qualquer modalidade feminina. Mas sim, pela emancipação da mulher basicamente e as mulheres foram ganhando isso. Agora claro que o futebol feminino, e a sociedade começar a ver mais o futebol feminino ou as mulheres a ganharem importância ou qualidade numa modalidade que é muito de rapaz, é tipo os homens ou as mentalidades ainda machistas verem as mulheres como melhores se calhar, neste caso praticar futebol, do que os rapazes. Perceberem que esta modalidade realmente não é só

Futebol como fenómeno
pluridimensional, sendo o
feminino apenas uma parte

→ fenómeno e
agente social

futebol como
modalidade sem género

→ visibilidade e
crescimento do fut.
fem. para a reconstrução
de modalidade

Características de gêmeo ←
no futebol

Masc: físico, intensidade

Fem: inteligência, paciência

para rapazes, já foi em tempos, já passou. Porque elas agora dão vinte a zero aos rapazes. [PAUSA] Claro, pode-se falar que ver um jogo competitivo entre rapazes ou ver um jogo competitivo entre mulheres, tou só a falar de coisas lá de fora, não é igual. Mas se conseguires analisar um jogo de futebol, consegue-se perceber que os rapazes é muito mais fake. Eles levam um toque caem, eles a disputa da bola é preciso mesmo tar aquele jogo mesmo [GESTICULA] para haver essa disputa de bola, de resto quase que andam ali a passear. O contacto, não é o contacto, eles usam muito mais a velocidade para meter intensidade à bola e muito menos a inteligência. Futebol feminino, nós é raro cairmos ao chão, se cairmos é quase grave. Não fingimos nenhuma lesão. Pronto. Inteligência superior, temos muito mais inteligência a jogar. Porquê? Porque não temos tanta capacidade porque somos mulheres, de dar intensidade ao jogo como os rapazes dão. Isso já é uma questão física e hormonas e tudo mais, não temos a culpa, então usa-se a cabeça. E muitas vezes esse jogo é muito mais bonito do que a intensidade que se possa ver no jogo, porque depois a intensidade acaba passado uns minutos. A inteligência pode tar lá sempre. E muitas equipas no futebol masculino começam a perder, ou começam a baixar linhas porque a intensidade acaba. Mas depois não são inteligentes sequer a baixar as linhas. [LONGA PAUSA] Isto tudo, ligado à cultura ou ao machismo, o futebol feminino sim, permite combater esse tal machismo no sentido em que os homens começam a olhar para as mulheres não só "ganda corpo", ou esta serve só "para não sei quê", não, já é diferente, já é uma coisa abrangente. Já consegues por as mulheres em coisas de homens, literalmente, como assim dizer. E qualquer dia não vai haver essas diferenças entre coisas de homens e coisas de mulheres. Porque tal como os maiores chefes do mundo de cozinha são homens e não mulheres e a cozinha tá ligada às mulheres, isso é ridículo, então os maiores chefes de cozinhas são homens, porquê que a cozinha tá ligada às mulheres? É mesmo mentalidades, é mesmo machismo e coisas de tarefas lá de casa. E isso vai-se associar ao futebol, um dia. Não agora, um dia. Quem diz ao futebol, possivelmente, se calhar não tão

⊕
Papéis de género e papéis no futebol ✓

impacto tal como o futsal não tem muito impacto pa Portugal, mas se calhar um dia também conseguem comparar futsal feminino com futsal masculino... Mas sim, o futebol sendo o futebol, claro que o futebol consegue muito mais, chegar mais rapidamente àquilo que quer e um dia não vai haver "é um jogo para rapazes".

→ Reconstrução de modalidade ✓

O que acha que precisa de mudar no panorama atual do futebol feminino?

⊕
Importância de estrutura ✓

Lá está. Sporting, Sporting de Braga, Benfica agora, estão a ser excelentes para o futebol feminino chegar mais depressa àquilo que pretende cá em Portugal. Mas acho que a Federação alcançou pouco pra àquilo que já anda a pensar à muito. A Federação acho que conseguia fazer melhor, com as pessoas certas. Acho que, este momento o futebol feminino já podia tar em dois patamares mais acima do que está, pronto. Está bom, mas se calhar aos olhos de quem já tá à espera de uma mudança há não sei quanto tempo, já podia estar dois passos acima. Se calhar já podíamos ter um Sporting e um Sporting de Braga há mais tempo, um Benfica, por assim dizer, e se calhar outras equipas também. Mas é muito mais importante apostar noutras coisas que, eu acho ridículo. Isso é um dos aspetos. [PAUSA] Tem posto prioridades à frente de prioridades maiores. Tem feito prioridades coisas que podiam ser em segundo plano, na minha opinião. Mais. [PAUSA] Clubes. Também querem querem, mas não dão condições. Já ouvi muitos clubes a dizerem, a prometerem e tudo mais, mas depois chega-se ao dito cujo e não há nada. Ou fica tudo na mesma. Tamos a falar disso de horários, de dinheiros, tudo. Atenção, há clubes e clubes e por exemplo o clube atual em que estou não duvido que esteja a fazer o maior esforço do mundo. Porque também já temos apoios, já conseguimos por exemplo ir, quando são viagens muito longas, ir um dia antes. Muito bom, porque é como se fosse um estágio. Imagine, uma viagem em que acordas às 6h da manhã, ou tens de mesmo tar no clube às 6h da manhã, ainda jogares e voltares à noite... Pronto, isso influencia tudo. Mas pronto, devia ser mais recorrente, e não posso só falar do meu clube. Acho que todas as equipas deviam ter esse investimento porque tamos a falar

→ Papel de FPF no crescimento do futebol feminino

→ Criar condições por parte dos clubes ✓

Respostas estruturadas

agência e estrutura

em prol do futebol feminino, não estamos a falar do meu interesse. Tamos a falar de todas as pessoas que tão envolvidas no projeto, e que para poderem competir e mostrarem qualidade, porque é a imagem do futebol feminino que tá em causa, as pessoas precisam de condições. [PAUSA] Acho que é os clubes, a Federação, e nós jogadoras também temos de ter o nosso próprio orgulho. Mas acho que isso já é uma luta de há muito tempo, portanto acho que nós somos a que temos menos culpa, do tipo "tôu farta". Somos as menos culpadas porque lá está, esta luta nós já fazemos à muito tempo, e acho mesmo que quem está a estruturar é que tem o impacto maior. Sei lá, [SORRI] deve ser só isso.

Há algo que não mudaria?

Não, não há nada. [SORRI] Mudaria tudo.

Que balanço é que faz da experiência de praticar futebol enquanto pessoa e atleta tendo em conta que pratica desde tão cedo e num contexto tão adverso?

Tendo em conta que eu não experimentei outra coisa, nem ser outra coisa, quase que cresci a ser assim... Mas eu acho que jogar futebol, ou ser pelo menos desportista, ou ter jeito para o desporto, não é só para futebol porque depois consegue-se ter jeito para o desporto em si. Abrem-se novos caminhos, seja a níveis profissionais, seja a nível de interagir, depois também cultura geral sobre esses determinados desportos, depois e interessas-te. Podes até não saber jogar tão bem basket como futebol, mas interessas-te minimamente. E [PAUSA], sei lá, isso é bom na experiência que eu tenho no trabalho, então como monitora dá-me um jeitoço. [SORRI] Mas mais importante ainda, foi ter criado uma disciplina desde muito cedo. Horários, ouvir, cooperação, equipa, isso tudo, tudo o que envolve um desporto coletivo, pá na minha opinião todas as pessoas deviam ter. Não é impingir um desporto coletivo às crianças, mas as bases que um desporto coletivo tem, envolve. E isso enquanto pessoa, lá está, eu não dou por mim porque eu nasci com isto. Eu não comecei simplesmente aos 10 anos ou aos 12. Eu comecei mesmo sem saber quase escrever. Mas por ter isso tão tenra idade, sei lá, consigo ver várias fases da moeda, consigo ver o que é uma equipa, que hoje em dia as

→ Proporcionar condições

→ Importância socialização

crianças são todas muito individualistas. É que são coisas que as pessoas não pensam diariamente, mas se calhar tu olhas para trás e tu dizes "isto fez-me na pessoa que eu sou", basicamente. Mas por eu não ter tido nenhuma experiência antes disso, eu não posso dizer "eu antes não valorizava um contexto de equipa ou contexto de cooperação e agora valorizo". Não, eu sempre valorizei isso porque eu só funciono assim. É bom jogar futebol ou ser desportista pelo simples facto de abrir-me portas e ter um lado forte, tou ligada ao desporto. Isto no trabalho é ótimo, pelo menos para a minha profissão, ou para aquilo também que quero. E como pessoa é basicamente isso que falei, depois o resto é aquilo que tu aprendes em casa, é aquilo que tu aprendes no futebol. Mais a questão de saberes que uma bola, duas balizas, e tens de saber quem é a tua equipa, e tens de saber quem não é a tua equipa, mas tens de respeitar todos mutuamente. Sei lá, isso são coisas que o futebol te dá, basicamente, primeiro que em casa muito possivelmente.

Quais as motivações para continuar a praticar futebol?

Nada [RISOS], vou já desistir. [RISOS] O que é que me motiva? É mesmo o gosto, é só mesmo o gosto e por saber que vai sempre haver aquele bichinho e que se eu deixar, vai sempre haver aquele bichinho, que me faz querer voltar. Porque não é fácil tares numa época que te tá a correr mal, não é fácil tares à chuva, ao frio, aquelas horas da noite, saber que tens de acorar cedo de manhã...[PAUSA] Não é nada fácil. Quando chega ao Verão é tudo muito bonito porque já faz sol e não sei quê, tá a escurecer e já tá a acabar o treino, e se calhar ainda vais sair porque a disposição é outra e tudo mais. Mas o pensamento quando tás inserida no contexto época que é o Inverno todo, é cansativo, é cansativo. E por muito que tu gostes, quase que não tens vontade de ir treinar. Eu tenho vontade de tar a treinar, eu quando tou a treinar tou com vontade, tou a gostar daquilo que tou a fazer porque tou a jogar à bola, ponto. Mas o ir treinar? Tipo, tou em casa ou vou sair do trabalho, para onde é que me apetece ir? Casa. Mas tenho de perceber, o futebol é hobbie, foi aquilo que eu escolhi para hobbie. Eu não ganho nada com o futebol, se eu

→ gosto pela prática

me meti aqui foi porque eu quero, portanto compromisso. Lá está, mais uma coisa, compromisso. Uma coisa que eu tenho muito desde pequena, porquê? Futebol. Assinares, comprometeres-te a estar, bora, agora tens que acabar. Mas já é para aí a minha quarta época que eu sinto isto, que é o cansaço. Mas eu gosto mesmo de jogar. Portanto sempre que eu for para férias, eu acabo a época "pá, é este ano". Mas depois passa um mês e eu digo? O Europeu, o Mundial, ehh tenho mesmo saudades de jogar à bola. [pausa] É o gosto [RISOS].

Obrigada.

